

MIGUEL ÂNGELO

marilusa moreira vasconcellos

Romance
Mediúnico



Tomás Antônio Gonzaga



MIGUELÂNGELO

ROMANCE MEDIÚNICO

MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

PELO ESPÍRITO TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

EDITORIAL ESPIRITA RADHU LTDA.

R. MARIA OLIANO GERASSI-288

MOINHO VELHO- SÃO PAULO

Tel: (011)2274-3818 - CEP- 04284-065

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

Dados na catalogação na publicação

Editorial Espírita Radhu Ltda.

Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810 (espírito)

Miguelangelo: romance mediúnico/Marilusa MoreiraVasconcellos, ditado por Tomás Antônio Gonzaga - São Paulo, Radhu, 1992.

1.Psicografia 2. Romance brasileiro 3.Miguelângelo 1475-1564. 4.

Vasconcellos, Marilusa Moreira. 5.Tomás Antônio Gonzaga 6. Romance mediúnico.

123456

Índice para catálogo sistemático.

1. Psicografia: Espiritismo 133.93

2. Romances históricos: Século 20:Literatura Brasileira

123456

Todos os direitos reservados Editorial Espírita Radhu Ltda. São Paulo-SP

ÍNDICE.

Do autor

Palavras iniciais

I PARTE

CAPITULO I - Com Lourenço de Médici (1492-1494)

CAPITULO II - Torrigiani (1495)

CAPITULO III -Uma visão singular e um aviso oportuno (1495)

CAPITULO IV -Miguelangelo conhece Leonardo (1499)

CAPITULO V - Com Vannucci (1501)

CAPITULO VI - A disputa ou Roma

CAPITULO VII - Lisa e o coveiro

CAPITULO VIII - Com Júlio II

CAPITULO IX - Monalisa

CAPITULO X - Juliano, Miguelângelo e Rafael

CAPITULO XI - Morte de Mona Lisa (1516)

CAPITULO XII -Morte de Leonardo da Vinci (2/5/1519)

CAPITULO XIII - A criação do Mundo

CAPITULO XIV - Fernando de Avalos, Marques de Pescara

CAPITULO XV - Encontros noturnos

CAPITULO XVI - Leão X, Clemente VII e Paulo III

CAPITULO XVII - A ovelha ensina o pastor

CAPITULO XVIII -Vitória e Miguelângelo (1536)

CAPITULO XIX - Um amor incomum

CAPITULO XX - Morte de Vitória Colonna

CAPITULO XXI - O Juízo Final (1540)

CAPITULO XXII - Acaiaca e Fernando D`Àvila

CAPITULO XXIII - Morte de Miguelângelo (1562)

CAPITULO XXIV - No Plano espiritual

II PARTE

CAPITULO I- Em Minas Marília de Dirceu

Quadro colocado no Átrio dos Túmulos dos Inconfidentes

CAPITULO II- Em Minas de Akenaton , Tiradentes, Dom Bosco e JK

Uberaba, 16 de Janeiro de 1981

Filha,

Jesus nos abençoe.

Os Mensageiros da Vida Maior que servem à Causa do Bem, através de suas faculdades, estão a postos, fortalecendo-a na sustentação e na continuidade das suas tarefas.

Trabalhem na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(Página recebida em reunião do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Uberaba, 25 de Maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(Mensagem recebida em reunião pública no Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier, para a médium Marilusa, como orientação para seu trabalho.)

“...TAMBÉM EU TENHO SONHOS, PODES CRER, EU QUE SÓ DEVIA TER PESADELOS. VEJO UMA BELA CIDADE. VEJO-ME A TRABALHAR EM IGREJAS, A PINTAR O PRÓPRIO DEUS. EU TAMBÉM JÁ VIVI, E LONGE DAQUI, SÓ QUE NÃO SEI ONDE. QUER VER?

TIROU DA GAVETA DA MESA UM PAPEL AMARELADO PELO TEMPO.

–ESTOU COM ESTE PAPEL GUARDADO HÁ ANOS. SABES QUEM ME DEU? NÃO PODES ADIVINHAR? POIS FOI MEU PAI. OLHA, PODES OLHAR. AÍ SE VÊ UM ANJO, UMAS FIGURAS, MEU PAI ME DISSE QUE SÃO FIGURAS FEITAS NA ITÁLIA. EU NUNCA FUI À ITÁLIA, NUNCA, MAS SEI QUE QUEM FEZ ESTE TRAÇO FUI EU, EU, ANTONIO FRANCISCO LISBOA, COM OUTRA CARNE, COM OUTRO JEITO, MAS SEMPRE UM MESTRE ESCULTOR. MAS NÃO É TUDO, DR. TOMÁS - FALOU, TORNANDO A GUARDAR O PAPEL. - ÀS VEZES PAREÇO IR AO INFERNO. VEJO-ME A CORTAR GENTE AOS PEDAÇOS. DOU NACOS DE CARNE HUMANA PARA OS CACHORROS COMEREM, PODE SER UMA COISA DESTAS? BEM PODES SABER QUE SÓ HÁ DUAS COISAS BOAS NESTA VIDA: AMAR E MORRER. JÁ FIZ A PRIMEIRA, QUANDO CHEGAR A SEGUNDA, SABEREI TODAS AS VERDADES DE MIM, O RESTO NÃO IMPORTA.

EU VIRA O DESENHO QUE ME MOSTRARA, EXTRAÍDO DE ALGUMA CÓPIA. CLÁUDIO MANOEL JÁ CONHECIA AQUELE PAPEL. JÁ OUVIRA FALAR DISTO.”

(Trecho do livro Confidências de um Inconfidente, pág.161)

“Agradecemos aos Mentores Espirituais e aos amigos encarnados que nas suas áreas de atuação colaboraram, para a materialização desta obra.

Pela boa vontade, desprendimento, abnegação e auxílio, o reconhecimento da médium, do autor espiritual e da Editora Radhu.”

DO AUTOR

Querido irmão:

Jesus nos abençoe.

O périplo de nossas peregrinações sempre nos levou em múltiplas civilizações, em posicionamentos diversos, ao constante aprendizado evolutivo, enriquecedor de nossos espíritos.

A figura grandiosa de Aleijadinho, que acabou por se transformar em um mito nas Minas Gerais, foi a realização de um ser, em condição adversa, pela própria bagagem cultural e espiritual, alcançadas em vidas anteriores.

Foi, deste modo, que fomos buscar sua personalidade da renascença, na figura ímpar de Miguelângelo, tanto quanto assistimos o reencontro dele com Leonardo da Vinci, para as tarefas espirituais, voltando pela mediunidade, na psicopictografia, da querida companheirinha, que nos possibilita o retorno às lides literárias e artísticas.

Rever, portanto, o inigualável amigo Aleijadinho, com seus afetos, em meio às tramas dos papas, dos Bórgia, dos Médici, dos Farnese e dos Colonnas, foi não apenas gratificante, mas profundamente marcante e agradável.

A cada livro que concluímos, com as lições que trazem, e o reviver dos episódios, mais o amor se amplia entre nós, mais a esperança rebenta em vergôntes novas, mais a confiança nos impulsiona.

O carinho e o apoio que vimos recebendo dos amigos daqui e dos encarnados, nos incentivam a darmos prosseguimento as tarefas que nos foram encaminhadas como elementos renovadores do caminho.

Mais uma vez endereçamos a Jesus toda a gratidão e alegria, e aguardamos que, para ti, o desfilar da vida de tantos companheiros possa

ser motivo de meditação, aprendizado e evolução.

Jesus te abençoe e a nós.

TOMÁS.

PALAVRAS INICIAIS

Querido leitor:

Jesus nos abençoe.

Cada livro recebido é marco renovador em nosso caminho, e este, em especial, por estar centrado na figura de um espírito que nos tem conquistado, pela admiração que causa e pelo amor que se exara dele, foi esperado e recebido, num misto de enlevo, respeito e surpresa.

Claro que ele não abrange totalmente toda a essência de Miguelângelo, o nosso Aleijadinho, mas, às vezes, ele vai além, quando dimensiona fatos da vida de seus contemporâneos, como Vanucci, Filippino Lippi, Leonardo da Vinci e outros.

Nós, que, particularmente, vimos trabalhando na pintura mediúnica, sob a orientação de Leonardo da Vinci, ficamos encantados de, através deste livro, conhecer fatos particulares de sua vida e de sua personalidade.

Isto nos levou a entender, com maior clareza o porquê das tarefas que abraçamos, e a firmar, ainda mais, a convicção na indissolubilidade dos laços afetivos, únicos capazes de nos impulsionar, em busca da própria melhoria.

Ao concluir mais esta obra, transbordamos a alma de amor e perdão, ternura e carinho, admiração e alegria infindos, por todas as bênçãos auferidas, e, na certeza do amor que nos direciona, desejamos que a paz de Jesus esteja em teu coração.

MARILUSA

CAPITULO I - COM LOURENÇO DE MEDICI (1492-1494)

Caminhando por entre o esplêndido jardim dos Médici, Miguelângelo parou um momento a observar a estátua maneirosa do fauno velho que parecia, naquele momento, absorto a ocultar o sorriso do rosto. Em sua memória, imediatamente, a figura do velho Médici se desenhou nítida. Em meio ao arvoredado, àquela hora que antecedia a noite, o escultor pareceu rever as cenas do passado, e até ouvir o som da risada

juvenil dele e de seu comparsa de aventuras, de correrias a cavalo e as aulas até de escultura.

Fora com aquele fauno que ele fora admitido à casa dos Médici, que sempre o haviam tratado como membro da família, como um filho querido. Lembrava-se que Granacci trabalhava no jardim dos Médici, em San Marco, e o magnífico Lourenço, (pai do papa Leão X) tinha muitas estátuas antigas e ornamentais neste jardim. Sempre o ia ver na oficina de Domenico, porque era a melhor escola de arte da época, e sempre tinha muitas encomendas dos nobres. E, numa das vezes, Lourenço ficara encantado com uma estátua de um fauno velho, que tinha uma longa barba e cuja boca mal se podia ver, e pediu a Miguelângelo fizesse a peça em mármore.

Ele se lembrava bem como havia se dedicado à tarefa, como se encantara de produzi-la em toda sua expressão, caprichando nos detalhes. No dia em que a dera por finda, eis que Lourenço a observara com admiração, e voltara em torno dela, enchendo-o de alegria e orgulho, mas depois, sem afetação, comentara no seu modo franco e sem intenção de magoá-lo, rindo-se dele:

–Oh! Tu hai fato questo Fauno vecchio, e lasciatigli tuttii denti. Non sai tu che a`vecchi di tale eta sempre ne manca alguno?

Ou seja:

– Tu fizeste este fauno velho, e deixaste-lhe todos os dentes? Não sabes tu que, a um velho sempre lhe falta algum?

Aborrecido, o escultor então jovem pensara na observação e, tão logo “el magnífico” se retirara, pusera-se a arrancar um dos dentes daquela gengiva, com muito empenho.

No dia seguinte, esperara impacientemente a visita de Lourenço. Este veio e, ao perceber a mudança, muito se riu da ingenuidade do escultor, e pensou imediatamente em tê-lo em casa por filho, de tal sorte, que pedira para levar ao seu pai Ludovico um recado que precisava falar-lhe.

Ludovico se enchera de preocupações. O que teria feito o filho, para atrair a atenção do senhor Médici? E o repreendera:

–Buonarrotti, o que me andas a esconder?

–Nada sei. Apenas pedi-me que o viesse chamar, que o fosses ver, mas nada fiz de que possas me acusar, senão tenho trabalhado com

diligência na oficina de Domenico e jamais faltei a qualquer com respeito, meu pai.

Ludovico saiu preocupado e foi ao encontro do nobre, que lhe explicara seu desejo que, daquele dia em diante, se servissem dele como de um amigo, e que deixassem estar em sua casa, onde tinha um estúdio próprio, e onde se sentaria à mesa, como um filho, teria comodidade, consideração, e tudo o que precisasse para desabrochar o gênio que o arrebatava.

Buonarrotti se lembrava de tudo. Estava então com quinze para dezesseis anos, e muitos eram os jovens que teriam desejado receber as atenções e o carinho que lhe foram sempre dispensados naquela casa.

O fauno velho o olhava e ele pensava em Piero, agora órfão, que fora seu companheiro muitas vezes. Recordava-se das conversas havidas com Poliziano, escritor famoso, cultíssimo, e que lhe havia regalado com tanta atenção.

–A morte é apenas uma passagem para a vida verdadeira, Miguel. Não chores por Lourenço, porque ele jamais nos abandonará. Não debes apenas te desprender dos bens materiais, senão também dos apegos às pessoas, porque todos nós partiremos um dia.

Pelo pensamento passou o pedido de seu pai, para que ele fosse servir a Marcos Pucci, com a morte do companheiro deste. Apesar da preocupação de Ludovico com seu filho, e com os problemas monetários da família, Lourenço, conhecendo a disposição de espírito de Miguelângelo, abraçou-o com carinho, e, batendo no seu ombro, liberou-o com estas palavras:

–Se queres ir em companhia de Marco, podes ir. Teu pai é ambicioso e se engana, tu serás sempre pobre!

A lembrança dos tempos juvenis, o amparo de Médici, para o desabrochar de seu gênio criador, era vívida em seu espírito.

Em meio ao arvoredado, agora que a lua deixava seu rastro prateado entre a folhagem, como que ouvia o passado a repetir os fatos que o impressionavam:

–Mira, Lourenço, não está fantástico?

–Fantástico? Pois não vês que desenhaste o companheiro do rapaz? Onde puseste seu retrato, que o pai te deu a fazer, a esboçar?

Miguelângelo que se pusera a trabalhar como um doido na feitura da cabeça encomendada, sem se ater ao cansaço que o tomava de assalto, mal se dera conta do engano feito. Domenico ou Granacci poderiam ser os artífices da obra, mas lhe haviam encomendado. A ele, um menino de apenas 15 anos, que privava da amizade e amparo dos Médici.

–E como farás agora? - perguntava-se a rir a bom rir Lourenço.

O rapazote ficara um tanto embasbacado, mas, valendo-se da fumaça da fuligem e da cola que sobrara, pôs-se a misturar as tintas com desespero...

–Não adianta. Não conseguirás mudá-lo

–Hás de ver que consigo. - falou ele determinado em sua preocupação.

–Deixa disto. Pede maior prazo e depois faz outro.

–Cala-te! Não me conheces! Hei de mudar-lhe o semblante ou ocultá-lo à sombra.

Lourenço sabia o cuidado que o rapazote tinha para escolher as tintas, como comparava a cor do pêssago com as tintas que deviam representar a cútis de uma pessoa, como era exigente na mistura e no preparo das tonalidades, e do riso passou ao cuidado com o companheiro.

Quis falar alguma coisa, mas Buonarrotti, nervoso e ágil, ordenou:

–Não diga mais nada! Não me interrompas!

E, febrilmente, começou com os pincéis a retocar a obra, já acabada, pondo luz e sombra, jogando com uma audácia e rapidez, que não pareciam suas.

Lourenço ficara interdito, passando do riso ao assombro.

O rapazote trabalhou rapidamente. E, findo os reparos, o jovem Médici estava de boca aberta. Nada na obra lembrava a figura de instantes. Todo o quadro se remodelara.

–Ninguém perceberá a mudança. És um demônio! - comentara espantado e com admiração.

As imagens continuavam desfilando por sua cabeça, enquanto as lágrimas lhe corriam no rosto.

Entre as flores o velho fauno o fitava, com seus olhos marmóreos, pensativo e com o riso a faltar-lhe um dente.

Miguelângelo abraçou-se às pernas da estátua e deixou que os soluços lhe brotassem aos borbotões do peito. Seu protetor, Lourenço de

Médici, morrera aquele dia.

Muitos amigos e companheiros, amores e decepções ainda amargaria vida afora, pela sua sentimentalidade exagerada, pelo seu carinho imenso, por aquele entregar-se de corpo e alma à arte, e às pessoas, naquele devotamento intenso que não conhecia jamais os limites de sua própria fragilidade.

CAPITULO II - TORRIGIANI (1495)

–Sou um artista, porém, antes de tudo sou Miguelângelo Buonarrotti! Não pedirei favores a ele, nem a você, nem a ninguém! Meu valor sobrepujará as artimanhas de todos! Nasci em Caprese, com a marca de minha raça!

–Estou apenas querendo ajudá-lo. Domenico Ghirlandaio pode abrir-lhe as portas da Sociedade Fiorentina, mas não tem porque desprezar o amor que lhe dedico, minha admiração, minha fidelidade a você.

–Que sabe você de fidelidade, de amor ou de arte, Torrigiani? Quis posar para mim. Aceitei. Mas não se pode dizer que é um exemplar de exuberância física. Não se pode dizer que seria um Apolo, não é mesmo?

–O que lhe põe tanta soberba, Miguelângelo, quando eu, mais do que ninguém, sei o que lhe move o gênio, o que lhe encanta a vista, senão as formas carnosas dos modelos que o inspiram?

Torrighiani, o companheiro de folguedos, o colega de aprendizado sem talento, quase uma sombra do jovem promissor aluno de Ghirlandaio, perdia a calma com facilidade, apesar de seus modos às vezes quase femininos, e não podia permitir que, valendo-se de sua ascendência aristocrática, novamente Buonarrotti viesse a amesquinhar-lhe a oferta de auxílio, para suas necessidades materiais, pois viera até ele, no intuito de o auxiliar nas dificuldades financeiras pelas quais passava. Verdade, que não o movia apenas o sentido caridoso, senão gostaria de ver expresso de algum modo, ou de um modo particular, a gratidão do seu amigo. Porém, pressentindo-o. Miguelângelo enchera-se de fúria e não apenas o exprobrara, como o amesquinhara física e espiritualmente. Torrigiani não podia admitir isto.

–Já lhe disse e torno a repetir. Sou Miguelângelo Buonarrotti, antes mesmo de ser um escultor, e, pela minha vida, para de perseguir-me como

um cão a seu dono. Já discutimos isto.

–Eu sempre lhe apoiei em tudo. Somos amigos.

–Um amigo não cobra apoio ou favores.

–Pelos céus, Buonarrotti! Não há porque ficar tão irado!

–Some daqui, seu...

Torrighiani levantou-se frente a palavra que escapava ao jovem escultor, sem mais conter-se.

–Se arrependerá de me haver rejeitado!

–Já lhe disse que suma daqui! Sou eu quem escolho com quem devo andar, quem me convém e como fazer as coisas! Minha vida me pertence e a ninguém mais!

–Miguelângelo, lhe peço, em nome da amizade que sempre nutri por você...

–Ainda insiste? Se alguém me faz um favor, por amizade jamais pensaria em cobrar-me, muito menos da forma como você o fez. Repito. Some daqui!

E o jovem escultor, abriu a porta de seu ateliê, jogando à rua a capa do jovem que, assustado e enraivecido, pendia de suas palavras rudes.

Torrighiani admirava o escultor jovem, como se fosse um deus. Tolerava-lhe o gênio intempestivo, pousava para ele, levava seus recados, abandonara suas ocupações para estar junto dele, e não podia imaginar porque sua presença tanto irritava o artista.

–Some daqui! - gritou Miguelângelo tentando puxá-lo pela roupa, a fim de atirá-lo à rua.

Torrighiani deu um puxão ao corpo, soltou-se e, tomando do cinzel que ficara sobre um móvel, avançou com a agilidade de um felino sobre Buonarrotti. Abraçaram-se e o rapaz deu-lhe um soco no nariz tão violento que o quebrou, nem houve tempo para defender-se e já o cinzel lhe talhava o rosto de forma tão profunda que o sangue jorrou abundante. O escultor não esperava por aquele gesto tresloucado do rapaz, que fora sempre seu amigo, e mal pode levar a mão ao rosto, enquanto o outro, assustado com o próprio gesto, saía para a noite, em corrida desabalada.

O artista correu para o espelho. Seu rosto principiara a ficar inchado com os golpes recebidos, e macerado avermelhava-se com abundante jorro de sangue vermelho. A dor era intensa. Cambaleante procurou um

pano, com eu pudesse estancar o líquido que corria, encharcando-lhe a blusa farta de babados.

Procurou água e deitou-a sobre uma bacia, indo à busca de algum medicamento caseiro que lhe pudesse valer.

Tateou a pensar em ajuda e caiu de borco sobre o tapete do cômodo, meio entontecido. Assim veio a encontrá-lo, algumas horas depois, banhado em sangue, seu mestre Girlandaio, juntamente com outros discípulos. Trataram de socorrê-lo.

–Maldito Torrigiani! - murmurou Buonarrotti enfraquecido. - Marcou-me para o resto da vida!

E não se enganava. O golpe vibrado pelo admirador macerara-lhe tanto rosto, que, nos anos seguintes, deixou a barba crescer, no tentame de ocultar o estrago feito pelo outro, e sempre se considerou um homem feio, pelas marcas que passou a carregar, lembrança de uma paixão avassaladora de um amigo, que se perderia pelas estradas, sem jamais esquecê-lo, ou deixar de temê-lo.

CAPITULO III - UMA VISÃO SINGULAR E UM AVISO OPORTUNO-1495

Já fazia bem uns três anos que seu querido pai espiritual Lourenço, o Magnífico, houvera partido para o plano espiritual, e Miguelângelo foi readmitido à casa de Cosme, o velho, por seu filho, Piero, que o obsequiava do melhor, fazendo com que fosse hóspede novamente em casa, com todas as regalias anteriores.

Verdade que isto era uma vitória, para o jovem escultor, de vez que Piero tinha um gênio terrível e era muito difícil conseguir-lhe as graças, pois tinha um modo insolente e tratava a todos com superioridade e grosseria, sendo nos feitos bem diferente dos irmãos, o cardeal Giovanni, cuja bondade era reconhecida em todo lugar, e Juliano que a todos tratava com cortesia e humanidade. Era de ver-se que influência diferenciada causara a educação dos clássicos, e a presença de Polizioli, entre aqueles três homens tão díspares em suas disposições, atitudes e escolhas.

Mas não era apenas Miguelângelo que privava da oportunidade, já nem saberemos afirmar, gratíssima de estar em casa dos Médici, ou se

fora antes, eles que estavam sendo obsequiados com a presença de um homem ímpar, pelos méritos de sua arte, mas outros artistas também eram admitidos no interior doméstico, e protegidos em suas aspirações. Miguelângelo vivia correndo à toda brida a cavalo com Piero, e apenas ele é que podia realmente rivalizar com ele, e até ganhar neste esporte, pois a nenhum outro sabia o filho do magnífico Lourenço prodigalizar com seu afeto e com os bons humores, ao perder uma corrida.

Foi mesmo num destes dias, em que, rosto afogueado, com seus magníficos vinte anos, feliz por novamente aproximar-se daquela família que era como se fora sua família espiritual, que ele encontrou seu pai Ludovico, que vinha buscar os favores de seu padrinho e amigo de então. Isto aborrecia profundamente o jovem escultor, que tudo quanto ganhava com seus méritos já enviava à família, naquele desprendimento que não conhecia limites, mas teve que engolir o desgosto.

Tão logo o pai saiu e foi procurado por um cantor, que improvisava magnificamente na lira, e que sempre era chamado a distrair a família. Seu nome era Cardiere e era muito tímido e calado, sempre obsequioso com todos, de uma sensibilidade rara, e de uma voz maravilhosa.

Miguelângelo privava de sua amizade e sabia dos dons (mediúnicos), que o moço possuía. Já tinha tido oportunidade de mais de uma vez evidenciar a seriedade das visões do rapaz, e percebeu pela palidez e pelo olhar preocupado do moço, que alguma coisa havia acontecido.

Deste modo, não se fez de rogado, quando o jovem pediu-lhe para conversarem a sós.

Tão logo percebeu que ninguém os ouvia, principiou Cardiere a narrar o que lhe sucedera, muito assustado e temeroso:

–Miguelângelo, sabes que eu não minto, não bebo, não sou dado a confusões, nem tenho ataques. - principiou ele balbuciante.

–Conta logo sem preâmbulos. O que acontece?

–Ontem, estando no jardim e passando ao salão, tive uma visão terrível.

–O que andaste a ver?

–Eu jamais esquecerei o que vi e ainda fico suando frio ao me lembrar. Eis que vi no meio do salão, com a roupa toda negra esfarrapada, e voando ao vento, a figura triste de Lourenço de Médici.

O escultor ficou interdito, pois muito amava aquele ser que partira, e a ideia de tê-lo a vagar em tal circunstância de sofrimento e miséria lhe constrangeu a alma.

–Tens certeza que era Lourenço? - perguntou com a cabeça à roda.

–Sim. Eu o conheci. Como você jamais o esqueceria, Miguel. Ele tinha uma expressão de profundo desgosto, e eu fiquei sem ação nenhuma. Totalmente aterrorizado. Ele caminhou até mim e até agora não sei como não desmaiei de susto. Olhou em torno como se sofresse muito e pediu-me.

–Cardiere, pela amizade que nos uniu, eu te peço, eu te ordeno, que deves dizer ao meu filho, a Piero, que brevemente ele sairá de casa perseguido, e não poderá nela mais tornar. Prometa que lhe dirá.

Seu abatimento era doloroso de ver-se eu quis falar e prometer, mas, de repente, sua figura desvaneceu-se ante meus olhos e eu, desde então, não tenho tido mais sossego, pois não tenho coragem de falar a Piero sobre isso, pois sei de seu gênio intempestivo e ele por certo, há e enraivecendo-se comigo, pensará que enlouqueci.

O escultor ficou a observar a palidez do músico cantor e lembrou-se de seus prognósticos quando da morte de Lourenço e como eles haviam sido confirmados depois. Também houvera avisado naquele episódio e agora, vendo-o, tinha certeza de que passara pela experiência que narrara, pois até os pelos de seus braços estavam arrepiados com o acontecido...

–E nada mais te disse ele? Quem escorraçaria Piero de sua própria casa? Isto não faz muito sentido. Tem certeza de que não te disse mais nada?

–Tentei descobrir o sentido de seu aviso, mas não atinei com nada. Eu, é verdade, não lhe prometi falar ao filho, mas não tenho tranquilidade, desde então, e não quero ter remorsos que nada lhe aconteça, pelo fato de eu não haver lhe referido, mas não sei como dirigir-me a ele. Não posso simplesmente dizer que vi o morto, que ele me falou e ainda mais o que me disse.

–Pensar que, depois de tudo, Lourenço não tenha sossego é coisa terrível, mesmo para mim, que sei o quanto a vida sabe ser dura, mas, Cardiere, você precisa conversar com Piero, fazê-lo ouvir o recado de seu pai, contar-lhe tudo, tal como se deu...

–Não me peças tal. Não vês? Piero me mata com sua espada. Não me resta outra saída, senão pedir-lhe que o faça por mim, ou, quem sabe, dizes que sonhaste, sabes que não minto. Ah, meu Deus, porque ele não apareceu ao próprio filho, se queria falar-lhe. Por que foi fazê-lo a mim?

–Não fica assim. Piero te estima. Saberá ouvir-te. Fala-lhe. Que mal pode haver? É o aviso de um morto e ele saberá dar-lhe o devido valor.

–Ele nunca me ouvirá, antes duvidará de minha integridade mental.

–Se queres um conselho, atende ao pedido do morto ou não terás tranquilidade, pois talvez ele te apareça mais vezes, a cobrar-te os favores que todos lhe devemos.

–Deus me livre de tal, Miguel. Antes prefiro morrer. Desde ontem que não durmo, mantive a vela acesa todo o tempo e ouvi o galo cantar ao romper da alva. Não tenho mais um instante de sossego.

–Então conta a Piero!

–Não! O morto que encontre outro mensageiro, que me falta a coragem! Conta tu, por mim.

–Eu não saberia nem por onde começar. Vai, fala, que eu te darei apoio.

–Não tenho coragem de enfrentar aquela fera feito homem. Se fosse para falar a Juliano ou ao cardeal, ainda podia ser...

–Cardiere, mantém tua dignidade! Piero não duvidará de tua palavra.

–Não estou tão certo. Quem me dará garantias? Com um tapa me porá no chão, pode mesmo entregar-me à mão dos inquisidores, por minhas visões. Ah, que isto é um tormento. Para mim nada adiantam.

–Não devias falar assim. Tuas visões são um amparo de Deus às pessoas que nos auxiliam. Se seu pai quer falar com Piero, tua visão é um canal de comunicação com o velho pai. Quem sabe esta ligação é divina, espiritual, é a piedade de Deus que se manifesta, para auxiliar nosso hospedeiro, nosso amigo e mecenas...

–Se ele pensasse por esta forma, eu lhe iria falar ainda agora, Miguel. Muitas vezes tentei dialogar com ele, para saber o que pensa de pessoas que vêem fantasmas, mas ele me riu no rosto, fazendo pouco caso do que eu dizia. Se não fora por isto, eu lhe contaria todo o desenrolar dos fatos, com a visão e as falas de seu pai, mas sei que ele me maltratará.

–Tu te arrependers de não havê-lo avisado.

–Pois avisa-o tu. Eu já fiz a minha parte. Ele te ouve mais que a qualquer outro. Tu podes fazer e desfazer na sua casa...

–Não é bem assim.

–É bem isto. Eu não posso me comprometer. Podes ajudar-me. Faça-o.

E o músico, lançando um olhar súplice ao artista, saiu do aposento. Este tentou ainda chamá-lo, mas ele nem se voltou.

Miguelângelo ficou meditando na vida e morte, as coisas que ouvira, nos fatos que viviam recheando sua vida, nos sonhos com a mãe e com Massaccio, que ele não conhecera.

–Quantos mistérios tem a vida! - concluiu dirigindo-se aos seus aposentos e, apesar das instâncias do amigo cantor, resolveu não interferir naquele assunto, referindo o que ouvira a Piero, mas buscando insistir com o músico para que o fizesse.

No outro dia, quase à hora do almoço, novamente cruzou com Cardiere, que estava à sua procura ainda mais desesperado.

Atravessava no momento o pátio do palácio, e o outro veio correndo quase sem fala ao seu encontro.

–Acabo de vê-lo. - falou tão logo se recuperou um tanto.

Miguel banhara seu lenço à fonte e lhe passava no rosto pálido.

– O que?

–Acabo de vê-lo de novo. Não me dá sossego. Está zangado comigo. Perguntou-me porque não dei seu recado ao filho. Instou-me que o fizesse imediatamente, disse que não me dará sossego enquanto eu não o fizer. Ah, que não suporto vê-lo.

E o pobre mancebo falava em palavras entrecortadas de susto e pavor, olhando para os lados, com receio que a figura de Lourenço novamente viesse caminhando em sua direção, a veste negra, rota, e os cabelos ao vento, o dedo em riste.

–Acalma-te. Quando foi isto?

–Ainda há pouco. Ficarei louco! - deixou escapar o mancebo apavorado.

–Conhecendo Lourenço, como conheci, tenho certeza de que não te deixará em paz, enquanto não lhe avisares o filho.

–Ah, porque não o fizeste por mim? Acabarei numa enxovia, ou escorraçado daqui como um cão sarnento. - falou o moço com a voz triste

e medrosa.

–És um homem ou não? Deixa-te de tanto falar em vão. Vai a Piero e conta-lhe o que se passou. Ele saberá que não mentes. O pai há de se mostrar a ele que está por trás do que estás vendo e contando.

–Por que ele não me deixa em paz?

–Isto ele não fará, estejas certo. Bem posso imaginar, pelo que sei dele, mas porque não diz o que está para acontecer?

– Terei então que falar-lhe?

–E quanto antes o fizeres, melhor para ti.

–Nem sei onde ele se encontra.

–Está na casa dos Médici, na Villa, tem três milhas daqui. Melhor que peças um cavalo e que partas o quanto antes.

–Vem comigo.

–Deixa de ser medroso. Faze o que tens a fazer.

O rapaz saiu desalentado e tratou de preparar montaria para ir à busca de Piero, mas, justamente quando ia saindo da propriedade, cruzou com ele e alguns servos, que vinham voltando da Villa.

Animado pelas palavras de Buonarrotti, o músico criou alento novo e dirigiu-se a Piero, dizendo que justamente estava saindo à sua procura, por algo surpreendente que havia acontecido que precisava referir-lhe. Piero quis despachá-lo naquele momento, ansioso por entrar na propriedade e descansar, mas ele obstou-lhe os passos, dizendo apressado:

– Senhor, o que tenho a vos dizer é de suma importância, e, por isto mesmo, não pode mais esperar.

–O que acontece? Fala, então logo. - pediu Piero.

–Senhor, desde ontem que me assombra a figura de vosso pai, que me apareceu com uma veste toda negra e com um olhar terrível.

–Pois quê?

–É verdade e Deus sabe que não minto, nem estou querendo receber nada, mas hoje novamente tornou a me aparecer, perto do pátio, e me exprobrou porque não fui ao vosso encontro, para referir o recado que me deu.

–Então, tens um recado de meu Pai. - e Piero deu uma estrepitosa gargalhada, dizendo a seguir: - Melhor ficasses entre as musas e a música do que te saíres com esta, Cardiere.

– Senhor, não zombes, por favor. Teu pai está muito zangado comigo e deve saber de coisas que ignoramos, pois manda avisar-te que sairás desta casa perseguido e não mais poderás tornar a ela...

– Estás maluco? Andaste a beber? Quem te põe tais ideias?

– Jamais bebi e não é a primeira vez que me vêm avisar de algum fato funesto. Mas não posso deixar de referi-lo, pois teu pai não me dá sossego, enquanto não te der seu recado.

– És um “patzo”! - gritou Piero, tomando do chicote, e tentando com ele golpear o moço, no que foi secundado por um cardeal que o acompanhava e que gritou:

– Estás demente! Se Lourenço quisesse aparecer a alguém, o faria ao filho, antes que a qualquer outro. Ah, que não há meio de ensinar esta corja que não deve se socorrer de sortilégios e mentiras, com visões e alucinações, com o que domina a nobreza de Florença. Melhor o puséssemos na fogueira que é seu lugar.

Com isto, o pobre músico entrou a correr para dentro, procurando novamente amparo no escultor, que ficou muito preocupado com o ocorrido e o aconselhou a ausentar-se por uns tempos.

Ainda tentou dialogar com Piero, mas este negou-se a aceitar os seus argumentos. Diante disso, sentiu que um grave perigo pairava sobre todos e procurou ausentar-se dali, partindo para Bologna.

Andando por Bologna, não sabia que os florentinos eram mal quistos e que havia ordem para prender a qualquer estrangeiro, e marcar-lhe com cera vermelha, e foi ele feito prisioneiro, tendo que pagar uma alta importância.

– São cinquenta liras. - lhe disse o soldado de modo rude.

– Não tenho nada que pagar, pois nada devo. Mesmo que devesse não teria como pagar.

E, no seu modo intempestivo, ele comentou que era um escultor, um artista e não um bandoleiro, para ser tratado daquele modo por homens civilizados.

Veio o comandante a saber disto e comentou com um mestre bolonhes, de nome Francisco Aldovrandi, que conhecendo a fama de Buonarrotti, imediatamente usou sua influência, para fazê-lo soltar e conduziu-o à sua casa.

Quem o amparava, naquele transe doloroso, eram sua mãe e o seu antigo protetor, que vinha tentando avisar o filho da desgraça que brevemente se abateria sobre Florença e sobre a casa dos Médici.

O escultor tentou ainda partir, argumentando que melhor fora ir embora já que sua companhia causava espécie e desgosto às pessoas, mas Aldovrandi, percebendo-lhe a manha, e, porque o admirava, respondeu:

–Verei isto depois.

E insistiu muito em tê-lo como hóspede, tendo certeza que tal homem haveria de pagar-lhe de um modo ou de outro a hospitalidade e a defesa.

Muitas vezes pedia-lhe que lhe lesse Petrarca, Dante ou Bocaccio, para que adormecesse. Depois o levava a ver as obras pias da igreja de São Domenico. Neste ínterim, pediu-lhe que fizesse a figura em mármore de San Petronio e um anjo de joelhos, com um candelabro na mão. Por dever-lhe a própria liberdade, o escultor aceitou a encomenda, meio que tinha de pagar os favores recebidos, mas cobrou pelo serviço. Neste ínterim, ficou muito desgostoso, pois foi procurado por outro artista que veio chorosamente reclamar que aquele serviço lhe pertencia, e que ele assim o privava de seu ganho. Com isto, resolveu tornar a Firenze e lá resolveu fazer um Cupido de mármore.

Um ano havia se passado desde a visão extraordinária ocorrida com Cardiere.

Quando o Cupido ficou pronto, veio à casa de Lourenço, filho do espírito que aparecera tão inusitadamente ao músico e , ao ver a obra, ficou encantado, e pediu-lhe que o deixasse levar a Roma, onde passaria por obra antiga e alcançaria alto preço.

E realmente a peça foi vendida ao cardeal de São Jorge.

Mas o cardeal enganou Lourenço e Miguelângelo e cobrou mais caro pela obra a terceiro, de vez que apareceu em Firenze, com uma conversa estranha, um representante de Roma, a saber se o escultor tinha algum projeto começado.

Mas o escultor percebeu e, tomando um papel, desenhou ao representante do Vaticano alguns esboços de mãos, o que muito o outro admirou. Depois perguntou se ele tinha conhecimento de seu trabalho do Cupido.

Diante disto, foi convidado a ir à Roma, e, porque esta cidade o atraía de forma particular, ou porque quisesse mostrar-se ao cardeal, ele resolveu ir para lá e soube que sua estátua estava pelas mãos do duque Valentino indo parar na casa da Marquesa Montova.

Ficou o escultor hospedado praticamente vizinho à casa do cardeal, mas não conseguia perdoá-lo pelo fato de haver ganho, na barganha, dinheiro com seu trabalho, de tal sorte, que sua fama cresceu, mas procurado por aquele nenhuma obra lhe fez, mesmo que ficasse morando ali pelo espaço de um ano. Não lhe faltavam encomendas e foi nesta época que Jacopo Galli lhe encomendou a estátua em mármore de Baco.

O trabalho em mármore mexia profundamente com espírito do escultor, pela lembrança menomênica de vidas passadas, com Fídias, e com o mesmo empenho com o qual fizera o Cupido, deleitou-se em esculpir Baco e um sátiro atrás dele, mordendo um cacho de uvas. Toda a epopéia da religião dos gregos e romanos afluía-lhe na alma inquieta, desde os conceitos de Platão, até a mitologia clássica, e ele não sabia se os romanos ou gregos o atraíam mais.

Mestre Jacopo também pediu-lhe um Cupido, e logo a amizade entre este e seu irmão Paulo Galli se impunha ao escultor, de modo benéfico. O cardeal Rovano encomendou-lhe a madona de febre, e ele a fez com tamanha beleza que quem a fitasse não conseguia fazê-lo sem que lágrimas lhe viessem nos olhos.

Trabalhava o mármore com ímpeto e tenacidade.

Observando-o, contudo, um outro escultor, tomado de inveja, comentou um dia despeitado:

- Observa-se que a mãe parece bem mais nova que o filho nesta estátua. E isto não se pode mostrar.

Ao que Miguelangelo respondeu prontamente:

- O amor de uma mãe por seu filho é tamanho que para ela é sempre menino e, para ele, ela é sempre jovem e bela. Mais ainda a uma mulher que não conhecia o erro ou o pecado e, pelo que nos diz a Bíblia, era virgem, e, portanto, seu sofrimento ainda maior que de todas as outras mulheres, pois é mãe de toda Humanidade, e para tanto há que ter a força da juventude, e seu espírito conservar a eterna beleza e graça.

Ao ouvi-lo muito se comoveu o cardeal comentando:

- Seu discurso, sua defesa é digna dos maiores mestres da teologia, e, com isto, calou-se o cavilador, guardando seu despeito.

Sua reputação crescia mais e mais e já estava ele quase com vinte e quatro para vinte e cinco anos.

Quanto à visão de Cardiere se realizou tal como fora avisado e previsto por Lourenço. A cidade foi invadida e Piero teve que sair dela, perseguido por seus opositores, sem poder ali tornar.

CAPITULO IV - MIGUELÂNGELO CONHECE LEONARDO (1499)

Corria o ano de 1499, e as tropas de Luis XII, rei da França, lideradas pelo comandante de Trivulzio, haviam entrado em Milão. Leonardo, que era amigo de Ludovico, o mouro, e, amparado por este, tendo grande afeição por toda sua família, fugiu para Veneza e de lá foi para Florença. Recolheu-se no Convento de Ss. Anunciata, junto aos servos de Maria, e passou a trabalhar com Niccolo Machiavelli, secretário da república de Florença.

Tinha o mestre muitos amigos, sua fama corria por todo o lado, e não se cansava de aprender, ensinar e servir, sempre acompanhado de seu filho adotivo, um rapaz, pelo qual tinha muito carinho, e pelo seu aluno predileto, Francisco Melzi, bem como o amigo Luca Pacioli. Ali se cogitava de mudar o curso do rio Arno, para ajudar o assédio das milícias florentinas, tamanha era a preocupação com o ataque frances.

Leonardo, incansável, fazia seus estudos, tentando auxiliar com os recursos de sua ciência, de seu vasto conhecimento em hidráulica, engenharia, arquitetura, e a todos obsequiando com os préstimos de seu espírito terno e bom. Era um homem alto, belo e forte, de maneiras elegantes e delicadas, com fino gosto, e não havia mulher, criança ou gentil homem de seu tempo, que, tendo conhecido ou conversado com ele, não ficasse preso ao seu encanto peculiar.

–Não me canso de servir. - dizia ele, quando o discípulo reclamava do fato de todos virem sempre conversar com ele, a fim de pedir-lhe algum favor, e de cumulá-lo de perguntas e explicações.

Tinha despertado algumas almas, para o sagrado dever de servir com despreendimento e humildade. Havia muitos jovens a quem ensinava tudo quanto sabia da arte de pintar e das observações e experiências que levava a efeito, seguido por seu filho adotivo, Salai.

Estava justamente voltando da casa de Francisco Del Gioconda, cuja esposa Lisa o encantara profundamente. O olhar doce e terno que pousara no seu, parecia-lhe desvendar mistérios vividos, em tempos sem identificação na memória de sua vida. Ela tocara as fibras mais íntimas de sua alma e, porque sempre privava da confiança de homens que o rodeavam e admiravam seus serviços, aquele dia, o olhar de Lisa, de alguma forma, constrangerá-o de modo diferente.

Leonardo jamais pensara em dedicar sua atenção aos torneios do amor, nem se preocupava com os comentários que despertava com seu séquito de jovens, sempre a procurá-lo no aprendizado a que se atinha. A consideração das criaturas não atraía seu pensamento, sempre preso em atender as perquirições do porquê das coisas, alma profundamente aberta à sede de conhecimento e cuja observação, somente com os cinco sentidos materiais, desvendavam leis inescrutáveis, para o senso comum de sua época.

Uma tempestade caíra sobre a cidade, e agora, quando voltava, um simples raio de luz, beijando as coisas, levava-o a análise de sua refração sobre as gotas e sobre as folhas e flores.

Sentia um regozijo imenso por ter estado na casa dos Gioconda e, ao pensar em realizar o retrato de Mona (senhora), uma emoção diferente parecia envolvê-lo. Leonardo o sentia bem, reconhecia aquele sentimento, que jamais pensara voltar a sentir um dia por qualquer pessoa. Acabrunhava-lhe a alma, que, malgrado a atenção mil vezes voltada, durante o percurso, para a conversa de Salai, para as belezas e lições que a natureza desdobrava diante de seus olhos, o pensamento voltasse a refletir o sorriso de Lisa.

Aquilo impressionava seriamente sua alma. Acabrunhava-o por completo. Desceu a ladeira deliciosamente sombreada por floridas árvores e dirigiu-se à casa, maquinalmente, onde o esperava o secretário da República, Niccolo Maciavelli.

Observou um movimento desusado na casa, e as crianças que o conheciam, pela sua forma sempre generosa e paciente para com eles, o

rodearam em algazarra.

–Leonardo, conserta meu pássaro. - pediu uma entregando-lhe uma ave entristecida.

O artista voltou-se para o pequeno e sorriu-lhe com agrado, afugentando a imagem da bela Lisa, e seu sorriso que parecera penetrar no seu ser como brasa aterradora.

Leva-o ao meu quarto e coloca-o na gaiola. Prometo que logo estarei lá para cuidar dele.

–Você vê minha boneca? - perguntou a pequena Lucrecia.

–Entrega-a a Francisco. Não me esquecerei.

Estava ele, deste modo, rodeado de infantes, que, com sua algazarra natural, haviam conseguido, por momentos, apaziguar seu coração, quando chegava na alameda, um grupo de homens muito bem vestidos, e que, pela indumentária e pelo séquito, logo demonstravam sua importância.

Seguido pela escolta logo divisou o magistrado supremo da república, Pier Soderini, que encontrava algumas vezes junto aos servos de Maria, ou nas recepções do Duque.

Acompanhavam-no algumas figuras ilustres de Florença, que ele conhecia, e a expressão de alegria que havia entre elas, figurou-se-lhe desusada e extravagante.

Observou ainda que, ao lado do magistrado, com modos desenvoltos, um jovem, de mais ou menos vinte e quatro anos, caminhava de forma que lhe pareceu um tanto arrogante.

Alguma coisa fazia com que o estranho rapaz se destacasse do grupo aos seus olhos, e isto o incomodava, da forma diversa como o olhar da Gioconda o havia tocado.

–Que estranho é o ser humano! - ponderou Leonardo de si para consigo. Como duas pessoas hoje me puderam causar impressão tão diversa!

O artista pensou em acolher-se no quarto, fugindo às visitas, mas se lembrou que o encontro marcado pelo seu hospedeiro e amigo Nicolo, por certo, tinha a ver com a comitiva que chegava.

Prosseguiu, pois, ladeira acima, buscando as escadarias que levassem ao seu interior, para dar ciência de sua presença e pôr-se a disposição do amigo.

Servos prestimosos já estavam no largo salão e recolheram sua capa e a do discípulo, convidando-os a adentrar até o local onde já os esperava, com certa impaciência, o amigo.

Leonardo deixou-se ficar sentado perto da janela e divisou o grupo que caminhava em conversa animada rumo ao interior, sendo recebido com efusivas demonstrações de cordialidade pela família Machiavelli.

As senhoras também participavam com sua presença do encontro, demonstrando seu interesse e cultura, ainda que não pudessem ombrear com os homens, no desenvolvimento de suas faculdades.

A tarde se fazia amena, após a chuva abundante, e o cheiro oloroso das plantas que cercavam a propriedade produzia um efeito excelente sobre os espíritos.

As crianças tinham ficado no jardim, ao cuidado das “bambinaias”, e Leonardo se inquiria sobre os motivos daquela visita, enquanto analisava maquinalmente a beleza das rosas nos jarrões esmaltados, e a figura dos broches incrustados nas vestimentas dos nobres, cada qual sobrepujando a outra em graça e encanto, em aparato e delicadeza.

Giuliana envolvia Leonardo com os olhos exaltados como de um vulcão de amor, e ele ficou um tanto desconcertado. A jovem ardorosa lhe inspirava muita ternura, mas jamais lhe incentivaria qualquer outro sentimento.

Salai se deixava ficar entre almofadas, ansioso por participar, de algum modo, da conversa.

O magistrado ficara em lugar de honra e, por longos minutos, fitou Leonardo pensativo, após cumprimentá-lo. Falou das obras da Igreja Del Carmen, e do Convento de Santa Maria de Las Graças, dos livros preciosos da família Ufizzi e da necessidade de se proteger as artes, e acabou apresentando-lhe um “novo Massaccio”, como o nomeou então:

–Este é Miguel Angel Buonarrotti, que veio alentar de esperança as artes em Florença. É um fugitivo, com tu mesmo, Leonardo. Volta à Florença, tal como fugiste de Milão, com a queda de Ludovico. Aqui, a perda dos Médici o pôs a correr há quatro anos, mas as famílias Médici e Sasseti, sempre conseguem vencer sobre os inimigos.

–Que o diga Savonalora (**Savonarola, prior do convento de S. Marcos, lutou contra os Médici e foi condenado à morte, no dia 22.05.1495, pelo Papa.**), meu amigo, que deve ter levado para os infernos

sua adesão aos comagnaci, excomungado pelo Papa, beijando o pó do patíbulo. - comentou um comensal mais animado.

–Já ouvi falar de ti. - falou Miguelangelo, numa voz rouca e mal articulada. - O aluno de Andrea di Cione Verrocchio.

–Ele é mais do que apenas o aluno de Verrocchio.- replicou Pietro Vannucci (o Perugino). Alunos o Mestre teve muitos, mas somente um o suplantou, desde aquele Batismo de Cristo, que andaste a estudar e copiar, com dibujos, como também aprendes a Masaccio. Leonardo é quase uma lenda em Milão e em Florença.

–Senhores, -replicou Niccola, -nosso magistrado trouxe seu protegido para abrilhantar a sala do Conselho do Palácio Velho, pelo que sei, enquanto os dominicanos se banqueteam com a grandeza de Leonardo e as mais famosas e belas mulheres de Florença se eternizam pelo seu pincel.

A conversa se fez de modo a sugerirem a Leonardo um estudo para um desvio do rio Arno, tentando ajudar, com isto, as tropas florentinas que estavam sob assédio.

Ficou acertado que Leonardo partiria, junto ao duque Valentino, como arquiteto e engenheiro geral, para Romanha.

Aproveitando o momento, ele pediu a Soderini se poderia finalmente ceder-lhe um enorme bloco de mármore que vinha desejando esculpir. A Miguelângelo não passou em branco o pedido, e se interessou vivamente pela peça, intervindo na conversa:

–Gostaria também de poder ver tal peça.

–Agradeceria muito que o cavalheiro se conduzisse de um modo a não interferir no meu projeto. -pediu Leonardo agastado.

–Desde que o mármore não é seu, não há que falar no meu projeto, minha igreja, minha comunidade. - falou Buonarrotti, sublinhando os pronomes, com acrimônia e ironia.

–Não te admires, Leonardo, que Buonarrotti, pelo que sei, não conhece outra vontade que não a sua. -falou Vannucci meio intempestivo.

–Antes de partir, senhor, -pediu da Vinci ao magistrado- gostaria de saber se posso esperar um dia trabalhar naquela peça.

–Com tanta coisa a nos inquietar, meu amigo, com tua partida já decidida para Romanha, porque não preocupas teu espírito com as armas

e os projetos bélicos, que necessitamos? Sempre haverá mármore a desbastar pelos artistas italianos.

Buonarrotti sorriu da forma como seu padrinho colocava uma pedra maior do que aquela cobiçada no assunto, e a conversa girou sobre Matias I, rei da Hungria e Beatriz, a esposa de Ludovico. o mouro. Falaram ainda de Vasari e das lembranças de Marsílio Ficino, amigo do Cosme de Médicis. A luta de Pizza foi rememorada pelos presentes. Havia no ar todo um clima de guerra e de lutas entre os príncipes, duques, nobres e clérigos da época.

Quando a ágape terminou, D Vinci retornou ao seu quarto, profundamente desgostoso, pois deveria partir, abandonar sua vida em Florença, deixar seus alunos e companheiros e seguir o duque Valentino. Isto também faria, por certo, que o novo pintor, protegido do magistrado, tivesse mais chance do que ele de conseguir a pedra de mármore, que ele desejava desbastar.

Pensou no retrato de Gioconda. Demoraria a completá-lo com estas idas e vindas, ainda mais que o queria perfeito, e isto era impossível já, por sair de mãos humanas.

Adormeceu cansado e entristecido. E Buonarrotti ganhou na sua ausência, o direito de trabalhar o enorme bloco, de onde tiraria, como se vivo fosse, a figura majestosa de seu David, o qual seria julgado por uma comissão, da qual faria parte Leonardo Da Vinci.

CAPÍTULO V - COM VANNUCCI-1501

–Não sei como Miguelangelo consegue somar ou conviver com a amizade dos Médici, e a admiração a Savonarola, pois há de ser **compagnaci (Os compagnaci eram adeptos de Savonarola, que fora contra os Médici, cujos partidários tinham o nome de arrabiati.)** ou arrabiati.- comentava o amigo Vannucci com Leonardo, que parecia absorto a observar o voo dos pássaros, enquanto fazia desenhos de suas asas e seus movimentos, no jardim da Igreja Del Carmen.

Leonardo parecia não ouvi-lo, porém analisava cada comentário.

–Você ouviu o que eu disse? - insistiu Vanucci.

–Miguelângelo é um obstinado, intempestivo, e não o digo irracional, pois é um homem. - comentou Leonardo, quase já arrependido

do que deixara escapar. - É-me difícil entender-lhe as razões, exceto pela vaidade que, esta sim, sabe-se que é grande.

-Estive com ele junto às pinturas de Massaccio e Botticelli. Sabes o que falou? Que provavelmente Alejandro (Boticelli) estaria apaixonado pela Simonetta, a amante de Juliano de Médicis, senão não repetiria tantas vezes sua figura. Que, ele jura, é ela retratada na Venus, na Madona e na Madalena de Alejandro. Eu sei que um pintor sempre manifesta seu estilo nas pinturas, deixando sua maneira particular de ser. Se assim não fora, todos nós não estaríamos aprendendo a Massaccio.

-Também Poliziano acha que Simonetta é presente no quadro primavera, onde representa uma das graças. - falou Leonardo, pondo de lado as anotações, pensativo. -Um pintor deixa sua alma naqueles que retrata o seu agrado e seu desagrado, sua angústia, sua tristeza nas cores, sua maneira de ser na luz e no cenário. Um pintor se mostra na sua obra, e, por isto, creio que a pintura é a rainha das artes.

Leonardo tomou a lira que deixara sobre um banco e começou a dedilhá-la.

-Sim, isto eu posso entender, mas dizer que Alejandro estava apaixonado por Simonetta é ir longe demais. Pelos deuses, Leonardo, este homem está a perder a minha paciência e a de todos os pintores e escultores de Florença, com seu gênio mandão e autoritário! Dizem que está terminando a estátua daquele bloco iniciado há tanto tempo e que você desejava.

Leonardo continuou tocando, malgrado uma ruga na testa, demonstrando seu desagrado com o rumo da conversa.

-Será inaugurado ainda estes dias, mas o magistrado resolveu reunir uma comissão de honra, para desnudá-la.

-Eu sei. Farei parte da comissão. - replicou o mestre, continuando a tocar.

Nisto chegaram-se a ele três jovens alunos. Lorenzo di Credi, Francisco Botticini e Francisco Di Simone.

-Mestre, conta-nos a respeito da festa do Paraíso.

Vanucci sorriu, pois de há muito ouvira comentários sobre aquela festa que selara os desponsários de Gean Galeazzo Sforza com Izabel de Aragão e Giostra.

–Ah, meus jovens, isto eu posso contar-lhes melhor do que ninguém, sem ferir a modéstia de Leonardo. Ele criou uma tal engenhoca que nem o homem mais caprichoso sonharia executar. Havia sete planetas no espaço girando e o carro do sol atravessou vagarosamente o salão, iluminando com sua douração todo o ambiente. Parecia uma festa do Olimpo, meus filhos.

Leonardo riu-se muito da maneira como Vanucci punha as coisas, e redarguiu, antes que ele se alongasse ainda mais em explicações minuciosas, sobre uma das festas mais comentadas e todos os tempos, pela corte de Florença.

–Estarias melhor no teatro do que na pintura, que te saís muito bem nas representações de toda ordem, passando em instantes do magnífico indignado para o maravilhoso amigo.

Com esta, todos saíram a rir, enquanto o amigo se divertia, explicando o que sabia da Festa do Paraíso, Leonardo tentava explicar aos atônitos alunos, o sistema mecânico que usara na ocasião.

Daí a alguns dias, uma seleta comissão comparecia aos jardins do edifício Duomo, e de lá para o local onde a estátua de Miguelângelo aguardava, para ser, finalmente, mostrada ao mundo. Sim, porque, naquela época, Florença era, sem dúvida, o centro das atenções e da arte, malgrado estivessem despontando novas descobertas e um novo mundo, onde eu também chegaria, pelas mãos de Pizarro, para a conquista do Peru, e onde teria uma vida atribulada e mesclada de venturas e aventuras, desvelos e surpresas, ao lado de minha irmã, Tereza D'Ávila, e ao encontro da princesa inca, Acaiaca, cuja história será contada em um outro opúsculo, se Deus o permitir.

Todos estavam curiosos, pois se fizera o maior segredo do projeto e só se ouviam comentários a Pier Soderini, protetor incondicional do escultor moço, bem como da família Médici, recém-empossada no seu posto de comando da cidade.

Após discursos, farta quantidade de vinho servida sem parcimônia, finalmente, as autoridades descerraram o enorme tecido que cobria a estátua colossal.

A comissão julgadora fora escolhida a dedo, entre os melhores artistas florentinos de sua época. Claro que Leonardo Da Vinci era o principal dentre eles, seguido por Vanucci (o Perugino) Botticelli, Filipini Lippi, Giuliano Sangallo e Antonio Sangallo, e Andrea Sansovino.

O contrato fora firmado a 16 de agosto de 1501, e estávamos no ano de 1504, mês de abril. Finalmente “o gigante” estava terminado. Fizera-se muito segredo, porém os artistas conseguiam informações acerca do que ia Miguelângelo fazendo.

–Tem um furor demoníaco. - comentara Vanucci.

–É de se imaginar. - refletira Gallo. Quando se lembra de que a peça ficou abandonada por quarenta anos, e que nenhum escultor jamais o tivera em vista, exceto tu, Leonardo, que a merecias e não pudeste pôr-lhe mão.

Este diálogo rememorava o mestre Da Vinci, observando a equipe de representantes do governo local e do clero, bem como os companheiros artistas.

O tecido escorregou, puxado lentamente.

Todos quedaram imóveis, observando a enorme estátua de David, nu, apoiado sobre a perna direita, a mão erguida, segurando a funda sobre o ombro, a cabeça a olhar para o lado, um fundo vinco entre os olhos, numa expressão de segurança, firmeza e elegância inauditas. Os cabelos encaracolados emprestavam-lhe um ar entre grego e romano. A estátua deveria representar a força e a altivez de Florença.

De onde Leonardo observava, não lhe escapou a expressão do olhar que a estátua enviava. Era um retrato fiel da época, com suas preocupações, seus valores, seu traço viril. Onde, contudo, ele observara aquele rosto?

–Ele somou a virilidade do duque Juliano de Médicis, ao porte de Lourenço. -falou Vanucci admirado.

–A mim parece que retratou também Salai. - comentou Filippini.

–Eis que retratou um gigante, em forma de David.-aplaudiu Botticelli encantado.

Leonardo podia concordar com tudo quanto diziam. Também ele admirava a obra miguelangesca, com profunda deferência, esquecido de que desejara desbastar aquele mármore. Lembrou-se da Pietá, que observara feita também pelo jovem escultor, e como lhe parecera familiar a figura da jovem madona, trazendo o semblante até mesmo sereno, apesar da dor, que se estampava com o filho no colo. Todos haviam referido quanto aquela escultura assemelhava-se a madona de Leonardo. Mas, agora, ali, aquela figura que estava totalmente desbastada, que fugia totalmente às esculturas inacabadas, esfumadas que Leonardo fazia, possuía uma virilidade, uma firmeza que o encantava e oprimia. Para ele, a escultura desnudava por completo a alma do escultor. Miguelângelo, sem dúvida, amava aquela obra, e a amava por seu tônus total, a amava por sua masculinidade. Por isto, sua madona era tão jovem, feminina, porém sem expressão de maternidade.

—O que diz, Leonardo? - perguntou Soderini, sem poder conter-se diante do silêncio do Mestre.

Da Vinci não podia comentar sua observação última. Tampouco poderia deixar de responder, e, naquele momento, dentro dele, aflorou o antigo professor, que fazia correções às obras de seus alunos. Sem qualquer intenção de magoar ou ferir, de parecer desairoso, ou de atacar, falou mansamente:

—Estaria perfeita, não fosse por ter uma perna mais comprida que a outra.

Aos olhos dos demais o defeito apareceu nítido, inteiro.

Não diminuía, é verdade, a beleza do conjunto, mas não se poderia ignorá-lo mais.

Miguelângelo teve um instante de estupefação, depois de revolta. Ele anelava ver os companheiros boquiabertos com a beleza de sua escultura. Ele tinha certeza de que conquistaria, com ela, a fama que fazia jus, e também trabalhara quase febrilmente no projeto. A pedra estava começada, não havia como ignorar isto, ou fugir ao início do desbastamento. A obra fora contratada por Santa Maria Del Fiore, após terem visto sua Pietá, e ele queria dar prova de habilidade técnica, em uma única figura, que não mais tivesse a forma piramidal da sua primeira

experiência mais séria em escultura. Colocara toda força, toda potência, para que aquele gigante de pedra mostrasse sua exasperação irrequieta, seu dinamismo, com seu majestoso gesto de segurança, firmeza e desdém, movendo-se com ele.

–A estátua é a exaltação do homem! - completava Leonardo.

–É o símbolo da liberdade florentina! -secundou Botticelli.

Apesar dos comentários, Miguelângelo já não os ouvia. Para ele o que valia era a observação de Leonardo, com relação ao “erro” cometido por ele, e este “erro” doía imensamente nele. O tumulto de sentimento lhe varria a alma, com o mesmo ímpeto com o qual o deixara vivo no rosto de seu David, e no seu mole movimento de espera.

–Como ele conseguiu dar-lhe tanta virilidade, e tanta turbulência facial? - comentou Vanucci, intervindo novamente com sua análise.

Mas Miguelângelo não os ouvia. Fitando intempestivamente os convivas, saiu com a capa voejando pelas costas, precipitadamente.

Leonardo desejou não ter esboçado nenhum comentário.

Sabia que estava certo, mas pareceu-lhe, de repente, que tivera intenção outra, ao analisar tão friamente a obra.

–Meu Deus! É absurdo! O que eu teria contra este homem? Ele é um gênio, eu não deveria ter dito nada, pois fomos chamados apenas para escolher o local onde a estátua se porá. - pensou.

Algumas pessoas estavam aborrecidas, pois não haviam podido conter Miguelângelo. E Andréa comentava da necessidade de se colocar a estátua na frente do palácio Duomo, sendo que Botticelli falava do Palácio da Signoria.

Pier Soderini demonstrava claramente seu descontentamento com a retirada do escultor, soltando imprecações contra Leonardo e prometendo que haveria de fazer entre os dois um desafio que pusesse fim a qualquer disputa.

–Não pretendo disputar nada com Miguelângelo. - replicou Leonardo. Apenas quis fazer um comentário que lhe fosse útil, de vez que a estátua tem uma nudez impressionante nos seus contornos, de uma masculinidade gritante, de uma beleza plástica, de uma elegância ímpar, mas as pernas

não fazem jus a um conhecimento anatômico. Na verdade, gostaria que Miguelângelo não sofresse tanto ao esculpir, pois se nota que sua obra demonstra a agitação que lhe vai na alma. Creio que ele colocará em tudo a turbulência de seu espírito, até que haja conseguido planificar certa harmonia interior primeiro. Ao olhar seu David, eu diria que é magnífico, e também diria que Miguelângelo sofre! Creio que ele não se libertará tão cedo de si mesmo.

–Miguelângelo adora Miguelângelo! - falou Vanucci. -Olhando-se seu David, pode-se compreender porquê.

Outros assuntos foram ventilados, mas a fama de seu David já corria as ruas à frente dele.

Leonardo, contudo, estava triste com o ocorrido. Pediu a Luca:

–Procura Miguelângelo e diz-lhe que lhe envio os parabéns pelo seu magnífico trabalho, e que tenho certeza de que as pernas do David jamais lhe diminuirão a beleza ou a grandiosidade.

Luca e Francesco trataram de levar ao escultor o recado, mas Miguelângelo estava em tal estado que ia da depressão ao furor, e totalmente insatisfeito, malhava outro bloco de mármore, tentando “arrancar-lhe a vida”.

CAPITULO VI - A DISPUTA OU ROMA

Miguelângelo ao receber a carta de seu pai, e se seu irmão aquietou-se a um canto de seu estúdio, lembrando-se da amizade incrível e do apoio que sempre lhe regalara a vida, na pessoa de Lourenço, o Magnífico.

Desde a conspiração de Pazzi (em 1478) quando escapara de ser assassinado, Lourenço, seguindo a orientação de seu ancestral, Cosme, o velho, dedicava-se ao auxílio a todos os artistas de sua época. Recebera-o como a um filho, dera-lhe um quarto em seu palácio, encaminhava-o aos amigos famosos e aos signatários do clero, com os maiores elogios, e, quando fora expulso de Florença, em 1494, o auxiliara na fuga empreendida.

Miguelângelo agora entendia o porquê de tanta admiração que lhe sentia, desde que o iniciara, permitindo até abrindo-lhe as portas da Academia Platônica em Florença. Sim. Fora a partir de sua adesão à Academia que ele passara a entender o porquê da vida, ele passara a estudar com profundidade e entender que Florença era herdeira da Roma antiga, com seus artistas gregos, Apeles, Parrásio, Zeuxiz, Vitrúvio e Plínio, Fídias e Anaxágoras.

E agora, sabia finalmente que Leonardo também era membro da mesma confraria. Aqueles anos fora, com o avanço de Carlos VIII, haviam também sido para Leonardo de fuga, com o avanço de Luis XII, Niccolo Machiavelli lhe trouxera o jovem Luca, com o recado de Leonardo, e, malgrado demonstrasse que não se importava com o fato dele haver comentado sobre o "seu" David, não podia ocultar a si mesmo como aquele homem e sua opinião o incomodavam. Piero e Soderini o apoiavam incondicionalmente, desde a morte de Lourenço, e não lhe faltavam trabalhos. Agora mesmo laborava no seu "Tondo Pitti" e "Tondo Taddei", com suas figuras delicadas da virgem, mostradas sem o acabamento total que dera ao seu David, como se o quisera todo fora do mármore. Sentia uma influência quase tirânica de Leonardo sobre si. Gostaria de libertar-se, mas as figuras femininas estão mais delicadas, e o fundo se confunde com a figura, como se diluísse na rocha. Por que aquele homem estranho lhe exercia tanta influência?

Lembrava-se que estava por terminar o seu San Mattheo e Leonardo viera a ele, aquela tarde, como se nada quisesse. Fora antes daquela tarde terrível, em que o vira criticar o seu David..

Ele entrara com seus alunos, após anunciar-se por um servo, e o saudara com palavras que o identificavam, como partícipe da Academia Platônica. Todos eles sabiam da existência de um mundo Maior, o Mundo dos Eidós, ou Mundo das Ideias, e se respeitavam. Por isso, era-lhe tão difícil assimilar aquela atitude crítica, para com sua obra maior, até então.

–Desculpe interromper seu trabalho. Trago-lhe um aluno, se o puderes aceitar.

Miguelângelo olhou o menino franzino. Como ensinar-lhe a desbastar o mármore, com aquele corpo tão frágil e o olhar assustado?

Mas Leonardo não mais o olhava, pois fixava admirado o seu San Matteo inacabado. Ele quis demonstrar quanto o contrariava ser

interrompido no seu processo criador, voltando a tomar o escopo e o cinzel e martelar o bloco. Leonardo não se contivera:

–Pare! Deixa-o assim, como está! Se lhe deres mais um golpe tirar-lhe-ás a vida!

Nunca o vira por aquele modo, como aquele dia. Ele sempre demonstrava uma serenidade ímpar, frente aos mais díspares acontecimentos, e quase nunca deixava transparecer sua emoção. Todos o admiravam por sua calma, sua tenacidade, suas observações.

Mas fora apenas um momento. Leonardo se controlara, um tanto quanto constrangido.

–Desculpa-me.

Miguelângelo parou o que ia fazer, um tanto contrafeito, mas surpreso pela admiração que viu no olhar do pintor, já que não podia fugir-lhe a influência, tanto quanto não podia fugir também a Masaccio, que atingia todos os seus contemporâneos, como se lhes fosse mestre.

E, por mais tentasse, desde aquele dia, toda a vez que pensava em dar andamento a obra de San Matteo, toda a vez que tomava do cinzel para continuar a modelá-lo, pensava na iniciação da academia, no companheiro mal saído da pedra bruta, no aprendiz, que ainda lutava por burilar-se, e não conseguia arrancar-lhe mais uma lasca do material em que se atinha.

Por que Leonardo o influenciava tanto? Por que o martirizava? Sabia que não era um sentimento de atração, como o que sentira por Lourenço, ou que às vezes o envolvia, ao ver a figura de Rafael.

Não. Em Leonardo, ele via o homem, quase perfeito, que admirara e temia, quase odiava mesmo, tudo misturado a um furor e ideal que não conseguia atingir.

A carta de seu pai falava de um possível convite do Papa Júlio II, para que ele fosse trabalhar em Roma, onde a fama de seu buril já chegara, mas ele pensava na discussão havida com Leopardo sobre a pintura e a escultura.

–A escultura é a maior das artes, pois mostra a figura na sua dimensão real, a dos volumes, no seu ambiente natural, onde se a coloca. Pode-se andar em torno dela, observá-la no seu tríplice aspecto. -dissera.

–É verdade que tem mais dimensão, e, por isto mesmo, não pode ser considerada superior à pintura, pois esta última tem que valer-se de

outros recursos, para dar a noção de volume, luz e sombra, e a única vantagem que possui é a do colorido que lhe emprestam as tintas. Numa pintura, pode-se pôr a alma do retratado, pelos detalhes, por tudo o que acerca, pelo olhar, principalmente pelo olhar, pelo sorriso, pela postura das mãos.

–Ora, pode-se fazer tudo isto na escultura, pois esta também retrata o olhar, o sorriso, as mãos. - comentara Miguelângelo azedo.

–Senhores, - interrompeu Soderini. - vamos fazer um desafio entre ambos. Darei a Leonardo uma parede na Sala do Conselho do Palácio Velho, onde ele representará a famosa Batalha de Anghiari. Quanto a você, Miguelângelo...

–Não farei uma escultura para competir com uma pintura. Seria covardia. Peço a oportunidade de pintar a outra parede, com a Batalha de Cascina.

O Duque Valentino ainda quis interromper aquela discussão, mas as pessoas que assistiam o debate aplaudiram a empreitada.

E agora ele precisava decidir-se, pois o convite do Papa Júlio II, por certo, logo lhe chegaria às mãos, e seu mano e seu querido pai estava se adiantando.

Tirou do peito a medalha com a imagem de sua mãe presa a um medalhão. Desde os seis anos estava privado de seus carinhos maternos. Talvez por isto fosse tão amargo e intransigente em suas disputas. Mas Deus era testemunha do quanto era desprendido, e amigo de seus companheiros, nos seus projetos.

Talvez que sua disputa com Leonardo devesse esperar um pouco, pois ele não morria de amores pela pintura. Roma o atraía de forma inexorável e esperou o convite pontifício com impaciência.

CAPITULO VII - LISA E O COVEIRO

Contessina, a filha de Lourenço de Médicis, estava eufórica com o casamento de sua amiga Lisa, da família Gerardini.

O banquete memorável seria realizado na mansão Gerardini.

Leonardo vinha descendo a rua quando foi atraído pelo barulho provocado pelo evento, com trombeteiros enfeitados que anunciavam o

fato, e meninas com flores, vestidas de branco que iam jogando pétalas de rosas na dama que passava pela rua, montada num lindo cavalo, acenando para a multidão.

Ele parou, observando a nobreza das jovens damas d'honor, rumando para a catedral e o seu olhar cruzou com o da noiva.

–Quem é o noivo? - perguntou ao seu acompanhante.

–O Sr. Del Giocondo. - respondeu com uma piscadela, pois o referido era um viúvo bem mais velho que a jovem, que sorria sobre o cavalo, em seu vestido de damasco, e conhecidíssimo pela projeção que tinha no negócio da fabricação da seda e outros tecidos.

Leonardo estava vindo do mercado, onde vira a transação de escravos circassianos, para satisfazerem o apetite de seus senhores, e livrara-se de perder sua linda capa, pela imprudência de uma serva que limpava os urinóis da casa, lançando os dejetos na calçada.

Dirigia-se à casa, onde aguardaria que o coveiro viesse vê-lo, com algum cadáver que pudesse auxiliá-lo no estudo que fazia do ser humano e o sorriso da noiva, como que iluminara sua alma melancólica de nova luz.

Observou a Cidade do Lírio Vermelho, Florença, sua imensa catedral, pensou nos cento e dez mosteiros, nas igrejas incontáveis, nos bandos, nos moinhos, nas vetustas mansões da nobreza, e nos montes que se adelgaçavam entre a bruma da manhã. Também lembrou a figura bonachona do noivo, seu corpo robusto, lembrou-se do escritório e da oficina de tecelagem, e sentiu um vazio no estômago, pois, na pressa, saíra de casa sem tomar sua refeição matinal.

Desceu as escadas da praça, ouvindo ainda o barulho que faziam os trombeteiros, e pensou na sua solidão, caminhando em direção a Praça do Mercado, a Bolsa de Valores, e, passando pela margem do Arno, atingiu a Ponte Trindade. Cruzou com algumas mulheres, em meio à cantoria de orações de alguns pedintes, maquinalmente, cabeça baixa, um sorriso nos lábios.

–Onde vi antes seu rosto? - perguntou-se Leonardo tentando rememorar o sorriso da moça pela qual passara.

De repente lembrou-se. Fora em 1494, ela e mais duas jovens no Carro do Lírio, nas festas do Triunfo de Giglio, representavam a Fé, a Esperança e a Caridade. Fora no dia em que o rei francês entrara na cidade e Leonardo fugira dela.

–Ela deve ter uns quinze anos, - pensou ele, - mas como é bela! Um casamento é um espetáculo divino, maravilhoso. Terrível é quando os archotes escondem o rosto dos homens e as mulheres atrás das máscaras, procuram assistir a morte de algum condenado ou o suplício de algum desgraçado, pego em falta. - suspirou Leonardo, com a cabeça rodopiando em pensamentos.

Finalmente chegou ao seu estúdio, deu a capa a um servo, de modo a ficar mais à vontade e caminhou em direção ao quarto para descansar um pouco.

Lavou o rosto na água da bacia, sobre a cômoda e as mãos e enxugou-as na toalha felpuda, lançando-se às almofadas macias sob um dossel. Adormeceu quase instantaneamente, mas, em meio ao sonho, a figura da jovem noiva turbilhonava em seu cérebro.

Foi acordado com leves pancadas à porta, e, indo atender, soube que o coveiro conseguira ainda aquele dia um cadáver bem jovem, que podia entregar-lhe à noite.

–O senhor ficará contente com o que eu lhe arranjei. 'É moço, tem carnes firmes e...

–E o que? - perguntou o artista, sem entender o que o outro teria a lhe oferecer, com o que aumentar o preço do cadáver, cuja anatomia pretendia estudar.

–Ele estava... o homem fez um gesto vulgar que indicava que o defunto estava, por assim dizer, com o membro em ereção, e o artista desejou perguntar o que motivara a morte do moço, mas não encontrou palavras, diante do ar debochado do outro.

–Traga-o, quando os cães pararem de ladrar. -falou-lhe, passando as suas mãos algumas moedas, e prometendo mais, após a entrega de sua “encomenda.”

Embora o tempo estivesse um pouco nublado, à noite, Leonardo desejou que o ribombar dos trovões ao longe trouxessem a chuva, impaciente pela entrega lúgubre, que poderia causar-lhe não poucos aborrecimentos, mas que ele desejava estudar. Ansioso caminhou pelo aposento, sem poder conciliar o sono, até que batidas convencionais à porta, anunciaram-lhe o que já adivinhara: a carroça que viera pelos fundos da casa, trazia-lhe o defunto jovem.

Seguiu-se todo um cuidado e o defunto foi deixado, sendo que o coveiro prometeu vir buscá-lo no outro dia, pois senão “ficaria cheirando” e atrairia suspeitas.

Aquela noite caiu um aguaceiro tremendo e, à luz das velas, Leonardo examinou o corpo morto, concluindo pela inundação de sangue nos corpos cavernosos do pênis. Antes ele houvera estudado o corpo de uma mulher grávida, velhos, crianças, e tudo no corpo humano o encantava, causando-lhe profundas reflexões, e ele precisava anotar tudo quanto vinha observando, avaliando, aprendendo.

Deste modo, tomou da fuligem e começou rapidamente a fazer anotações em seus cadernos, mas quem o visse daquele modo não entenderia o que estaria ele fazendo, pois escrevia de traz para diante, e da direita para a esquerda. O contato com Ludovico, o mouro, a escrita árabe, havia lhe dado aquela ideia de registrar o que aprendia, sem ter tanto cuidado, pois sabia o que podia ocorrer se fosse pilhado, primeiro com aquele defunto jovem, segundo com suas anotações a respeito, numa época de tantas perseguições e incompreensão.

Depois virou o papel para um espelho veneziano, que estava na parede, a verificar se suas anotações estavam corretas, apesar de nem duvidar mais disto, pois adquiria cada vez mais agilidade naquela estranha forma de transcrever seus conhecimentos e anotações.

Por preço barato, o beca morte, ou coveiro, ajunta para ele os membros amputados na sala de cirurgia do Hospital de santa Maria Novella, e até os cadáveres inteiros que ele podia dissecar no subsolo do hospital.

Logo mais ele tornaria a buscar o corpo, e ele ainda tinha que pensar no processo que lhe moviam os monges, por não terminar o quadro da Adoração dos Magos, e recordou das amarguras havidas, quando um jovem o acusara de sodomita, e isto o havia transtornado.

–Tanta coisa a aprender. - murmurou ele mais de si para si, tomando um alaúde e meditando no sentido mais profundo da vida.

Sem que ele visse, o espírito do jovem morto, no aposento, imprecava contra seus estudos, sentindo-se alvo de motejo ou de indiscrição. Ligeiro mal estar sucedeu e ele o atribuiu ao cansaço. Mas não podia dormir, pois precisava entregar novamente o cadáver ao coveiro. Aquele corpo excêntrico, em seu quarto, se descoberto, lhe causaria

imenso desassossego. Mesmo lutando contra o sono, um torpor o tomou, e num estado de semi lucidez, viu-se ao lado do corpo, sendo arguido por um ser que, em tudo, se mostrava idêntico, igual mesmo, ao cadáver que andara a dissecar, e que, até mesmo, estava nu.

–O que ocorre? - perguntou sem entender.

–Miserável, como ousas tocar-me, cortar-me desta forma tão indigna? - exprobrava-lhe o rapaz.

–Mas você está morto! - falou Leonardo, como que em sonho.

–Morto, eu? - perguntou o rapaz, no auge da cólera e incompreensão.

–Devia aprender que vivemos e morremos. Pelo que sei, você estava em companhia de uma mulher, uma senhora super sensual, que abreviou-lhe a vida...

O jovem ia saltar sobre Leonardo, quando leves batidas à porta indicaram que o coveiro vinha buscar novamente o corpo.

–Sr. Leonardo, não posso mais trazer corpos aqui. Terá que estudá-los no hospital. É muito perigoso.

Leonardo tomou de mais algumas moedas, concordou com seu interlocutor, e esfregou os olhos com sono, voltando a dormir sem pesadelos. O espírito acompanhava o jovem corpo inerte, numa tentativa inglória de retornar à vida.

E o artista adormeceu sem pesadelos, nem sonhos, acordando apenas com a lembrança da manhã, do cortejo nupcial e da linda jovem que ele sabia ser Lisa, a então agora esposa de Giocondo Gerardini.

Era preciso trabalhar para ganhar seu sustento, e ele meditou se melhor não seria dedicar-se de corpo e alma às pinturas que lhe haviam sido encomendadas, e parcialmente pagas, antes que viesse a passar necessidades. E retomou seus esboços, saindo pelos campos com a pena, levando o tinteiro à cintura.

Também Miguelangelo costumava usar os mesmos recursos para adquirir algum cadáver, a fim de estudar sua anatomia.

Este costume seria muitas vezes retomado por outros pintores, como o célebre Rembrandt Van Djin, da Holanda.

Na verdade, era uma atitude profundamente ousada, para os parâmetros da época, e para os preconceitos que grassavam, então.

Estes estudos e esboços haviam iniciado em Leonardo, quando da peste que irrompera em Milão. Dera-lhe a ideia antecipada da necessidade de melhor saneamento na cidade, e ele pensou numa arquitetura urbanística, que incluísse canais subterrâneos, que levariam os dejetos das casas para os rios. Infelizmente, nenhum de seus projetos podia ser levado a efeito, ou por não lhe darem a devida atenção, ou por serem adiantados demais para sua época, e ainda não estruturados em suas minúcias, pois o que ocorria é que Leonardo em desdobramento a noite fazia visitas a instituições superiores e tinha acesso aos descobrimentos futuros da humanidade. Foi, deste modo, que ele estudou o corpo humano, tirando conclusões avançadíssimas para a época, como a participação da mulher na gestação do filho, os princípios da ereção, os músculos, o coração, os rins e seu trabalho seletor, e previu os aparelhos que permitiriam ao homem andar sob a água, e planar no espaço. Incompreendido e atormentado pelas visões e sonhos, este homem ansiava por se libertar não apenas economicamente, mas entender o ser humano na sua dimensão espiritual. Ao adotar Salai, muitas eram suas decepções com o jovem, que, dado a maus costumes, mentia, era teimoso, comilão, gatuno. Furtava-lhe dinheiro, mas impossível era arrancar-lhe a confissão do mal.

O encontro com Lisa, no futuro, haveria de aumentar-lhe a solidão de espírito de escol, voltado às conquistas humanas, mas também ao entendimento da alma. E era a alma que ele retratava em cada quadro que era chamado a compor.

CAPÍTULO VIII - COM JULIO II

–Giotto foi um maldito de um medieval. Massaccio foi romano, na maior expressão de sua arte! Se queres figuras sem vida e sem movimento, papa Júlio, não deverias haver-me convidado pelo cardeal Riário. Pinto ou esculpo, traço meus planos arquitetônicos, tudo dentro de meus conhecimentos. Faço-o onde me determinam, porém nunca, ouviu bem, nunca *como* o determinam. Se queres um coprador de Giotto, pensa que os terás às dúzias, estes borra tintas que não sabem criar.

–Não é caso de ficares tão animoso, ou pensas que a mim não me ensinou nada a vida, ou que não tenho gosto...

–Se tens gosto ou não o tens, não me causes desgosto, demonstrando falta de entendimento. Não consegues ver que, depois de um século de pintura à La Giotto, que novidade representa o pincel de Massaccio?

–Já tive que ouvi-lo a Brunelleschi, antes que de você...

–E parece que de nada adiantou.

O papa Júlio I, antigo cardeal de espírito belicoso, cujo nome era Juliano Della Rovera, tendo sucedido a Alejandro VI, desde 1503, não podia compreender a animosidade do pintor, escultor e arquiteto. Qualquer um ficaria maravilhado de trabalhar em Roma, durante seu pontificado. Ele encomendara ao escultor nada menos que sua própria tumba e isto, no seu modo de pensar, era uma honra.

Estavam ambos discutindo acaloradamente, no banho subterrâneo que se assentava numa gruta sustentada por cariátides, na sua vila, na Vila Flamília, ou Villa Giulia. O papa o convidara, querendo ver os esboços, que andara a fazer, para os trabalhos que encomendara.

Miguelângelo, atendendo pedido de seu pai, partira para Roma em 1505, e, indo agosto ao meio, naquele 1506, não havia jeito de entender-se com o pontífice.

–Crês que fiz papel de um “putto”, indo a Carrara a buscar o mármore para as estátuas, certo que S. Santidade havia me entendido e aprovado o projeto. Dissesse “não” de pronto e ambos não estaríamos a perder nosso tempo! Há um sultão que me convida, para fazer uma ponte em Constantinopla, e penso que os mouros talvez saibam ser mais entendidos, não pensando tanto em ocupação...

Este último argumento tingiu de rubro as faces do Pontífice. Era demais que agora o escultor se saísse com aquela comparação entre ele e um mouro, justamente no momento em que mais animosos se faziam as relações entre mouros e cristãos. **(Sabe-se que Bejazet, sultão de Constantinopla, queria que ele construísse uma ponte no sul do Bósforo, e que Salim I queria-o como pintor, em Adrianópolis.)**

–Pelo que percebo queres antes matar-me que construir-me a tumba! - exclamou o papa furioso.

Qualquer outro teria recuado, diante da fisionomia do antigo cardeal, entendendo como a mão papal sabia ser pesada na execução de suas sentenças, nem sempre ditadas por outra coisa que sua própria

vontade. Todos teriam recuado, menos Miguelângelo, mesmo considerando que houvera já recebido uma parte em dinheiro por seu esforço, e que não dispunha mais dele, pra devolver, pois que o enviara ao pai e ao irmão, já que ambos lhe demonstravam sempre necessidades prementes, e não cansavam de cobrar-lhe providências.

–Se querias uma tumba, devias ao menos saber que ela deve lembrar-lhe a generosidade, o espírito cristão, o desprendimento, a cultura, quando em vida, e não o mau gosto. Nem posso crer que talvez penses melhor colocar-se a estátua do morto, para mostrar-lhe a figura que outra coisa...

E Miguelângelo olhava para seus esboços, mal contendo a indignação. Era justamente aquele ponto que estava incomodando o pontífice. Naqueles desenhos, nada, absolutamente nada, lembrava-lhe a figura. Afinal, a tumba era sua e, pois que...

–Já que é o morto que paga, ao menos...

–Vir S. Santidade a dar demonstração de vaidade, nem fica bem...- emendou o escultor com acrimônia.

Era demais! Sebastião Del Piombo, que assistia acena, pensou em interrompê-los, pois pareciam já duas crianças a trocar insultos.

–Quem me fala de vaidade! Pois quê! Justo você, que nunca ouve a menor palavra de crítica, seu orgulhoso Fiorentino!

O escultor olhou para os desenhos sobre a mesa, aqueles esboços tão trabalhosamente elaborados, os ornamentos, as estátuas cheias de significado, pensou em quanto lhe custaria de suor e dedicação, de anos de trabalho a elaboração daquele projeto. Era um desenho digno de um imperador, cheio de ornamentos, de estátuas, de nichos, com três pavimentos, mais de quarenta figuras. Pusera nisto todo seu empenho, após a fama adquirida com sua Pietá, cm suas madonas, o Baco, e “o gigante”, como era conhecido o seu David.

–Não faz nenhum sentido o que estás dizendo! - replicou fora de si, tomando os papéis, rasgando-os e lançando-os na água, com tal ímpeto, que um pajem que o levara até ali e que, tendo tudo feito para impedi-lo de ver o pontífice, havia já exasperado o artista, desde sua chegada, o olhou como se olha para um condenado ao patíbulo.

–Oito meses a procurar e escolher o mármore, a enviá-lo e já a caminho, e o que encontro? Bramante a farejar a Santa Igreja e um pajem a me tratar pior que um cão que viesse a mendigar migalhas!

E Miguelângelo, sem esperar por qualquer gesto dos que o observavam, ainda surpresos de tal furor, saiu, intempestivamente, agastadíssimo com o pontífice e aqueles que, no momento privavam sua presença, dirigindo-se maquinalmente ao local onde se albergara e, dispensando dois serviçais, tratou de procurar fugir para Firenze.

Ora, na discussão, o escultor deixara claro que sabia o quanto Bramante tinha intervindo em suas relações com o papa, temendo já seu valor em todos os campos, seja o arquitetônico, seja o escultórico ou o de pintor.

Por mais que o papa se apressasse em enviar seus prepostos, a fim de trazê-lo novamente a sua presença, a isto fugiu rapidamente o Fiorentino, dando ordens aos seus servos de venderem toda a mobília e seus pertences e irem a encontrá-lo em Firenze, onde se pôs sob a proteção dos amigos de Soderini.

As cartas do papa não se fizeram esperar, junto aos seus comandados, ordenando-lhe o retorno imediato a Roma.

Contudo, já em Florença, Miguelângelo se pôs a trabalhar na feitura do projeto da disputa entre ele e Leonardo.

Os esboços, os cartões com os desenhos, foram apresentados às juntas e começaram ambos a preparar as respectivas paredes, para a pintura de seus esboços.

Pier Soderini ficou feliz com isto e foi protelando uma resposta ao papa, enquanto Miguelângelo lhe respondera que já se sentia desobrigado de prestar-lhe serviços, de vez que seus projetos para a tumba não haviam sido aceitos e apreciados pelo pontífice.

Leonardo, empenhado em fazer um trabalho perfeito, andava a estudar os alfarrábios de Plínio, o romano, e deu de resolver usar o breu e óleos antigos, na preparação de seu painel, pensando em completá-lo, segundo antigos rolos de Plínio, com esmalte cosido ao fogo.

Deste modo, o tempo foi transcorrendo na disputa dos dois maiores mestres da Renascença, nas paredes da sala do Conselho do Palácio Velho.

Leonardo preparou o estuque, pelo sistema da encáustica de Plínio. Haviam se passado três anos de trabalhos e esforços, enquanto o papa tentava arrebanhar com ameaças e promessas a Miguelângelo. Leonardo desenhara as lutas que representavam a Batalha e Anghiari e Miguelângelo a Batalha de Cascina.

Para dar fim no seu esforço, Leonardo preparou o fogo para queimar as camadas finas de esmalte. Mas algo não deu certo. O esmalte começou a escorrer, derretendo, Leonardo, desesperado, tentava salvar todo seu trabalho, mas não conseguiu. Abatido retirou-se para Fiesole, onde mais tarde tentaria levar avante um projeto de um objeto voador, que também não obteve êxito, caindo após ganhar pouca altura. Sua máquina de voar, Ceceri, não lograra êxito ele retornou a Milão abatidíssimo.

Enquanto isto, novos emissários do Papa se faziam presentes, ordenando a volta imediata de Miguelângelo, ou, caso não voltasse, que se preparasse para o pior, para sua desgraça. Diante disto, Pier Soderini, com certa ironia e graça, lhe pediu que reconsiderasse, pois ele tinha um acordo com o papa, que estava sendo cobrado com mais disposição do que um acordo com o rei da França, e que os fiorentinos não pensavam em entrar em guerra, para defender a Miguelângelo, nem por-se em guerra com o papa por ele.

A teimosia do escultor ainda lhe fez pensar um pouco se não fora melhor aceitar o oferecimento do “turco”, e partir para Constantinopla, como lhe havia sugerido um frade de S. Francisco, mas, depois respondeu em carta a Júlio II: “ Que achava melhor morrer ao lado do papa, do que viver andando com o turco, ainda que ele não devesse temer, porque o papa era benigno e que o chamava por querer-lhe bem, não para fazer a ambos desprazer, e se podia temer era que S.Santidade o fizesse embaixador, porque uma pessoa pública pode ser violenta, pois faz o que lhe mandam. Por isto, disponho-me a retornar.”

Apesar disto, não tornou e, em novembro, o papa entrava em Bologna. Soderini estava muito doente e enviou um bispo, pedindo que acalmasse a Júlio II. Em razão disto, apresentou-se o amigo a interceder por Miguelângelo.

–Que S. Santidade o perdoe, que é um ignorante. Não fala por mal o que diz, senão, que todos os artistas são assim mesmo.

–Não sabes que coisas vis dissemos nós um ao outro. - respondeu o papa com o cenho carregado. - Se soubesses, haverias de concluir que o ignorante és tu e não ele.

E, voltando-se para o escultor que o ouvia:

–Não te retires de Bologna, sem que eu tenha te dado uma tarefa. Estás perdoado.

Naqueles dias, pois, encarregou-o de fazer uma estátua de sua pessoa em bronze, três vezes maior que o seu tamanho natural.

E nisto colocou o escultor todo o engenho, demorando a fazê-la. Infelizmente ela se perdeu depois, durante a invasão da cidade, quando foi destruída, mas, até então, fora preparada para ficar diante da igreja de São Petrônio, e, por ironia, o escultor retratou Júlio II na figura de Brutus, o filho assassino de César.

A superstição instigada por Bramante na cabeça do pontífice, não o levava a recomençar as obras de sua tumba, e, por isto, ela se tornaria numa grande tragédia para o próprio Miguelângelo, que demoraria quarenta anos para executá-la, desde aquele primeiro projeto apresentado.

Também o encarregou de pintar o teto da Capela Sistina, com o quadro da formação do mundo, e nisto ele se pôs com diligência, ainda que sofrendo a animosidade de artistas famosos de então, dentre eles Rafael Urbino.

CAPITULO IX - MONALISA.

Quatro anos se haviam passado, desde aquele encontro primeiro de Da Vinci com Miguelângelo, e a animosidade entre eles parecia não haver decrescido.

Leonardo não punha tento maior na mágoa para com a preterição do magistrado, entregando ao escultor a pedra de mármore que ele tanto desejara desbastar, e preocupava-se com seus discípulos, com a evolução de sua alma, detendo-se em projetos de pintura naquela paradisíaca Florença dos Médici, após o retorno da expedição do duque Valentino.

Durante quatro anos pintara Lisa. Ela sempre se lhe apresentava sem adereços maiores, como que procurando obumbrar sua beleza, sem os atavios da época, do quais as mulheres eram tão pródigas.

Lisa se chegava brandamente, sem as pérolas nêvas que adornavam a maioria dos vestidos, sem os broches de pedrarias, sem enfeites artísticos nos cabelos frisados, sem tintas cosméticas a realçar-lhe os olhos tristes, sem a aliança de casada no dedo...Sim, porque o que mais machucava a alma do arista eram aqueles olhos que pousavam nele, e lhe diziam de um profundo amor sem esperanças. Leonardo passara dos quarenta e seis anos, mas ainda conservava a esbeltez e vigor próprios de sua índole máscula e firme. Lisa olhava aquele homem aloirado, e seu esposo moreno e esbelto com olhos totalmente diferentes.

Em vão Leonardo tentou ignorar o que se passava na alma da jovem senhora e, mais em vão ainda, tentou ocultar o que lhe ia na alma, já de si ao macerada com a perda maternal na infância, com o velho avô Antonio tão exigente, com seu pai, com o desusado apego a ciência.

Em vão procurou safar-se da incumbência, em vão espaçou suas idas, a fim de cansar a senhora e o esposo e livrar-se da pintura de Mona. Tudo em vão Por fim, resolveu pedir a Francesco Del Gioconda, que brindasse a mulher com um plêiade de artistas que tocassem e representassem em canções e evoluções, em brincadeiras e teatro, a fim de que Lisa ficasse mais à vontade e exibisse um ar de felicidade para quem a admirasse, através da obra.

Ele ainda pensara em retratá-la com o uso de espelho, como fizera a Beatriz, esposa de Ludovico, pela qual tinha profunda amizade e deferência. Lembrava-se que Beatriz lhe inquirira o porquê daquele recurso, ao qual replicara:

–Sua imagem está carregada da impressão do ambiente, é difícil observar-lhe o reflexo na dimensão da tela, apenas altura e largura. Mas refletindo no espelho, capto já como que o quadro feito, sem as ondulações das três dimensões. Isto facilita muito os desenhos e o apanhado do que é essencial à representação.

Aquele dia como que terminara a obra. Os artistas não haviam vindo, pois já não se tinha necessidade deles. Quatro anos para fazer uma simples tela! Agora ele pensava se não havia demorado tanto, só para poder vê-la mais vezes, ou se fora apenas aquele sentido de perfeccionismo que o estava novamente escravizando.

–Lisa! Lisa! - suspirou Leonardo recordando.

Ela novamente se ataviara tal como uma madona de seus quadros. Era como se quisesse ser ou Santana ou a Virgem das Rochas. **(A Virgem dos Rochedos, onde é visível a contribuição de Ambrogio de Predis, encontra-se na Galeria Nacional de Londres.)** Suas aias haviam se retirado por momentos, com que levadas por algum anjo indiscreto, ou, quem pode saber, por alguma determinação da senhora. O esposo, aquele dia, estava ausente, o que quase o fizera retornar ao convento, sem levar avante o projeto. Haviam lhe servido vinho e pão, com frutas. Salai estava no jardim com outros jovens, e Luca e Francesco haviam se retirado para os campos da Toscana, a desenhar paisagens.

Leonardo julgou concluída finalmente a obra.

Fitou-a embevecido, aquele olhar difuso, o sorriso algo triste e maneiroso. Quando, porém, tentou observar seu modelo, este se erguera majestoso, olhos bordejantes de lágrimas.

–Não quero que partas sem que eu te diga, mesmo que seja só uma vez, mesmo que isto não te signifique nada, mesmo que me julgues leviana...

Da Vinci adivinhou, esboçou um gesto em que pretendia estancar aquela emoção, aquele momento:

–Não o digas!

–Nada quero, nem espero. - disse Lisa, sem que ele a pudesse reter. - Irás embora, e eu talvez te veja em uma ou outra recepção. Mas, nem sempre poderemos estar a sós, talvez nunca mais como agora. Não seas tão insensível, tirando-me a única alegria que ainda me fica. Preciso dizer o que não posso mais guardar em mim. Eu te amo!

Leonardo sentiu vacilarem-lhe as forças. Sentir aquele amor, adivinhá-lo, imaginá-lo às vezes como alucinação sua, já fora um largo tormento. Mas como senti-lo ali, expresso pelas palavras, e pelas lágrimas, sem colocar-se como ingrato para com o homem que lhe fora um amigo e um benfeitor, naquela vida difícil de artista, que precisa de um mecenas para sobreviver, ainda que viva da sua capacidade, de seu próprio valor? Como não se sentir o último dos homens, um traidor, por ter por prêmio o amor que deveria pertencer, de direito e de fato, a outro?

Lisa, contudo, tomava o véu que andara a lhe cobrir o semblante, e, como que abatida pela humilhação que se impusera, naquela declaração,

dirigia-se à porta, cabeça baixa, passos vacilantes, como que entontecida, prestes a desabar sobre o grosso tapete.

Leonardo não pode mais se conter. Num átimo de segundo, imaginou quanto lhe custara a declaração, tanto tempo refletida no olhar, e silenciada pelos lábios. Pensou e não pode conter-se:

–Eu também te amo! - falou arrojado.

Sua voz soou-lhe espectral e estranha, como que saída de um passado distante e, por um momento, pareceu-lhe como que a repetição de algo já anteriormente vivido. A sala dos Gioconda mudava sua estrutura. Leonardo se via na sala de escultura de Fídias, (que ele fora no passado) a esculpir a estátua da deusa Atena Partenis. E sua modelo era a mesma Mona Lisa, a senhora Lisa Del Gioconda. Precisou apoiar-se a um móvel para não cair diante de tal revelação, que se desenrolava frente aos olhos espirituais, enquanto via materialmente os olhos lacrimosos de Lisa, que o fitavam da porta, onde ela se apoiava, e da qual lhe sorria tão feliz e enternecida, como jamais poderia supor. Ele não sabia explicar o que estava acontecendo e não tinha forças para caminhar até ela, nem ela voltava sobre seus passos, para ir-lhe ao encontro. A revelação daquele amor como que impregnara o ambiente, e era como se aquelas imagens espirituais fossem reflexo deles mesmos e ele sabia que ela também estava vendo as mesmas figuras e cenas, só que talvez não lhe apanhasse o sentido real, que a ele não escapava, não sabia exatamente por que.

–Lisa! - exclamou mecanicamente, - enquanto via uma outra figura que o acusava, e, por cujo testemunho, iria ser preso. E esta figura, que ele sabia agora ser Agorácrito, discípulo de Fídias, era, sem sombra de dúvida, aquele jovem que conhecera na casa de Niccolo Machiavelli. Aquele jovem era Miguel Angel Buonarrotti!

Aquele momento durou como que uma eternidade.

–Nunca te esquecerei! Sempre te amarei, Leonardo! - falou a senhora Gioconda, retirando-se do aposento.

Leonardo sentou-se maquinalmente num divã para não cair. Salai entrou junto com alguns jovens, a guardar os pincéis, limpá-los, ajeitar as espátulas, os tubos de tintas, os solventes, a prancheta. Leonardo parecia uma estátua. Não se movia. Aos poucos, eles o notaram.

–Está sentindo alguma coisa, pai? - perguntou Salai preocupado.

–Estou morto! - foi a resposta inexplicável.

Todos se preocuparam. Trataram de molhar uma toalha e passar-lhe no rosto. Deram-lhe vinho, que ele tomou maquinalmente.

Então, o amor era aquele sentimento tão particular e estranho, que chegava sem pressentir, que inundava todo o ser, que tomava conta do espírito com a maior sem cerimônia, que o dominava, que o subjugava sem explicações, e que causava tanta dor e tanta felicidade? Amar e ser amado. Quão poucas criaturas poderiam neste mundo participar daquela ventura. Então, mesmo os homens de ciência, como ele, não lhe eram imunes?

–Acho eu os solventes lhe fizeram mal.- comentou alguém, abrindo as janelas amplas, que davam para o jardim.

Leonardo não se movia. Foi preciso que o auxiliassem a retomar noção da realidade, que o acompanhassem à casa, que carregassem seus pertences, que, por ele, se despedissem das pessoas da casa.

Ele considerava já concluído o quadro de Mona Lisa Del Gioconda. Lembrava-se que usara seus conhecimentos astronômicos, para produzir a pose dela. Olhos, nariz, boca, mãos, jogo de luz e sombra produziam o posicionamento dos astros do sistema solar num determinado tempo, num equinócio. Por que o fizera? Modo que tinha de ocultar mostrando seus vastos conhecimentos astronômicos, que, se descobertos, lhe fariam amargar a enxovia inquisitorial. Deste modo, tinha o beneplácito das ordens religiosas, sem sofrer-lhes a perseguição.

–Mestre Leonardo, fiz grandes experiências sobre o que me ensinou outro dia. -comentou um discípulo.

–A experiência não é a ciência. - replicou Leonardo maquinalmente.

Como esta afirmação sua tão peculiar se ajustaria no campo do sentimento? Haveria um dia uma ciência da Psiquê, da alma, como haviam estudado os platônicos e os socráticos?

Leonardo pensou na sua própria iniciação, que lhe propiciara o contato com tantos alfarrábios antigos, dos povos gregos. E, agora, ele acabara por se descobrir também grego na essência, um outro eu, um homem tão semelhante a si mesmo, e tão diferente, contudo. Não. Não sentia animosidade para com Miguel Angel. Mas sabia agora, com certeza, que sua prevenção contra ele vinha de longe, bem como a ferida causada pelos olhos de Lisa, vinha também de longa data.

–Os olhos são o espelho da alma. - falou de si para si mesmo.

–Não quer, então, ver minhas anotações, meus apontamentos? - perguntou o discípulo agastado.

–Verei amanhã, Lorenzo, verei amanhã. Hoje preciso descansar um pouco. Não me sinto muito bem. Acho que tomei alguma friagem.

Os jovens se retiraram, deixando-o com suas cogitações. E lágrimas silentes puderam finalmente descer dos olhos de Leonardo, na sublime renúncia que a vida lhe impusera.

Fora chamado a analisar a estátua que Buonarrotti esculpira e o fizera, como um mestre a seu aluno. Mas observou com agrado, quanto este aluno progredira, no ofício da escultura, e quanto ainda lhe competia esforçar-se para progredir no campo do espírito.

A aparente animosidade entre eles, era fruto da admiração e da amizade que haveria futuramente de vencer todas as digressões do ontem.

E Leonardo não mais pode falar a sós com Lisa, após aquele dia. Acompanhou-lhe a jornada junto ao esposo. Viam-se e os olhos falavam. Seu sorriso o acompanharia sempre e ele o eternizara, de tal forma que os olhos da Monalisa e seu sorriso mostrariam ao mundo perplexo a natureza de um mistério, que só poderia ser desvendado com muito amor, o segredo de duas almas afins, momentaneamente separadas, pelos vínculos do mundo.

Os olhos de Lisa estariam sempre buscando os de Leonardo, e seu sorriso triste ocultaria e mostraria ao mundo o segredo de seu amor por ele.

CAPÍTULO X - JULIANO, MIGUELÂNGELO E RAFAEL.

Juliano de Médici, com seus modos atenciosos, buscou a Miguelângelo no Quirinal. Ia acompanhado do bufão de Hipólito de Médici, Gradasso Berretai da Norcia, um anão que ganhava a vida com o ofício de fazer rir a corte da época.

Miguelângelo não apreciava muito aquele homenzinho singular, de espírito agudo, por quem as pessoas tinham uma certa prevenção, pois sempre usava de picardia nas suas graças, e, deste modo, atingia as pessoas mais proeminentes de Roma. Verdade que podia fazê-lo, senão

com muito cuidado, para não incorrer em desagrado, com as criaturas que comandavam toda a política, as guerras, as decisões de sua época. Sabia demais, participava de todas as coisas, e, não raras vezes, funcionava como um espião do cardeal.

Estávamos próximos as festas de São João, e Juliano recordou-se das outras que ocorriam em Florença, quando as tapeçarias eram penduradas nas sacadas e a areia se espalhava pelas calçadas, para preparar as festas com a corrida anual de cavalos.

Passaram por um rico jardim, onde um servo regava os vasos.

–Vim convidá-lo, Miguel, a irmos numa caçada amanhã, e, para mostrar-lhe umas pinturas de Rafael.

O escultor olhou para eu amigo, que sempre o obsequiava com o calor de sua presença, e desejou recuar, devido a presença de Gradasso, mas este apressou-se em informar que iria levar os cães de Juliano a passear, que estavam necessitando desenferrujar as pernas.

–Sabes que não aprecio a caçada ao javali, apesar de sempre participar destas pegas em Florença, o que me traz não poucas saudades. O bater dos cascos, o latido dos cães, têm para mim o som de saudades interiores.

O repique dos sinos matinais se fazia ouvir pelas ruas, e eles tomaram os cavalos, rumando em direção à Igreja.

Passaram por um bando de cantores, com seus alaúdes e a voz de tenor de um deles recordou a ambos o modo com Jácopo cantava.

Trocaram olhares e Juliano comentou:

–Tenho sonhado com Jácopo, de uns tempos a esta parte, pelo que estou entendendo que brevemente deverei ir juntar-se ao meu pai.

–Não debes falar assim. Quando lembro como seu pai andava a assombrar Cardiere, e da forma como você salvou a todos, quando capturou a porta de San Gallo...

–Realmente, aquilo foi terrível. Não se pode confiar nos franceses. Depois do acordo acertado, o rei Carlos quis destruir de vez a todos nós. Também a culpa foi de Giovanni de Médicis. E, como não podia deixar de ser, o que levou a instigar Carlos a invadir Florença, foi a preterição do amor deu uma mulher. Ele e Piero eram amigos de infância. Você se lembra bem dele. Apaixonaram-se pela mesma garota, mas esta preferiu Piero.

Giovanni jamais os perdoou, e, quando pode, instigou o rei Carlos a invadir Florença. Se não fora por isto...

–Se não fora por isto... e você poderia estar hoje junto à Lisa.

Juliano o olhou com um ar desarmado.

–Lisa, quem poderia vê-la e não amá-la? Até Jácopo apaixonou-se por ela. Lembra-se? Se Piero tivesse podido ficar em Florença, quando avançou sobre ela naquele mês de abril. Se um maldito campônio não tivesse avisado ao alucinado frade Savonarola sobre sua marcha, a tempo de fechar os portões, eu teria me avistado com Lisa, mas não poderia mais tê-la, pois ela se casara com Giocondo.

–Para poder justificar sua gravidez... -falou o escultor olhando-o de frente.

–Jamais esquecerei Lisa, Miguel. E pensar que, por nossa estupidez, Jácopo foi condenado à morte...

–Aquele frade foi um alucinado, um louco! Foi um julgamento impiedoso aquele. Foi Lamberto Dell`Amtrella que denunciou os seis conjurados, favoráveis aos Médici. O julgamento foi impiedoso, secreto, terrível.

–Contaram-me. A Prisão de Bargello teve seu pátio iluminado pelos archotes. Lisa, seu marido, toda a população foi obrigada a assistir a cena. Lembra-se de Bernardo Del Nero? Era amigo de meu pai Lourenço. Um velho de valor. Devia estar, então, com uns setenta e cinco anos. Foi vestido com uma camisa branca longa, os pés presos nos tornozelos por correntes, descalço, caminhando pelas pedras do calçamento. O carrasco colocou-lhe a cabeça no cepo, e decapitou-o com seu machado de dois gumes.

–Sim. Eu sei. Também Lorenzo de Tornabuoni, lembra-se dele? Jovem, elegante, de finas maneiras, belo mesmo. Depois Niccolo Ridolfi, Giovanni Cambi e Gianozzo Pucci... e Jácopo.

Miguelângelo e Juliano ficaram uns instantes em silêncio.

–Lisa assistiu a morte do primo. Jácopo comportou-se como sempre. Sorriu, jogou um beijo a ela... Jamais poderei perdoar a Savonarola.

–Verdade que ele pagou bem caro por tudo quanto fez...

–Sim. Mesmo sendo um Bórgia, Alexandre, o papa, o excomungou. Depois foi a vez do franciscano Francisco de Puglia fazer-lhe o desafio da “prova de fogo”.

–O alucinado aceitou, mas uma chuva torrencial impediu que morresse durante a mesma na fogueira.

–Contudo, o povo estava tão enfurecido, que acabou por atacar os frades dominicanos... novamente em abril, uma semana antes da Semana Santa, no domingo de Ramos...

–Jácopo morrera em agosto, decapitado...

–Savonarola foi torturado de modo incrível. Preso pelas mãos, deixaram-no cair até perto do chão, teve os pés sob um braseiro, apanhou, profetizou a morte do notário Ceccone, e morreu dois meses depois, com mais dois dominicanos, na forca e queimado ainda em vida, assustando a turba com gestos estranhos...

–Sabe-se lá onde estará aquela alma maligna que tanto odiou os Médici...

–Espero que não ao lado de Lourenço e de seu amigo Bernardo, senão as almas jamais terão descanso...

–Jácopo amava Lisa. Você amava Lisa...

–Leonardo ama Lisa. - comentou Juliano com um sorriso triste, sendo que suas palavras foram interrompidas por uma tosse persistente, e uma golfada de sangue.

Miguelângelo, a quem a palidez e as olheiras do companheiro já haviam denunciado sua má condição de saúde, correu pressuroso.

–Precisas mudar de ares. Procurar o campo...

–Logo estarei junto ao meu pai, a Jácopo e tomando satisfações com Savonarola. - falou ele com dificuldade.

–Deixemos nosso passeio para outro dia. Melhor que te alimentes, que repouses.

–Não. Quero que vejas um afresco de Rafael.

–Sabes que não me interessa nem um pouco pelo assunto.

–Mas te interessarás. Vamos.

A tosse cessara. Juliano era um homem belo e alto, de fala mansa e gentil e, quem o visse, dificilmente poderia crer quão bom soldado ele era nas pelepas, como sabia manejar a espada e como era destro no cavalo.

Acima de tudo, era um homem bom. A conversa sobre o passado parecera entristecê-lo um pouco, mas com certa ansiedade ele conduziu o escultor em direção à Igreja.

O papa Leão X governava o Vaticano, e todas as portas se abriam a seu irmão Juliano.

Passaram pelos pajens, e por um grupo de clérigos que vinham de uma audiência com S. Santidade. Logo se viram diante de uma das obras que mais causava impacto do jovem amigo de Leonardo. Era a “Disputa do Sacramento”.

–Observe este quadro. Ele foi exigido por Júlio II.

Miguelângelo observou o Cristo, acompanhado de Maria e de João Batista, São Lourenço, David e sua lira, São Jorge, Moisés, com as tábuas da lei, Isaac, os anjos nos cantos do afresco, tudo disposto em um semi círculo. Sim. Os sinais eram evidentes, tanto para ele, quanto para Juliano. Também a parte inferior da composição mostrava figuras eminentes da Igreja Militante, escrivães, pontífices, cardeais... as Leis Morais, com Gregório Magno, o leão, a Bíblia, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, o papa mártir com a palma, (S. Clemente), São Boaventura, Sisto IV.

Admirado viu a figura de Dante, seu contemporâneo, poeta teólogo, que tanto admirava, representado como Estéfano. Com o manto dos dominicanos, o capuz preto, viu aquele de quem vinham comentando Savonarola, como se fosse um herói da Igreja.

Abriu a boca em espanto. Juliano riu, ao ver que ele reconhecia aqueles personagens. Em seguida viu o próprio Bramante, com o qual vinha tendo não poucas alterações. No ângulo oposto, reconheceu a figura de Giovanni da Fiesole, o Beato Angélico.

A paisagem mostrava a esquerda, ao fundo, uma construção, um local que Miguelângelo bem conhecia. Todo o conjunto era refinadíssimo. Tinha um senso de equilíbrio quase musical. O jogo de luz e sombra lembrava a aprendizagem junto ao Perugino. Em toda a estrutura sentia-se a influência de Leonardo e Perugino, e do próprio Miguelângelo e Massaccio.

–Ele está se excedendo. - falou o escultor admirado.

–Tu não viste nada! Do que compete a observar, o quanto ele deixa nossas iniciações a nu nos quadros, estou a te indicar também o quanto ele registra todos os seus contemporâneos nas suas obras. Vem comigo.

E Juliano, apressando o passo, tratou de levar o escultor consigo, enquanto confabulava, dando indicações de outras obras.

Chegaram finalmente diante da “Escola de Atenas.” Aquela obra era a apoteose da Filosofia, fundamentada na Razão. A cena se desenvolvia no plano terra, mas tão interligado com o céu, pelo arco central, que o Fiorentino teve que admirar o conjunto, para depois se ater à análise de cada figura ali desenhada.

Ao centro a figura de Platão e Aristóteles, que presidiam a reunião helênica. Minerva e Apolo guarneciam as colunas, as duas da entrada.

Bem à frente, sentado sozinho, no piso de mosaico, um homem de botas a hussardo e túnica curta escrevia. E Miguelangelo não pode deixar de exclamar:

–Safa!

O homem era ele, Miguelângelo, tão bem desenhado que era impossível não reconhecer-se ali e o que Rafael quisera indicar com isto. Platão, como figura central, de longas barbas brancas, no pavimento superior, no altar, era Leonardo!

Ali estão seus contemporâneos, no labor de escrever, desenhar, discutir, ensinar, meditar. O livro da Ética está nas mãos de Platão e Aristóteles, e o Timeo, falando claramente do mundo da Ideias, do Mundo Espiritual, sugerindo que o universal não tem existência concreta, e sim a razão, o intelecto, o astral. Alcebíades, Alexandre, o macedônio, Epicuro, Pitágoras. Ele, Miguelangelo, está ali como o pessimista, o triste Eráclito. Diógenes aparece meio cínico, um tanto despido. À direita, Euclides demonstra um teorema a seus discípulos, o geógrafo Tolomeu traz um globo terrestre e discute com Zoroastro, o astrônomo, que traz uma esfera celeste. E, ao fundo, à direita, via-se meio oculto o próprio Rafael e seu amigo Sodoma, o primeiro com seu barrete negro, de veludo, e Girolamo Bazzi (apelidado Sodoma) com outro semelhante. Ali estava o cardeal grego Bessarione, ao lado da estátua de Minerva, e Federigo Gonzaga, como jovem de cândida toga, ao lado de Epicuro, e o neto do papa, Francesco Maria Urbino, seu amigo, sorridente como um anjo de Da Vinci. Sem dúvida, era um neoplatônico quem desenhara aquilo, um humanista, ligado à poesia, à república platônica, Euclides, o geômetra era, sem dúvida Bramante.

–Ao menos ele me colocou na figura de alguém famoso pela sua filantropia! - exclamou o escultor, mal contendo o estupor que aquelas pinturas lhe causavam.

–Sim, e ele se inspirou, decerto, em teu Isaías... E também retratou Júlio II na figura do papa Gregório IX, o que demonstra que conhece as coisas, e retratou Leão X, na figura de Leão III. Enio e Dante, Virgílio e Estácio, estão no Parnaso, junto à musa Calíope.

–Ah! Sim! Calíope. Já ouvi falar dela.

Juliano sorriu. Tal como ele se deixara aprisionar por Lisa, seu querido amigo dos folgedos de Florença, Miguel, houvera sido prisioneiro do sorriso de Vitória, que Rafael immortalizara no “Parnaso”, como Calíope.

–Sem dúvida, amigo, falando de Platão ou de Homero, nosso querido amigo há de immortalizar-nos a todos pelo seu pincel.

–Maldito Rafael! Ele não tinha este direito! Pagará caro pela ousadia!

Miguelângelo estava furioso. Juliano começou a rir.

–Sabia que haverias de gostar. - comentou jocoso. -E nem viste ainda o quanto ele aprendeu contigo, desde então, ao grafar a Caçada de Eliodoro. Júlio II, majestoso, acompanhado de seu séquito, Sebastião Del Piombo, Ariosto, Baldassar Castiglione, Tebaldeo, tu, novamente, Miguelângelo, o beato Angélico, Sodoma e Bramante, Giovanni Pietro Del Poliari, o próprio Rafael, “Durer”. E Marcantonio Raimundi, e o romano Júlio.

–Haviam me referido, mas não pensei que sua arte tivesse tal envergadura.

–Ele sabe aprender a Miguelângelo. Retratou também o cardeal Riário, teu amigo, pelo que sei. Deu movimento as suas pinturas. Sabe quem o amparou na grande transformação? Teu amigo, o pintor Frances Guglielmo di Marcillat! E, quanto a Eneas, fugindo com Cleuza e seu filho Ascanio, ele, sem dúvida, escolheu um modelo que tu saberás apreciar melhor do que ninguém, no seu Incêndio do Burgo. Ele retratou Tomás Del Cavalieri.

–Ora, bem que o fez, e ninguém lhe cobrou pelas escolhas, como estão a fazer comigo, pelo simples fato de me haver lembrado daquele maldito Biaggio Martinelli, no Juízo Final.

–Rafael é jovem, tem talento, e um gênio menos explosivo que o teu, além disto, sua iniciação o põe, bem o sabes, seguro de perseguições outras.

–Não consigo entender porque quiseste que eu visse o que ele anda a compor com tanto empenho. É devido a minha figura, ou a dos outros?

–Nada em sua representação te desabona, senão o plano em colocar frente a Leonardo, mas quem se importa, quando ele, mais do que ninguém, pelo trato que dá ao espaço, demonstra, tanto quanto pelo movimento das figuras em cena, o quanto tu o tens influenciado.

Não quis te aborrecer, contudo, meu amigo. Pensei que, de algum modo, haverias de admirar os progressos que ele fez, sem te preocupares com os jogos de influência que se faz entre os artistas.

–Bem, seja o que for que te levou a me trazer, te agradeço, Juliano. Nem sempre podemos atinar com o porquê dos acontecimentos, pelos quais Deus nos conduz.

–Sei o que te incomodou. Foi a figura de Savonarola, mais do que qualquer outra...

–Quando penso que devemos a ele tantas mortes, que Jácopo partiu pelo cepo, devido a ele, sim, é verdade, sinto o sangue me ferver nas veias.

–Foi Lisa quem me contou todas as cenas. Ela ainda tentou impedir que Jácopo continuasse como nosso mensageiro em Siena, mas ele se divertia com a situação, sentia-se seguro.

–Lisa te amou muito, Difícil crer que se casou com Giocondo, tão mais velho que ela.

–Modo que a família encontrou de esconder sua gravidez, modo de fugir da vergonha, ele o sabia...mas ela me substituiu por Leonardo.

–Não posso crer...

Os dois amigos iam assim discorrendo, saindo da Igreja e caminhando pelas ruas de Roma.

–Leonardo foi contratado por mim, a fim de fazer um retrato de Lisa.

O escultor olhou para Juliano estranhando.

–Não me censes. Tu estavas tão enrolado aqui com os projetos da Igreja, que, também pelo que eu o sei, não faria tal encomenda.

–Ele demorou quatro anos para terminar o quadro e, neste ínterim, eles se apaixonaram um pelo outro.

–Não posso crer.

–Assim é. Leonardo não é o parvo que imaginas, nem o vaidoso que comentam. Também tem seus problemas...

Novamente a tosse o tomou de assalto.

–Melhor que te recolhas à casa, e descanses um pouco.

–Queria contar-te. -falou ele ofegante. - Revi Lisa em Florença, após dezoito anos de separação, e pude novamente conversar com ela. Sabes o que me disse? Desejou-me saúde, a cura para os maus humores do peito, mas quando lhe falei de Leonardo ela se fez muda. Contessina me disse que ela desejava ardentemente ser beijada por ele. Ela não me mentiria, se não o mencionou foi para não me ferir. Foi com o apoio do exército espanhol, na figura de Don Raimundo Cardona, que eu pude, após tanto tempo, restaurar a casa medicicea. Tentei reunir as obras de arte de meu pai, os manuscritos. Tanta coisa destruída na fogueira de Savonarola...No baile de Natal pude dançar com ela, falamos de meu exílio em Urbino, do jovem duque Guidobaldo, meu amigo, e sempre a conversa convergia para Leonardo, como se ela quisesse saber notícias dele... Quando me despedi dela, com um beijo em seus dedos, eu sabia que não a veria, nesta vida. Depois casei-me com Filiberta, indo para Sabóia, no mesmo dia da morte do rei da França. Ela me ama, é tão jovem, que me faz pena. Imaginar que a terei de deixar brevemente.

–Não fale assim.

–Antes de partir, sei que meu irmão cuidará dela, e que meu tio putativo amparará Leonardo. Ele está com sessenta e três anos, e, se eu morrer, não terá quem o ampare na Itália...

–Tu te preocupas com ele?

–Com ele, com o quadro de Lisa, que eu lhe dei a guardar, contigo, com todos...

Vendo que o amigo não estava bem, Miguelângelo chamou uma carruagem, para que o levassem à casa, caminhando rumo ao Esquilino.

La tão absorto em seus pensamentos, que mal se deu conta que um grupo de homens vinha em sua direção. Quando deu acordo de si, viu Rafael, com um bando de jovens, seus amigos, quase acercá-lo.

A fama do pintor estava no auge. Não fora a toa que Juliano fizera questão de que ele conhecesse de perto algumas de suas obras, e o significado e o porquê de seu sucesso. Olhando para ele, diretamente, sabedor que o jovem jamais ajudaria Leonardo, conquanto o estivesse a

elogiar no seu afresco, recordando de como o havia também representado no mesmo, ele o saudou acicamente.

–Lá vai você, Rafael, com sua escolta, como um general.

O rapaz elegante, de traços marcadamente femininos, parou um momento, voltou-se para ele e respondeu de mau humor:

–E lá vai você, sozinho, como um carrasco.

Miguelângelo teve vontade de partir sobre ele, e, em seu furor, rebentar-lhe a cara, apagando o sorriso, mas se conteve, replicando apenas:

–Um dia você entenderá que, mesmo estando tão acompanhado, pelos seus admiradores, Rafael, você é mais sozinho do que eu...

A noite principiava a descer com seu manto de estrelas, e aos sinos repicavam o toque de recolher. Solitário e pensativo, o escultor buscou o descanso de seu atelier, em diálogo com as sombras que povoavam suas lembranças.

CAPITULO XI - MORTE DE MONA LISA (1516)

Governava Roma Giovanni de Médici, amigo de infância de Lisa, com o título de Leão X, e, participando da corte papal, Juliano de Médici definhava, tomado pela tuberculose e amado por todos.

la longe o tempo das lutas em Milão e Florença, com a morte de Jácopo, após a fuga de Juliano. Naquele tempo, Lisa, muito jovem apaixonara-se perdidamente pelo primo Juliano. Engravidara dele, e seu pai, na ânsia de livrar a família de um escândalo, a casara com Francesco Del Giocondo. O relacionamento entre o casal era de amena amizade, pois Lisa, tendo perdido seu filho bastardo, dedicou-se com toda a alma e carinhos maternos a Meo, o pequeno órfão da segunda esposa de seu marido.

Leonardo travara amizade muito estreita com Juliano e este lhe encomendara o retrato de Lisa. Para satisfazer o companheiro, que jamais esquecera a mulher eu lhe arrebatara os sonhos juvenis, o pintor se infiltrou na sociedade florentina e tratou de propor a pintura do quadro de Lisa.

Em meio aos estudos, esboços e a pintura, floresceu entre eles um amor sublime. Leonardo tinha profundos pensamentos filosóficos,

permeava sua conversação com fábulas encantadoras, que inventava e não parecia ter receio de insurgir-se contra as diatribes e desmandos da Igreja Católica. Sua inteligência e argúcia, sua doçura natural, a maneira como se despojava dos antigos companheiros, como Bramante, que lhe negava amparo, estando tão bem relacionado em Roma, e Rafael, que fora seu discípulo e copiara o quadro de Lisa, tudo encantava a senhora. Em meio às atividades sociais do Natal, as danças ou os passeios públicos, ela sempre dava a entender a ele como fazer para que pudessem se ver, ao menos, já que se negava a encarar o próprio sentimento que sentia brotar dentro de si.

Depois que ele partira, contudo, levando-lhe o retrato, a fim de o entregar a Juliano, Lisa sentia-se morrer de tristeza e angústia, com a ausência dele.

Haviam se passado dez anos, desde que Juliano o incumbira de conseguir retratar o seu antigo amor, e ele procurou levá-lo pessoalmente a Roma, onde Juliano o recebeu tão feliz, que, por um tempo readquiriu as forças e pareceu melhorar. Pendurou o mesmo em seu quarto, e lá ficava a olhar para ele, a conversar com Lisa, a falar de seu imenso amor por ela, e de como sentia imensa angústia, ao pensar que não pudera tê-la por esposa.

Leonardo tinha hábitos elegantes, e mantinha ainda a túnica dourada que lhe dera Cesar Bórgia, que fazia um tremendo contraste com os calções marrons e os gibões roxos de veludo.

Corria o ano de 1514 e o rei Luis XII casara-se com Mary Tudor, irmã de Henrique VIII, da Inglaterra. O rei estava com 52 anos e ela com apenas dezesseis. Mary tinha um amante, o conde Suffolk, e trazia em sua comitiva Ana Bolena, que, à época, estava com oito anos e seria a futura rainha da Inglaterra.

O papa tratava de buscar apoio do rei, que ainda não rompera com a Igreja e teve de procurar um casamento para o irmão, que o tirasse da tristeza que a lembrança de Lisa lhe causara e, ao mesmo tempo, assegurasse uma boa aliança para a família Médici. Assim, marcaram o casamento de Juliano com Filiberta, filha do duque de Sabóia.

Com isto, o antigo amor de Lisa, precisou devolver o quadro, encomendado e feito, a duras penas, por Leonardo, quadro que

aproximara demais os dois homens, e que os fazia confidenciar um ao outro o profundo amor que sentiam pela jovem Del Giocondo.

–Você que também a ama, deve guardá-lo para mim, pois minha futura esposa não aceitará ter este quadro em nosso quarto. - comentou o antigo guerreiro, agora conde de Nemours, pelo amparo de Francisco I, que sucedeu a Luis XII, que morrera uns meses após seu casamento com Mary Tudor.

Francisco I, tratou de preparar a terceira invasão à Itália, enquanto em Roma, Juliano definhava, amparado por sua jovem esposa, a família Médici entrara na realeza europeia, segundo o desejo de Lourenço de Médici, que também conseguira colocar no trono pontifício seu filho Giovanni. (Leão X)

Como Leão X tivesse acordos com os espanhóis, apesar da ligação de parentesco, Juliano teve que partir como comandante chefe, para lutar contra o sobrinho de sua esposa, que arregimentara trinta e cinco mil homens e uma artilharia invencível.

Mas, ao chegar a Florença, ele caiu doente. Leonardo o acompanhara durante sua viagem, preocupado com o protetor e amigo. Entrementes, Francisco I invadia a Lombardia, e com mais de trinta mil mortos, entrou vitorioso a Milão. Leão X resolveu encontrar-se com o rei em Bolonha e, moribundo, Juliano recebeu o título de duque de Nemours.

Tanto o papa quanto Juliano eram amigos, desde a infância de Miguelângelo e agora Leonardo via morrer seu protetor e amigo. As estátuas mais belas Miguelângelo deixaria na tumba do duque de Nemours, e de Lourenço, retratando-os como romanos, que haviam sido no passado, e o quadro mais famoso de Leonardo ele recebia como prêmio de seu querido amigo que partira. Nesta ocasião, Francisco I rendeu-se ao talento deles, e convidou-os para partir para a França. Uma amizade quase que instantânea surgiu entre o pintor e o rei, pois a superioridade moral e espiritual de Leonardo o punha sempre acima das rivalidades dos grandes.

Já, nesta época, Leonardo juntara trinta e cinco mil páginas manuscritas de seus estudos, em literatura, filosofia, ciência, mas queria ainda amparar Filiberta.

Foi quando surgiu a oportunidade de fazer a fachada da Igreja de São Lourenço, em Florença, e com seu projeto voltou a encontrar com Miguelângelo, que também estava disposto a conseguir este contrato.

Em Roma, havia muito desassossego, com a vitória de Francisco I, e, em toda parte, Florença, Milão, Nápoles, os italianos acompanhavam com interesse o desenrolar dos acontecimentos.

Lisa adormecera, meio indisposta, e seu espírito gentil vagou em busca de seus afetos. Veio a Roma, onde deparou com o antigo amor, Juliano, ainda em lutas a amparar seu irmão, o papa Leão X.

Ao vê-lo, a lembrança de sua morte, assustou-a muito. Era como se estivesse “sonhando com um morto” e isto, na superstição da época, levava-a a pensar em que alguém também morreria. Mas foi só um instante, pois, apesar da aparência esquelética, ele lhe sorriu com tanto carinho, que o temor se esvaiu.

–Lisa, querida.

–Juliano, estás bem?

–Não tenho descanso. Estive com meu pai. Os que tramaram a morte de Pio III, perseguem Giovanni. Que bom te ver! Que saudade!

O “fantasma” abraçou-a em sonho e ela sentiu ondas de gratidão e afeto transbordando de seu íntimo.

–Lisa, eu te chamei aqui, pois precisamos ajudar Leonardo. Eu sozinho não consigo. Vem.

–Leonardo? - murmurou ela e entendeu de pronto que seu primo sabia do carinho que tinha pelo pintor.

Imediatamente, sem esperar mais perguntas, o antigo namorado de sua fase juvenil foi comandando pelas ruas até os aposentos do Palácio Belvedere, onde o pintor se albergava.

Em lá chegando, ela reencontrou Jácopo, que fora morto, quando da primeira invasão de Milão e ele tratou de informá-los

–Precisamos agir rápido. Venham comigo.

Lisa e Juliano acompanharam Jácopo até os aposentos de alguns cardeais da Santa Fé, que estavam em confabulação, nos palácio de Farneses e assistiram a um diálogo terrível:

–Fale, ou será pior. - dizia um clérigo de nariz adunco e ar macilento. - Sabemos que você tem acesso aos cadáveres e que, se falar, podemos livrá-lo de uma sentença de morte.

O pobre coveiro tremia diante dos homens, que, com suas suntuosas vestes, demonstravam a importância do cargo clerical ocupado.

– Senhor, meu ofício é o de enterrar os corpos ou as partes que os médicos ordenam enterrar. Nada faço de pecaminoso.

– Sabemos que você anda a vender os corpos, como carnes de animal num açougue. - falou um homem mais gordo. - Não adianta mentir. Sabemos que os vende ao pintor Leonardo. Não mintas, ou o poremos no calabouço, onde teremos meios de fazê-lo confessar.

O pobre homem quase perdeu a fala.

– Em minha jornada com os corpos, pode acontecer de ser roubado, por alguma coisa. São tantos e os vou deixando no campo santo, para depois enterrar. Posso ter perdido algum ou, quem sabe, quando me ausento, pode o demo tê-lo desenterrado. Mas não sei nada. Só que o pintor estuda cadáveres. Disseram-me, mas eu nada sei...

Os homens se entreolharam, e também os espíritos de Jácopo, Juliano e Lisa.

– Mister avisá-lo. Eu bem que lhe disse, que tomasse cuidado. - falou a jovem senhora presa por terror imenso.

– Para isto é que precisamos de ti. Vamos.

Os três trataram de sair pelas ruas. Uma chuva torrencial caía sobre a cidade, como se quisesse sufocar ou destruir toda a trama que se urdia para perseguir o filho de Vinci.

Eles corriam pelas ruas, como se estivessem num corpo de carne e, entretimentos, Lisa ressentia-se com a chuva e tremia em seu quarto, com um frio insuportável. O braseiro se extinguiu, e a calafetação das janelas não continha o vento que batia nas árvores do jardim.

Corria o mês de março. Leonardo usava uma serra de ossos e estava atarefado na dissecação de cadáveres. A luz de uma vela bruxuleava no ambiente.

Atento, ele se engolfara em pensamentos profundos, acerca da vida, da morte, do corpo humano, da natureza. Um raio caiu perto, e o trovão se seguia com tal ímpeto, que ele foi tirado de seu estudo, com um susto, que mal conteve. Ergueu os olhos para a janela e ali, em meio à luz que ainda vinha de fora, uma luz azulada, viu a figura de Lisa Del Gioconda, tão bela como quando a pintara. Sua imagem como que se refletia nos fulgores do vidro, e, ao seu lado, quase colado à parede, viu o seu amigo e protetor de tantos anos, Juliano, o conde de Nemours.

Leonardo sabia que a vida continuava. Ele tinha consigo as anotações e de Aristóteles, Platão e Averroes. Ele filosofara sobre o assunto e aprendera muito na Academia Platônica dos Médicis. Além disso, aquelas duas almas eram tão íntimas, tão amigas, que ele não temeu.

–Que desejas? - balbuciou interdito.

–Foge, Leonardo. Foste denunciado e serás preso! - falou Lisa, enquanto Juliano lhe mostrava os pedaços de corpos que comprara ao coveiro.

Foi um momento rápido e logo os vultos se dissolviam na escuridão.

Leonardo lembrou-se do convite do rei da França. Tomou suas anotações, três quadros acabados, os compassos, o astrolábio, chamou Melzi, Salai, Lorenzo e Fantoia, seus amigos, jogou nos baús as roupas e, levando os corpos decepados atirou-os ao Tibre.

Um terror se apoderou dele, ao pensar que seus escritos poderiam ser alvo das perseguições da Inquisição e que seus amigos poderiam também sofrer com isto, mas em oração se entregou a Deus.

A chuva torrencial amainara, e ele rumou para Florença. A medida que o dia sucedia a noite, ele sabia que jamais voltaria a terra natal. Despedia-se dos trigais, das estradas poeirentas, das pedras e das grutas, da vegetação amiga.

–Obrigado Lisa, Obrigado, Juliano! Onde quer que estejam.

Naquela noite, contudo, Lisa Del Giocondo, foi tomada por febre intensa. Em meio ao delírio, chamava por Leonardo, pedia que fugisse, conversava com Juliano.

Seu marido velou à sua cabeceira e contratou enfermeiras.

Porém Lisa tinha o organismo minado,. O terror, ao ver o perigo que Leonardo corria, abalara-a e a pneumonia tomara-a, como se ela houvesse saído a noite, com sua camisola, para enfrentar o maior temporal de Roma.

O rosto afogueado via sem ver, e, quando Leonardo chegou a Florença, soube que dona Lisa de Gherardini Del Giocondo, morrera, enquanto ele demandava o norte, em fuga para a França.

Regressava muito moça ainda ao Plano Espiritual, na companhia de seu primo, mas feliz de ter podido livrar Leonardo das malhas sinistras de seus perseguidores. E um doce sorriso aflorou-lhe nos lábios.

–Tão linda! - comentou o marido. - Parece dormir!

Lisa não titubeara em dar, com seu esforço, a vida pelo homem que amara, e que a imortalizaria, fazendo com que seu retrato fosse comentado, admirado e envolto em mistério pelas gerações futuras.

CAPITULO XII - MORTE DE LEONARDO DAVINCI - 2/5/1519

O rei Francisco I, admirador incontestável de Leonardo, tudo fazia para abrandar-lhe os achaques da velhice e amigos como Melzi e Salai o acompanhavam, sempre ávidos de ouvir-lhe as dissertações, acerca da natureza e do futuro, que ele parecia ver como ninguém, desdobrar-se à sua frente.

Os anos já se faziam duros e difíceis. A amargura de muitas decepções como que lhe haviam sulcado as faces e, se o olhar não perdera a vivacidade azul do sonho, as esperanças pareciam murchar como o rosto, diante da impossibilidade de realizar seus projetos.

Leonardo acordara indisposto. Estava acamado há meses e o cabelo branco e longo empastara os lençóis. Amigos prestimosos se revezavam ao seu lado.

Seu melhor amigo aquele que o obsequiava não apenas com atenções, mas com admiração sincera, nada menos que o rei da França, que outrora também convidara o mesmo Buonarrotti a participar de seu reino, havia saído em caçadas. Leonardo sentia muito sua falta. Todos pareciam partir e abandoná-lo. Sentia falta da Itália, de seus rios, seus trigais, suas mulheres, suas ruas ensolaradas, e até mesmo de suas intrigas. Tudo parecia tão distante e ausente. Tudo tão sem perspectiva. Não tivera filhos. Não tivera nem mesmo um pai ou uma mãe. Não tivera uma mulher para encher-lhe as horas e os amigos, poucos e raros, em sua maioria, já haviam partido para o Outro Mundo, de onde as imagens de objetos estranhos pareciam perseguí-lo, como se ele fora outro João Evangelista, antevendo o futuro. E tudo isto para que? Raciocinava. Para que? Se ele não conseguia fazer o seu Ceceri voar, se ele não lograra ver sua máquina sub aquática funcionando, nem pudera subir num balão que tivesse ar quente...

Mas não queria que a amargura lhe tomasse a alma. Isto seria o mesmo que entregar-se à negação. Tudo poderia faltar, mas ele não poderia faltar-se a si mesmo.

Um servo prestimoso acudiu ao seu gemido, as cobertas foram afastadas. Pareceu-lhe ouvir o ruído de uma tempestade ao longe. Divisou a Virgem dos Rochedos, como que viva, a olhá-lo.

–Estou delirando. -pensou. Se, ao menos, Francisco estivesse aqui.

Bem distante, contudo, o rei ocupava-se da vida mundana do palácio. Contudo, sentiu uma ligeira tontura. Afastou-se dos seus convidados e servos, buscou a penumbra de uma sala e recostou.

Era o que esperavam as entidades amigas, para levá-lo, como que em sonho, a presença de Leonardo, que pensava nele, que precisava dele, para despedir-se do mundo, sem tanta tristeza e amargura.

De repente, ao lado da Virgem dos Rochedos, crianças em bando começaram a rir para ele. E, ao lado delas, a figura do rei Francisco I, destacou-se nítida, estendendo-lhe os braços.

–Um homem pode ser feliz, se pode jactar-se de ter um amigo. - falou o antigo pintor de Vinci, recobrando um ânimo diferente na alma. Era como se todos os sonhos antigos voltassem com força maior. Era como se ele se visse novamente jovem, cheio de vigor, de beleza, de curiosidade, de vontade de criar e vencer...

–Olhem, o rei Francisco veio me ver! - falou ele para os que lhe velavam a partida, com angústia.

Depois virou a cabeça para o lado. Um quadro magnífico estava enfeitando a parede, e nele, como que viva, Lisa sorria-lhe.

De repente, a imagem destacou-se da tela, mas não como a pintara, Lisa estava ataviada com os cachos postiços que usara em seu casamento, com um véu mais diáfano, com um colar no peito e um broche com uma grande pedra oval, cercada de pérolas, no decote, prendendo o tecido da roupa bordada e rica, E esta Lisa tinha vida, sorria-lhe, estendia-lhe os braços e chamava-o docemente.

–Leonardo, querido, vê! Leonardo!

O mestre quis dizer algo aos amigos, explicar o que ocorria, ou pensava ocorrer, quis atentar para o rei, que os outros pareciam não ver, mas as forças lhe faltavam. Um sono estranho lhe tomava o corpo. Ao mesmo tempo, Lisa colocava sua cabeça em seu colo, docemente, como se

fosse a própria mãe de Jesus a ampará-lo. Ele quis explicar, mas as palavras não saíam. Apenas balbuciou:

–Lisa!

A cabeça pendeu sobre o travesseiro. Seu último suspiro se ouviu, e, enquanto alguns amigos sufocavam os soluços, a imagem de Lisa sorria-lhe duplamente, no aposento, linda e livre, amada e bela, e no retrato, no sorriso de promessa e entrega que mantivera para ele, pelos quatro anos em que pousara e agora, no reencontro de uma longa espera.

E, adormecido, o rei da França emprestava seus recursos materiais para tornar mais rápida e indolor a partida de uma das figuras mais gentis e inteligentes que a Humanidade já conheceu, e cujos segredos atravessariam os séculos, até serem descobertos pelo reflexo de um simples espelho. Partia, depois de longos anos de peregrinação, o querido mestre Leonardo da Vinci.

CAPITULO XIII - A CRIAÇÃO DO MUNDO

Já estava Buonarrotti trabalhando nos afrescos da Capela Sistina, fazendo seus maravilhosos desenhos, com expressão de movimento tão fantástico, fazia vinte meses.

Uma firme ponte sobre madeirame, colocava-o em posição de trabalhar no teto, porém, apesar de tudo, era uma posição incômoda e tinha poucos ou quase nenhum ajudante, então, que lhe preparasse as cores.

O escultor estremecia com os rumores que ouvia se faziam de seu trabalho, pois sabia que sua presença em Roma, e no Vaticano, incomodava profundamente Bramante e Rafael, que vinham trabalhando para o papa, e que estavam muito enciumados de sua presença.

–Ele é antes um escultor e um arquiteto que um pintor. - soubera que havia comentado sobre ele, o jovem e promissor rapaz, amigo de Sodoma e Fra Angélico.

Muitas vezes vinha Julio II a ver se sua obra terminava, ansioso por mostrá-la a todos em Roma, e aborrecido por não poder vê-la, senão com o esforço de subir até a ponte de trabalho do pintor Fiorentino, quando não poderia avaliar o efeito que faria vista do solo.

Todas as vezes que o instava a que apressasse a obra, aquele homem violento, acostumado sempre a ser obedecido e à cuja voz estremeciam os homens mais valentes da Itália, ouvia-lhe, então o arremedo dos comentários que sabia se faziam às suas costas:

–Sou antes um escultor e um arquiteto, mas tenho que trabalhar como pintor, quando S. Santidade tem muitos borra tintas a seu serviço.

Júlio II se aborrecia tremendamente, pois, logo depois, corria o comentário das falas de Buonarrotti e os outros protegidos seus, como que lhe cobravam uma atitude.

Foi deste modo que, estando quase terminada a obra, foi ele um dia disposto a apressar o escultor, para que entregasse o trabalho até o Dia de Todos os Santos, quando toda Roma poderia admirar seu talento.

Caminhando sobre a ponte, examinou cuidadosamente a figura do pai Eterno, dando vida com seu toque divino a Adão, A masculinidade das figuras ali representadas, como que tocadas por um sopro diferente, sobrenatural, o céu crepuscular de um dia marcante, demonstrava a força criadora do fiorentino. Sem dúvida, o sol e a lua estavam postos em posição esplêndida, o reino animal e vegetal estavam representados com graça e elegância, a traição de Adão e a serpente representada meio figura humana e meio réptil, cada ângulo, cada vão de parede tão bem aproveitado, a ilusão de uma perspectiva curva, os fundos expressivos, os movimentos. Caminhou em direção as figuras de Caim e Abel, e parou respirando profundamente, ainda sentindo o cheiro das tintas e vernizes usados pelo artista e a argamassa que cobria as paredes, dando-lhe firmeza para os esboços. Que sentimento de admiração e de reprovação lhe inspirava cada figura, cada gesto, cada movimento. Dirigiu-se para a representação do dilúvio, de Noé, e parou a observar a violência das ondas sobre a arca, prestes a afundar ou a adernar ao fundo.

–O fulgor da ira divina sobre a fragilidade humana! - deixou escapar com um largo suspiro, traindo seu gosto.

Observou Noé embriagado, sendo motivo de chacota de um filho e de cuidado de outro, e, antes de completar a volta à parede, viu as colunas tão bem desenhadas, que pareciam ter volume, e de pilastra em pilastra, os doze profetas e as quatro sibilas, tudo tão maravilhosamente plasmado por suas atitudes, a variedade dos panos e dos ornamentos, torsos em

movimento, as carne à mostra, as veias, os músculos, as expressões fisionômicas, os olhos, os ombros, as pernas...

–Ópera estupenda! - deixou escapar.

Mas foi detendo-se nas figuras nuas dos jovens que sobre as colunas enfeitavam as cenas da Criação do Mundo, que ele parou com um sorriso cúmplice:

–Sim! - pensou. Sem dúvida! Ele os desenhou a todos.

Na verdade, nus, fortes e belos, ali se viam Leonardo, Rafael, Sangallo, Sodoma, Vanucci, e todos os seus contemporâneos.

E, nas colunas que serviam de fundo às sibilas e aos profetas, "fingidas" esculturas trançavam seus corpos nus e robustos, de forma maneirada.

–Ah! - pensou o pontífice. - É magnífico demais, porém será motivo de muito escândalo.

Quase todos os nus eram masculinos.

O papa pensou sem querer na Virgem dos Rochedos de Leonardo que vira há dias, concluída que fora, de luminosidade tão delicada, com suavidade e graça nas figuras femininas, e a Deposição de Rafael, protegido do banqueiro Agostinho Chigi, e onde se via a influência nítida de Leonardo e do próprio Miguelângelo sobre o jovem artista, e imaginou o escândalo que se faria entre os artistas, quando a obra de Miguelângelo fosse mostrada ao grande público, e a seleta plateia de artistas apoiados pela Igreja.

Continuou observando Moisés e o maltratado e ferido povo de Israel. Do outro lado a vingança de Judite contra Olofernes, e, além, a luta de David contra Golias.

Pelo espaço que se lhe oferecera, pelos recursos, pela extensa galeria de assuntos que deveria descrever sem palavras, Miguelângelo demonstrava uma arte grandiosíssima.

Faltava, sem dúvida, os últimos retoques e, para enriquecer um tanto toda a obra, o ouro que falasse a cobiça humana!

–Eu já havia dito à Sua Santidade, que esta não é minha arte. - falou o escultor com um tanto de modéstia, pois somente a si mesmo permitia qualquer comentário contrário à sua obra. -Assim, eu o fiz e se não me crês, olha e vê.

Este mesmo recado ele lhe enviaria por seu amigo. San Gallo, o qual, tendo ido fazer observação de seu trabalho para relatar ao papa, viera com tantos elogios, que somente agora, diante de todo feito, Júlio II podia avaliar.

Como era impaciente, ele se decidira por fazer sua própria avaliação, e, para abespinhar um pouco o escultor, ao vê-lo em atitude modesta, que não lhe era característico, comentou:

–Pena que se demore tanto a mostrá-la ao público, pelo que venho pensando em Rafael, a pedir a Bramante que lhe dê uma última mão... Deve ser fácil colocar demão sobre demão de tinta, para dar o acabamento...

Miguelângelo pensou um momento nos dias e dias que passara, suspenso como uma aranha, quando por exaustão quase desmaiara, caindo lá de cima, da vista que se turvara tantas vezes, diante dos matizes, do cheio da tinta que lhe entrava pelos poros, do pescoço doendo pela posição incômoda...Das vezes em que soltara uma a uma as tábuas da passarela, para ver lá debaixo o efeito de sua obra, e, agora, Júlio II lhe vinha dizer que iria chamar a Bramante que lhe terminaria a obra, ou Rafael...ou...

Um fundo vinco na testa demonstrava ao papa o vulcão prestes a explodir no Fiorentino.

–Não está terminada, não é? - perguntou o papa.

–Não, como eu quisera! - respondeu o escultor.

–Então, quando ela estará finita?

–Quando eu puder! - gritou o escultor.

–Tu sabes que eu posso lançar-te daqui para baixo por isto? Como ousas gritar comigo? - falou o papa, agitando nas mãos um bastão, como se fosse atingir o pintor com ele.

–Não me farei lançar daqui por Sua Santidade! - respondeu o escultor, descendo com presa da plataforma de trabalho.

No dia seguinte, vieram avisar ao papa que o escultor mandara desmontar toda a armação de madeira, e que a obra podia ser apresentada ao público, no dia de Todos os Santos.

O impacto causado pela gigantesca pintura, pela maravilhosa disposição das figuras foi imenso. Diante disto, procurou o papa a Miguelângelo, suplicando que terminasse a obra.

-Pelo trabalho que me dera montar novamente a ponte, acho que ninguém se importa com seu acabamento – respondia o escultor, fugindo de concluir a obra.

–Acho que será necessário retocá-la com ouro. - tentou persuadi-lo o sumo pontífice.

–Eu não vejo porque os homens precisam de ouro. - retrucou o pintor.

–Mas ficará pobre a pintura.

–Que importância isto tem, - respondeu ele. - estes que eu desenhei também ficaram pobres...

E assim, de recado em recado, de palavra em palavra, de carta em carta, com malícia, ele se desobrigava de voltar às tarefas que se lhe exigiam, e partiu para Firense. Lá foi procurado por Accursio, um jovem muito querido do papa, que lhe falou que vinha pedir desculpas, em nome do pontífice e que ele aceitasse, como presente, 500 ducados.

–Diga ao papa que aceitos suas desculpas, e que terminarei a obra **quando puder!** - disse ele sublinhando a frase que causara toda a celeuma entre os dois.

–Quando puder! Quando puder! - exclamou desalentado Júlio II, no retorno de seu mensageiro. – Que fazer? Ele tem o gênio, e eu quero manter este homem!

–Por que não o chama para dar andamento ao projeto da sepultura? - perguntou Accursio.

O papa estremeceu. Lembrou-se dos vaticínios de Bramante. Não, ele não tinha coragem.

Somente quando sentia que ia partir, ordenou que ele terminasse a sepultura, tendo escolhido para cura o Cardeal Santiquatro, o cardeal Aginense. **(O cardeal Santiquatro é Lorenzo Puzzi, que recebeu em 1513 o título das mãos de Leão X, O cardeal Aginense é Leonardo Della Rovere, neto de Sixto IV e parente de Júlio II, e recebeu o título em 1505.)**

Antes, porém, um dia teve a oportunidade de travar com Miguelângelo uma conversa e soube, por Bartolomeu Ammanatti de, sobre uma discussão que ele tivera com Sangallo, sobre os projetos arquitetônicos de seu pretenso rival.

–Não posso negar que Bramante é valente na arquitetura maior do que todos os que conheço hoje e os Mestres da antiguidade. Sua planta de São Pedro não tem confusão nenhuma, é clara, cheia de luminosidade, e isolada em torno, de modo que não agride nenhuma estrutura do palácio, é bela, como já manifestei, e, se alguém disse que eu falei o contrário, por certo, mentiu a respeito.

Mais ainda passou a admirá-lo o papa, pois este homem não tinha meias palavras e elogiava aqueles mesmos que um dia tudo tinham feito para perdê-lo.

Foi por isso que, conquistado por seu trabalho, e por seus modos, Rafael o colocou como Mestre no seu fresco “A Escola de Atenas”.

Como dizia Vitória:

–Todos o amavam por suas obras, mas aqueles que o conheciam, o amavam muito mais, pelo homem que ele era.

CAPITULO XIV - FERNANDO DE AVALOS - MARQUÊS DE PESCARA.

Vitória revirou nas mãos o cinto de pérolas e pedras preciosas que acabara de receber, embrulhado em rico tecido trazido que fora das mãos da vice rainha.

Ela reconhecia aquele cinto. Era seu! Dera falta dele, aborrecera-se, sem atinar em quem o haveria surrupiado. Leu, segurando com mãos trêmulas, o bilhete que acompanhava o pacote:

“Que a senhora guarde esta preciosidade, para não acontecer de algum ladrão doméstico, vir a surrupiá-la no futuro...”

Seu coração sentiu um sofrimento inaudito.

Não havia como duvidar. Sua joia fora parar nas mãos da vice rainha da Nápoles, dado como penhor de apreço pelo próprio marido! Pelo seu gênio feroso, o esposo que o pai lhe reservara, desde os quatro anos, de um temperamento espanhol, havia sido criado naquele castelo, pela sua tia, a Duquesa Constança. Ferrante lhe dera um crucifixo de brilhante e doze braceletes de ouro, por ocasião do casamento. Ambos tinham uma vida faustosa, vinham de duas vergôntes de tão ilustres linhagens, ele tinha a admiração do rei, pelos seus feitos militares, como, então explicar aquilo?

As lágrimas já lhe desciam pelo rosto, tomado de surpresa e angústia. Não o chamava sempre carinhosamente de “belo sol”, pela sua pompa, pela opulência e virilidade? Por que ele sempre lhe demonstrava tão pouco apreço, por que sempre se ausentava, atrás de louros nas guerras em que se atinha, por que sempre ouvia dizer de suas aventuras, e até de um filho...

Aqueles rumores perversos, então tinham um fundo de verdade? Era verdade?

Vitória não amava o marido a não ser com um sentimento fraternal, fruto de sua inclinação carinhosa, de sua predisposição em acatar a posição que lhe haviam escolhido no seio familiar.

A figura de Fernando de Avalos, Marquês de Pescara, general do imperador Carlos V, e o menino com o qual brincara, tantas vezes junto à tia, o jovem promissor que lhe fora tão atencioso nas bodas, como que dançavam em sua mente num estranho ritual feito de promessas e de risadas, como se caçassem de sua ternura derramada nos poemas, nas falas para com ele, nas poucas vezes em que estavam juntos, ela se desmanchava em atenções, através das guirlandas de flores, dos jarrões perfumados, das iguarias...

Vitória correu até a porta e, vendo que nenhum servo estava próximo, travou-a e sentou-se à cama. Apesar das lágrimas abundantes, leu novamente o bilhete revelador:

...”algum ladrão doméstico”...

Além disto, a amante de seu querido esposo, referia-se a ele daquele modo tão ultrajante. Como ele pudera chegar àquele ponto? Um espadachim de méritos, um homem tão altivo, e descer ao ponto de roubar-lhe um mimo como aquele, para premiar a vice rainha. Então ela não o via brilhar na sociedade, ser cobiçado pelas damas, querido pelos soldados das guerras, brilhante nos torneios?

Quando se casara e partira para a solidão de Ísquia, ela jamais imaginara quantas lágrimas lhe haveriam de custar os dias amargosos de solidão, e agora, esta sensação terrível de humilhação e ciúme.

–Ciúme é um sentimento mesquinho. Não! Não terei de abrigá-lo em mim!

Vitória caminhou pelo aposento e acabou entontecida e afogada pelas lágrimas, no leito conjugal.

Como poderia responder aquela mulher terrível, à vice rainha de Nápoles, agora que se sentia apunhalada pelo esposo, nos seus mais caros sentimentos?

Estava ainda em pranto, quando bateram à porta do aposento.

A voz possante de Ferrante se ouviu do outro lado.

–Vitória, abra!

A jovem senhora estremeceu, ao ouvir o marido que chegava sem avisar, de suas muitas sortidas guerreiras, junto ao imperador de Nápoles.

Ela enxugou apressadamente as lágrimas, e, ainda tomada pelo espanto, pelo susto, pela humilhação que lhe haviam causado a chegada daquela peça, que a adornara tantas vezes, durante as recepções, e fora cobijada por tantas damas da alta sociedade italiana, teve um lampejo de esperança, que ele pudesse explicar-se, suspendendo as dores morais que a estavam martirizando.

Foi deste modo que abriu a porta, e lançou-se-lhe nos braços, cheia de mágoa e de esperança.

–Fernando! Diz que é mentira!

O marido a fitou, estranhando-lhe os modos, sempre tão discretos e calmos, agora como que tomada por uma explosão de dor inexplicável para ele, até que seu olhar se deteve sobre a cama do casal, onde o cinto de pérolas jazia mudamente, como peça acusatória.

–Foi isto? - exclamou com um suspiro, pensando em como aquela peça houvera ido parar ali, meditando em que a amante encontrara um meio de feri-lo, através de Vitória, que ela odiava, por todos os seus méritos de esposa zelosa, de literata ímpar, de mulher apreciada pelos artistas e nobres de sua época, quer por sua beleza, quer por sua grandeza espiritual.

A pergunta simples demonstrava a dureza e orgulho de Ferrante. Ele não se explicaria, ela bem o sentia, nem se faria perdoar.

–Eu poderia suportar que gastasses nossos haveres, para te satisfazeres, sem que se tornasse público, ou certo, para mim, que te roubassem de mim. Para mim não haveria preço pelos teus carinhos, no entanto...

Vitória como que se humilhava, diante do esposo, abrindo-lhe o coração macerado por muitas ausências, mas ele, imoderado, orgulhoso, e ferido pelo brilho da mulher que, sem o desejar, atraía pra si grande

número de admiradores, através de seus poemas, epístolas carinhosas e maneiras discretas e cativantes, respondeu irônico:

–Eu pensara, Vitória, minha querida esposa, que o estudo lhe houvera feito fugir às coisas vis e interesseiras do mundo...

O ideal religioso, o valor intelectual, o carinho exarado com todos causava no general vaidoso, profundo desgosto e ciúme, que ele teimava em negar, em camuflar com atitudes grotescas de conquistador. A vice rainha, por perfídia e maldade, exigira dele aquela prenda, para se dobrar ao seu assédio. O que ela realmente desejava era ferir a marquesa, como estava fazendo naquele momento.

Vitória ergueu-se. Diante da ironia e desfaçatez do esposo, como poderia redarguir, senão com sua dignidade de mulher, seu coração bondoso e sua mente cristalina de pureza e intenções?

Não escrevera há pouco ao rei Carlos, reclamando docemente que seu esposo preferia as batalhas ao lado do rei, do que a tranquilidade ao seu lado? Suas queixas eram como que o canto de ave aprisionada, sem mágoas maiores ou dureza.

Calou-se Ferrante, não suportando seu silêncio, saiu como chegara, sem maiores explicações.

Calada, Vitória tomou a pena sobre a escrivanhinha, sua caixa de areia, o carvão, a tinta e escreveu com mão firme e resoluta:

“Senhora

Parece-me que a pessoa que lhe fez presente desta peça que sempre me foi muito cara, esqueceu de lhe dizer, que eu aquiescera em entregar-lhe a mesma, de vez que a senhora deve ter feito jus a ela, com seus próprios méritos. No entanto, se não a aprecia, faça-a prenda de alguma obra de caridade”

Aquela desarmante simplicidade, aquele desprendimento é que a faziam merecedora da admiração de todos. Todas suas epístolas, todos seus escritos, até sua morte, se refeririam ao seu esposo como o “belo sol” de sua vida, e somente um leitor mais perspicaz, poderia perceber a mágoa e a dor que ela em vão tentava ocultar, nos seus modos calmos e singelos, na sua doçura espontânea e que magoavam e marcavam mais e mais a Ferrante, fazendo-o sofrer, como não o faria um incêndio ateado pelo ódio, que Vitória não guardava dentro de si.

Naquela época de tanta soberba, de desafios e ostentações, de opulência fundada em tristes injustiças e prepotências, ela, nascida entre as vitórias mais luminosas, da linhagem dos duques de Urbino e Marino, os Colonnas, concorrentes dos Bórgias, na linhagem de poder do Vaticano, criada como discípula de Fonteio, ligada a Fernando, da alta estirpe da nobreza italiana, rica e bela, era afetuosa e liberal por condição própria. Se Deus lhe dera um companheiro de gênio feroso e difícil, ela falaria dele as qualidades que gostaria de ver ajazarem seu espírito. Nasceria em 1490, casara-se em 29 de dezembro de 1509, e nenhum herdeiro viera lhe brindar a existência de esperas prolongadas, entre as batalhas que seu pai, Fabricio Colonna e o Marques de Pescara, seu marido, vinham participar. O conflito entre Espanha e a França, em Milão, não prometia a ela sossego e sim mais pranto e espera.

Fernando confirmara sua traição, de forma ainda mais vil do que ela sonhara, porém encontraria a ex amante ajazada com sua joia, para saber quanto ela pagaria pelo apreço que um dia haveria de desejar sem ter. Vitória tomou de um lenço finíssimo de seda e embrulhou a peça, tratando de fazer com que ela chegasse antes do marido às mãos de sua rival e voltou às suas orações e aos seus poemas, às suas epístolas e às obras de caridade, com as quais premiava as monjas dos claustros e procurava beneficiar os órfãos.

Esta era a mulher que conquistara o coração de Buonarrotti.

CAPITULO XV- ENCONTROS NOTURNOS

–Miguelângelo...Miguelângelo...

Na modorra em que estava, o escultor ouviu a voz que lhe parecia tão familiar chamá-lo com insistência.

Foi se deixando levar por este chamado e foi lentamente desprendendo-se do corpo observando, entre admirado e lúcido, as figuras que rodeavam seu leito.

Sua mãe foi a primeira a chamar-lhe a atenção, pelo carinho especial que se evolava dela, e ele a abraçou com efusão. Depois viu o jovem Massaccio, que o andara chamando, e a quem ouvira, na modorra em que mergulhara.

Fortalecido e leve, dirigiu-se ao pintor falecido, falando intempestivamente:

–Iremos hoje visitar o Panteon?

–Sim, Como te prometi. Ainda bem que ouviste os conselhos do sono, ao invés de ficar até altas horas o atelier, trabalhando os esboços da Capela Sistina. É mister que primeiro vejas o que temos engendrado aqui, no campo da pintura, como elemento educativo e histórico, para que depois estabeleças os rumos a tomar, para a obra que deves executar.

–Quão grandes saudades guardo do tempo em que estivemos com o Mestre e seus companheiros, - ponderou o escultor, pensando no tempo antigo, na Grécia de Péricles, quando conviveram com Sócrates e Platão, Fídias e seu discípulo Alcamenes. Ele, que fora no passado companheiro de ambos, aluno de Fídias e que se chamara Agorácrito, tão logo se desprendia do corpo como que retomava suas lembranças como escultor emérito de Atenas. Reconhecia em Massacio o seu amigo e companheiro na arte., Alcamenes e passou a tratá-lo por aquele nome antigo:

–Alcamenes, poderemos vê-lo?

–Receio que não será desta vez, pois o que havia te prometido era uma incursão no campo arte da pintura, nos moldes que hoje conhecemos aqui e teríamos inclusive acesso a tudo o que se tem plasmado na Terra, desde longa data, bem como da análise feita a respeito. Creio que isto seria o bastante para te inspirar na elaboração dos teus trabalhos, na exigência do papa Júlio II.

–Ah! Que este homem está a perder a minha paciência, pois encomenda um afresco de tal envergadura, como se o fizesse ao padeiro que lhe deve aviar o pão e as hóstias para a missa!

–Júlio não perdeu muito de seu jeito autoritário de ontem, mas devo confessar-te que ele te admira, e te quer junto a si, para os projetos que invente.

–É um sovina, um desbocado, e, com toda sua arrogância, um medroso, um supersticioso. -comentou Buonarrotti à socapa, pois já de há muito todos sabiam as homéricas discussões que tinha com o pontífice. O que todos admiravam é que sua vida ainda prosseguisse, e mais, que o pontífice fizesse questão de retê-lo, inventando trabalhos com o que o ocupar.

–Deixa-te destes comentários que só podem prejudicar nossa viagem, meu amigo. Refreia tua impetuosa análise, pois a ti basta saber que Júlio II te admira, e te obsequia com o melhor.

Massaccio secundado pela mãe do escultor e mais alguns companheiros que, pelos modos se mostravam como amantes do belo, na arte da pintura e da escultura, pediram-lhe atenção e serenidade, e, aos poucos, o grupo se deslocava em velocidade relativa, rumo a esferas mais altas, onde escolas inúmeras desenvolviam sua atividade, preparando espíritos e educando-os para futuro reingresso no campo da carne.

Miguelângelo sentiu como que se lhe restaurassem as forças, ouvindo sublime melodia, que parecia acompanhá-los na jornada, sem que pudesse atinar de onde provinha. No entanto, ela parecia tocar-lhe a alma em reminiscências vazadas de esperança e amor.

–Alcámenes, quanto tempo ainda...

–Aguarda, com paciência, amigo. Aguarda.

Depois de instantes de ascensão, chegaram a uma metrópole que lembrava em tudo as ruas brancas, pelas suas casas clarificadas e seus portentosos monumentos, a Grécia antiga. Rapazes e moças caminhavam entre alamedas floridas, com roupas antigas, túnicas bordadas, em conversa animada.

O escultor se deixou levar pelo antigo amigo e cúmplice, Alcámenes, que fora Massaccio e que ele tanto admirava, e cujos esboços copiara cansativamente em Florença.

Resultou que se dirigiram a um imponente edifício, apoiado em duas colunatas imensas e cujo pórtico se atingia, subindo uma escada de sete degraus.

–Quero ajudar-te a consolidar seu trabalho. - comentou o amigo, acrescentando: - Vem!

Subiram por um patamar e adentraram imenso salão, onde uma exposição imensa de quadros mostravam-se iluminados e luminosos.

–Observa! - pediu Massaccio.

Miguelângelo boquiaberto parou diante da primeira tela, enorme, monumental, onde se via uma cena típica do Velho Testamento, uma passagem da vida de Moisés. Porém, para admiração sua, não apenas havia uma plasticidade imensa nas figuras, um movimento desusado, nos planejamentos das roupas, uma expressividade incrível nos olhos, no rosto,

um gesto de quase fala nas mãos, pés das figuras. Os olhos se moviam, as árvores, os rios. A boca parecia falar, transmitir uma mensagem.

–Mas que sublime! - deixou escapar o escultor. -Penso que alcancei o trono de Deus!

Seu cicerone riu da comparação e mostrou-lhe o quadro seguinte. A cada um ele se prostrava mais admirado, agora fugindo ao verbalismo, na tentativa de comunicar ou expressar seu júbilo e encantamento.

À medida que andava, começou a divisar afrescos, murais, e os nomes dos artistas desfilavam ante seu olhar, uns conhecidos de longa data, outros, contudo, sem lembrança em sua memória. Era uma infinidade de estilos, mas cada um tinha uma graça peculiar, uma solução arrojada, e falava, por si só, o recado que estavam passando. A vida de Jesus nunca fora tão bem representada.

–É um campo de trabalho imenso. - deixou escapar o escultor.

–Sim. Um campo de há muito escolhido por nós, meu amigo. Por isto, não abrace o desânimo. Tens muito que servir e aprender ainda. Tu te reencontras com laços antigos de existências pregressas, mas trabalha dentro do reajuste pedido, espargindo as claridades, em nome do Mestre, que nos tem que nos tem acolhido no seu manto de amor. Usa o teu entusiasmo, com júbilo, consagra-te à obra maior e Deus executará o resto. Sobretudo, lembra-te da fraternidade verdadeira. Integra-te com Leonardo, que virá a pedir auxílio em Roma, e reconhece-o, ainda gora, esvaindo toda a antipatia que lhe devotas.

Sob o influxo de Massaccio, Miguelângelo como que foi induzido a rever o passado.

Na tela mental, prodigiosamente, todas as cenas antigas desfilaram com seu caudal de infâmias, julgamento, abusos. E ele se viu claramente como o cavilador de Fídias, amigo de Alcamenes, invariavelmente juntos, arquitetando seus planos. Estava certo que alguém comandava aquele retrocesso, mas não lhe importava quem fosse. Queria ver mais, saber mais.

E, pelo infinito carinho de sua mãe, dos companheiros que os seguiam, e que ele não conseguia naquele momento identificar, embora sentisse que os conhecesse, tanto quanto a Massaccio, acabou por identificar Fídias na figura esbelta e incômoda, no seu modo de entender, de Leonardo da Vinci.

Com auxílio divino sentiu que a nuvem escura que lhe obscurecia o olhar dava vez a um entendimento infinito.

–Sinta a verdadeira felicidade de criar. Nos momentos de solidão, lembra da enxovia que criamos para o Mestre Fídias, enquanto ficávamos com o ouro da estátua. Contribuímos ambos para a derrocada moral de um gênio. A experiência na carne, contudo, cobra-nos hoje atitudes diferentes. Lembra-te da estrela de luz que brilha, mostrando-nos o caminho. Breve estarás com almas que te foram caras. Tal como antigamente, elas te buscarão. Não temas. Dedic-te com cuidado às tarefas que te competem. Porei minhas mãos sobre as tuas. Dar-te-ei forças, trabalharemos juntos, e, quando for necessário, virás novamente mergulhar nos ensinamentos destes heróis do belo, que jamais se cansam de criar, de realizar, de construir a beleza, a história, a arte. O caminho será longo. Quando a cruz das provas te pesar sobre os ombros, lembra-te de que pediste isto, e que deves suportar e crescer, para que a ternura, o reconhecimento e a alegria te envolvam o coração.

–Posso ver os autores destas tão magníficas obras? - perguntou Buonarrotti esperançoso.

–Sim. Outro dia demandaremos as oficinas de trabalho e aprendizado, então reconhecerás quantas possibilidades ainda jazem adormecidas nas mãos humanas, a espera que sua visão insegura e frágil se amplie, provocando a descoberta de novos horizontes de criação. Em outro tempo, trarei comigo os companheiros da Grécia, cujas verdades ainda espargirão luzes por muito tempo entre os filósofos e artistas de todos os tempos. Por hoje, basta que consigas avaliar o teor da responsabilidade que o papa Júlio te coloca nas mãos. Eu te digo, Buonarrotti, que se te diligenciares bem, as lições que levas contigo criarão obras de tal grandiosidade, que elas, por si só, serão tuas testemunhas de defesa do ontem obscuro, e deixarão luzes e lições no porvir, para multidões inteiras. Não te esqueças que, em outro tempo, não nos adaptamos muito bem as lições magníficas que aprendíamos. Em nosso favor, hoje, construamos com perseverança as novas noções do belo, plantando harmonia e grandeza.

Às vezes precisamos abandonar um tanto o círculo de provas carnavais, para termos uma visão mais ampla do que nos compete realizar, e da grandiosa benção que temos nas mãos. Compreenda com clareza os

recursos do caminho, e o que isto representa para nós. Repara que você me ouve a voz, ao dormir, e que temos podido adentrar um campo ainda inédito de conhecimento humano. Apesar das amarguras, das aflições, este conhecimento estará vivo em teu espírito. Ele te orientará os passos. Ele te falará nas horas silenciosas, será tua prece, tua atividade, teu reconforto.

Peço-te muito cuidado. Não é fácil modificar atitudes mentais. No entanto, tanto quanto possível, não te deixes levar pela animosidade com relação a Leonardo ou a seus discípulos. Peçamos a Jesus pela edificação de todos nós, nos empreendimentos que nos competem realizar para nossa própria elevação.

Compreendendo a necessidade de amadurecimento espiritual, Buonarrotti acompanhou seus amigos até outro recinto, onde deixou que o espírito mergulhasse numa prece muda e vivificante, acordando no corpo, quando o sol já deitava seus raios sobre Roma, e, erguendo-se disposto a trabalhar nos esboços da Capela Sistina, procurando transmitir toda a grandeza que vira nas telas que enfeitavam locais distantes, no Plano Espiritual.

CAPÍTULO XVI- LEÃO X, CLEMENTE VII E PAULO III

Quatro meses após a apresentação das cenas da Capela Sistina, repentinamente Júlio II morreu. Foi uma consternação geral, e, aqueles mesmos que haviam até então impedido a construção da tumba do pontífice, começaram a fazer comentários de sua não concretização, levantando os boatos mais desconcertantes a respeito, falando de importâncias enormes que Buonarrotti teria recebido pela mesma, sem fazer conta da verdade.

Apesar das muitas discussões havidas com o papa, o escultor mantinha um respeito e admiração por ele, porque nunca lhe havia feito mal maior e porque sabia o quanto aquele poderoso homem o tinha em alto apreço pelo seu valor. Deste modo, mesmo sabendo que um Médici haveria de tomar assento no trono papal, Buonarrotti sentiu que perdia um amigo.

Lembrou-se da estátua que ele o abrigara a fazer de sua figura em bronze, e de como ao fitá-la lhe perguntara de forma maliciosa:

–Esta tua estátua me dará a benção ou a maldição?

Ao que Miguelangelo lhe respondera:

–Ameaça, Santo Padre, este povo. Não é sábio.

Realmente sua predição se fez, pois, em 1511, reentrando em Bologna Bentivoglio, o povo em fúria lançou a estátua em terra e a destruiu, tal como ele predissera.

As suas disputas com os cardeais, suas desavenças com o papa, desde que começara a pintura em maio de 1508, até dá-la por finda, em outubro de 1512, tudo lhe vinha à mente, enquanto se dirigia para o encontro com os seus curadores, o Cardeal Santi Quadri e o cardeal Aginense, que era sobrinho do pontífice morto. Lembrou-se de seu primeiro projeto, que lançara fora, e das novas conquistas espirituais que o alcançara naquele tempo. Nomes dos novos amigos da corte romana, companheiros de Florença, a morte de Juliano de Médicis, que fora apaixonado pela jovem Lisa de Gerardhini (Mona Lisa) tudo lhe trazia à mente nova conformação para a sepultura, na representação em três pavimentos, e nas esculturas que ornariam tal obra.

Estava impaciente para fazer a tumba, para terminá-la, para se dispor para deixar o exemplo de suas iniciações e da amizade que tivera pelo pontífice. Não mediria esforços e trabalhos, mas sabia que urdiam calúnias às suas costas, aqueles mesmos que haviam sido obumbrados em sua arte por ele. Em vão houvera tentado fugir a fazer a pintura da Criação do Mundo, alegando que esta não era sua arte (a pintura), imprimindo força maior ao comentário de Rafael Urbino, Júlio II não o escutara. E agora que iria adentrar seu campo (a escultura) e o campo de Bramante (a arquitetura), sabia que os anos começavam a lhe pesar e a empresa não seria menor.

Mal sabia ele quantos desprazeres, quanta luta lhe custaria aquela sepultura, e, nas marchas e contramarchas para executá-la, quanta tragédia traria à sua própria vida. Quanto desgosto lhe seria imposto, e quanta grandeza de alma precisaria demonstrar.

Neste interim, sucedera ao trono papal o Papa Leão X, da família Médici, que era muito amigo de Miguelângelo, e mesmo sabedor que ele deveria agora, por ordem dos testamentos de Júlio II, executar a sepultura

do mesmo, lhe ordenou fizesse a fachada de São Lourenço, com labores de mármore.

Assim, mesmo tendo acertado preço e continuidade à sepultura, por ordem do papa, tratou de elaborar o desenho para Firenze.

–Senhor, com todo amor e empenho, devo tratar primeiro da sepultura. Não posso faltar com o trato com os cardeais curadores de Júlio II.

–Deixa-me que falarei com eles, e deixarão que você parta até com contentamento. - exclamou o novo pontífice.

E, realmente, os cardeais não podiam impedir a ordem papal, e, deste modo, mesmo contra sua vontade, o escultor arquiteto, em prantos, abandonou o projeto da sepultura.

Partiu, portanto, a Carrara para tratar de adquirir o mármore, para a obra encomendada. Neste íterim, contudo, escreveram ao Papa Leão X, dizendo que na montanha de Pedra Santa, castelo de Fiorentini, havia mármore tão bom ou melhor do que o de Carrara.

Imediatamente o papa enviou um mensageiro a Miguelângelo, ordenando que ele procurasse o amigo marques Alberico, no estado de Firenze, pois deveria ir até Pedra Santa, a ver o novo mármore de que tivera notícia. O escultor assim diligenciou, e respondeu ao papa que o mármore em questão era intratável, e, mesmo que fosse próprio, era muito difícil transportá-lo, e, para levá-lo até o mar, seria preciso construir uma estrada e pontes, pois parte do terreno em que seria transportado era pantanoso. Mesmo assim, recebeu ordens de fazer a estrada. Passou a contragosto a executar a ordem papal, e enviou grande partida de mármore por ela.

Contudo, o marques de Carrara, sem saber ou aceitar as explicações do escultor, creu que dele partira a ideia de ir buscar o mármore de Pedra Santa, e passou a odiá-lo por isto, achando que sua escolha se dera pelo fato de ser Fiorentino.

Mesmo trabalhando em Firenze, entre 1513 e 1516 conseguiu ele esculpir os dois escravos, um rebelde e outro extenuado, com o mesmo furor e expressão com os quais desenhara seus profetas na Capela Sistina. Os escravos simbolizavam as artes cativas, após a morte de Júlio II.

Embora pensasse em tornar à sepultura, mesmo instado a isto, o cardeal dos Médici, que depois foi Clemente VII, governava então Firenze,

e incumbiu-o de obras na livraria dos Médici, em São Lourenço.

Deste modo, nada pode fazer, enquanto durou o papado de Leão X, e se lamentava, sendo, por isto, chamado a Roma pelo papa Clemente, para se fazer um levantamento do quanto já houvera realmente recebido pela obra, e o que já houvera feito, tendo certeza que o escultor era mais creditor que devedor em tal caso. **(O papa Alexandro VI morreu em 18/08/1503. Em 22/09/1503 foi eleito Pio III que morreu a 15 de outubro deste ano. Júlio II foi elevado ao pontifício em 31/10/1503 e morreu 21/01/1512. Clemente VII (Júlio de Médici) foi eleito em 19/11/1523 e morreu em 25/09/1534. Leão X foi eleito 15/03/1513 e morreu 01/12/1521, Foi sucedido por Adriano VI, eleito 9/01/1522 e morto 23/09/1523.)**

Esteve, portanto, o escultor em Roma, e tornou a Firenze, onde se aguardava um ataque e escolheram-no para governar, para que fortificasse a cidade. Criou ele, pois, uma fortificação no Monte de São Miniato, depois de seis meses, falou aos membros da Signoria que deveriam abastecer a cidade, preparar-se melhor para um ataque, e foi tido por eles como um homem suspeito e covarde.

Como não faziam caso de suas ideias e não ouvissem suas palavras, fez abrir os portões da fortificação e partiu para Veneza.

Sua partida causou grande rumor entre o povo. Deste modo, enviaram-lhe um mensageiro, para que o guardasse e o trouxessem vivo, no prazo de dez dias. E ele tornou, não sem ter passado por grande perigo de vida, pela fama que adquirira.

Deste modo, armou o acampamento de São Miniato, com torres fortes e durou um ano o ataque inimigo.

Por fim, o inimigo entrou na cidade, e se diligenciou a procura do escultor, mas ele estava oculto na casa de um amigo, e não lograram deforma algum a encontrá-lo.

Passado o furor, o papa Clemente escreveu a Firenze que o procurassem e, encontrando-o, ficasse livre e fosse tratado com cortesia, mas que se pusesse a fazer a obra da sepultura de Júlio II, mesmo em Firenze, deste modo, ele se pôs em tal empresa, com tal furor, que nem descansava, mal se alimentava, tratando de executar as estátuas com tal ânsia, que chegaram a temer por sua saúde. E tudo fazia sem auxiliares,

com tal perfeição e beleza. Fez, portanto, quatro estátuas, maiores que o natural, duas representando o Dia e a Noite, falando da falácia do tempo.

Depois fez uma Madona com seu filho, cavalgando sobre suas costas, e o escultor trabalhava com muito temor, porque seu inimigo do duque Alessandro, feroz e vingativo, tramava sua morte. Deste modo, mandou o duque chamá-lo e ele respondeu que não iria, a não ser que esta fosse a ordem de S. Santidade.

A esta resposta sentiu o duque que qualquer coisa que fizesse ao escultor, teria que se haver com o papa, e, portanto, apesar do ódio que lhe votava, não se adiantou a fazer nada contra ele, sendo que, neste tempo, ficou em Firenze depois sendo chamado por Clemente a Roma, para terminar a sepultura de Júlio II, e sempre foi tratado por aquele papa com muito respeito, pois ele dizia a todos:

–Este homem é coisa sagrada.

Antes, porém de partir de Firenze, o duque Afonso lhe havia dito:

–Miguelângelo você é meu prisioneiro, mas te deixarei livre, se me prometer dar algo feito por suas mãos.

Ele prometeu, foi a Firenze e começou a fazer um quadro de Leda e o Cisne, e outro com Castor e Polux.

Sabendo que a Casa de Médici entraria em Firenze, o duque mandou um servo seu buscar os quadros, o qual, sendo muito ignorante, ao ver as obras, deixou escapar:

–Oh, isto é pouca coisa!

–Vais fazer um mau negócio, para seu senhor. Leva-me, então, - falou Miguelângelo.

Finalmente o quadro foi parar nas mãos de um rapaz, amigo do duque, que tinha duas irmãs que iam casar. Das mãos delas, foi parar na França, onde foi adquirido pelo rei Francisco..

Depois disto, partiu finalmente o escultor a Roma, para concluir a sepultura de Júlio II. Por fim ficou decidido que ele teria que terminar a sepultura, e teria mais estátuas a esculpir para ela.

Pelo preço acertado, Miguelângelo ficou muito desgostoso, mas achou melhor ficar em Roma, onde era protegido de Sua Santidade, do que tornar aos perigos de Firenze, com a presença do duque Alessandro e outros inimigos que granjeara.

Foi nesta época que se lhe encomendou a fachada da capela de S. Sisto e que Clemente começou a insistir com ele em fazer as cenas do Juízo Final. Esta pintura maravilhosa que lhe causou tantos dissabores e alegrias, conteria mais de quatrocentas figuras em tamanhos que iriam de um metro e meio a dois metros e meio, sendo cada uma de “per si” uma obra de arte à parte.

Assim começou ele a trabalhar duplamente, nos cartões de estudos para a parede da capela e nas estátuas da sepultura de Júlio II.

Neste meio tempo, Clemente morreu e foi erigido como papa Paulo III.

O papa queria a feitura da pintura, e Miguelângelo dizia ter que se haver com o duque de Urbino, a terminar a sepultura.

–Onde está este contrato? Eu vou estraça-lhá-lo. - dizia o papa, causando-lhe tanto desgosto, que pensou em ir a Gênova, depois a Urbino comprar uma casa e ausentar-se de Roma, e só não o fez porque temia Sua Santidade.

Neste ínterim, Miguelângelo ficou enfermo e o papa, mais dez cardeais o foram visitar, sendo mais para ir ver os cartões com os esboços da capela de S. Sisto, mas lá encontraram a estátua de Moisés, a qual causou a todos admiração:

–Somente esta estátua já faria a honra à sepultura do papa Júlio. - comentou um dos cardeais.

–O duque de Urbino que se contente com três estátuas feitas por tua mão. Eu o farei aceitar este novo contrato. As outras três que se façam por outros escultores. - disse o papa.

Deste modo, com a ajuda do papa Paulo III, terminava para Miguelângelo a tragédia da sepultura de Júlio II, que lhe custara tantos desgostos e cinco contratos, sendo o primeiro em 1505, depois em 1513, com os curadores do papa, 1516, 1532 e, finalmente em 1542 o último, que foi ultimado em 1545.

Durante este tempo, em Roma, Miguelângelo teve contato com uma plêiade de nobres, dentre os quais, sempre haviam de convidá-lo, ora para ir a Constantinopla, a construir uma ponte, a mudar-se para a França, a convite do rei Francisco I, ou a Veneza, para habitar aquela cidade e honrá-la com sua presença. Alberto Duro, Realdo Colombo, Antonio San Gallo, Pier Giovanni, Alessandro Ruffini, Vardinal Cristo, Cardeal Santa Cruz,

Maffei, Cardeal Rodolfi, Claudio Tolomei, Lorenzo Ridolfi, Donato Giannotti, Leonardo Malespini, Tommazo Del Cavalieri, Annibal Caro, e muitos outros, que privaram de sua companhia, que podiam até mesmo tomar aulas de escultura e desenho com ele, e que amenizavam a sua solidão, com amizade e admiração, e, porque não dizer, com profundo amor, como foi o caso de Tomas Cavalieri e de Vitoria Colonna.

Certa feita, foi procurá-lo um jovem de má catadura, e má reputação, com intenção aparente de aprender o ofício de escultor. Neste dia, estava trabalhando ele o seu Moisés e assistia-o cheio de admiração Tomás Cavaleiri. Ambos tinham muita afinidade e carinho um para com o outro, sendo Tomás um gentil homem da corte romana, ainda jovem e cheio de vigor, e percebeu que o pretense aluno, que procurava aparentar humildade, era, na verdade, uma criatura invejosa e torpe, que buscava, por todos os modos, aproximar-se das pessoas que possuíssem fama ou dinheiro.

Tomás sabia que Miguelângelo trabalhava durissimamente, e que era homem desprendido, que vivia a ajudar sua família, irmãos, sobrinhos, pai, e ainda dedicava-se a auxiliar quantos encontrasse necessitados. Deste modo, como o escultor não respondesse prontamente ao pedido do rapazelho, voltou-se para ele o nobre amigo e disse:

–Melhor que te avies em outro estúdio ou oficina, pois, por ora, mestre Buonarrotti só pode dar aulas a pessoas bem nascidas, de estirpe e linhagem comprovadas.

O escultor, que estava descansando um momento de seu exaustivo trabalho, quis interferir, mas Tomás falara com tanta ênfase, que ele ficou sem ação, e o rapaz saiu, não sem antes lançar um olhar terrível para ambos.

De lá demandou a rua, onde passou a comentar com malícia a relação que poderia haver entre aqueles dois homens, que lhe causaram tanta inveja e lhe acendiam a ira e a maledicência.

Assaltado nos dias subsequentes com a variedade de boatos a seu respeito, o escultor entendeu que Tomás o livrara de um péssimo aluno, de um falso mendigo aprendiz, pronto a dar-lhe um bote de serpente.

E, daquele dia em diante, tanto se estreitaram as relações entre eles, que passaram a se ver a miúde, sem se importar com o que se dissesse às suas costas. Era um amor platônico, uma admiração e um

carinho, um entendimento que crescia, dia a dia, e que alimentava a sede de afeto daquele genio que parecia a tantos tão rude, mas que extravasava seu amor além da família, a duas almas muito queridas suas, a quem dedicava cartas, sonetos e criações em desenho e escultura. Tomas Cavalieri, e Vitoria Colonna. E, no carinho que ambos lhe dedicavam, os anos se passavam, as fadigas, perseguições, angústias, elogios falsos, ciladas, tudo parecia pequeno e sem valor, diante do amor correspondido daquelas almas, o que o levou a acompanhar Vitória até sua morte, em 1547, e ter ao seu lado, no momento da partida para o Plano Maior, a Tomás Cavalieri, para testemunhar seu carinho imorredouro.

CAPITULO XVII- A OVELHA ENSINA O PASTOR

Durante a batalha de Pavia, Fernando de Avalos, marques de Pescara, o conhecido militar Ferrante, esposo de Vitória, foi ferido por arcabuzes. Fazia já três anos que Vitória não o via, e ficava sabendo dele pelas notícias que corriam, ou por palavras ardilosas de outras damas da corte, preocupadas em fomentar baixezas.

Em Novembro de 1525, em Milão, não suportando mais o resultado dos ferimentos conquistados em fevereiro, o marquês veio a falecer.

Com seu modo generoso, Vitória chora copiosamente a perda do esposo, como se chorasse por todos os sonhos perdidos de uma vida amorosa perfeita, de filhos, de atividades expressas pelo seu modo caritativo. Com a grandeza de seu espírito, continua a se referir ao seu esposo como “seu belo sol”, procurando ocultar aos outros todas as quedas morais dele, todas as frustrações e dores que lhe havia acarretado.

Mas tanto os Colonnas, quanto o rei de Nápoles continuam em suas batalhas pelo poder. É deste modo que, em 1526, o papa Clemente VII é sitiado em Roma, pelo vice-rei, Hugo de Moncada, esposo da dama que surrupiara a Vitória, através do infiel marido, aquela rica peça, o cinto de pérolas e pedras preciosas. Faz-se um acordo do papa com os Colonnas. Readquiriu sua liberdade, para simplesmente esquecer suas promessas e cair com fúria inaudita sobre a família Colonna. Destituiu o cardeal Pompeu

Colonna, persegue e excomunga os demais membros da família, invade suas propriedades, destrói catorze castelos. Vitória, que se albergara no feudo de São Marino, é obrigada a retornar a Ísquia, e de lá envia cartas a amigos que possam diminuir o sofrimento daqueles que são perseguidos pelo furor papal.

Em meio às lutas, faz-se o saque de Roma. E, albergada em Ísquia, a marquesa se desdobra para socorrer todos os infelizes, fossem de uma ou de outra facção. Sem se preocupar com nada, além da dor humana. Vitória se dilancia, mandando socorro às mãos cheias, para o lado das barricadas, em alimento, vestuário, remédio, meios de transporte, não atinando para o ódio terrível da “grei de Pedro”.

Sim, aquela dama da nobreza sabia amar com um estilo que excedia ao seu tempo. Sabia ser delicada e firme, maneirada e direta, calma e decidida, mas sabia ser, sobretudo, cristã, na maior acepção do termo. Por isto, não apenas diante de sua beleza, de sua inteligência, de sua posição, as maiores sumidades de sua época se dobraram reverentes, e os pintores mais famosos tudo faziam para obsequiá-la, com o penhor de sua admiração, imortalizando-lhe os traços em seus quadros famosos. **(Ela é uma dama ricamente ajazada no quadro de Veronese “As bodas de Caná” e está representada como a musa Calíope, no “Parnaso” de Rafael.)**

No entanto, não apenas pelos seus dotes de posição e inteligência, pela sua beleza, senão pelo seu valor espiritual, é que ela alcançaria a projeção que jamais buscara e conquistaria o coração do homem que ela amara em várias vidas, e pelo qual tanto lutara e sofrera, e que se lhe renderia incondicionalmente, ainda que na rudeza de suas duras atribuições, e nas maneiras grotescas, que às vezes imprimia à sua atuação.

Sem dúvida, a atitude caridosa de Vitória, depois da intempestiva, violenta e ruidosa força impetrada pelo Papa, vinha mostrar a todos que a ovelha do poderoso pastor, sabia muito mais agir cristãmente, que aquele que se dizia seu condutor, aquele que se nomeava condutor de almas.

Todos entenderam isto, apesar da simplicidade da ovelha, que agia com tanta naturalidade, que cada gesto seu só podia granjear-lhe a

admiração das pessoas de escol e a inveja e investidas dos caviladores e medíocres de seu tempo.

Deste modo, aos poucos, criava-se uma aura de grandeza em torno da marquesa. Ainda não se recuperara da perda do esposo, nem saberia ela mesma dizer, se era um alívio ou uma tristeza vê-lo partir daquele modo, e, quando outras se fariam frágeis e zelosas de si mesmas, ela saía a campo, apesar da perseguição de um dos homens mais poderosos de então, para prodigalizar a todos com sua generosidade maternal e seus cuidados.

Como não tivesse tido a alegria de ser mãe, instituiu seu priminho Afonso Del Vasto, como seu herdeiro e dedicou-se a ele, com toda a ternura e encantos que lhe eram peculiares.

Certa feita, em meio à uma festa, a vice-rainha lhe atirou ao rosto, com toda a rudeza que era capaz:

–Vai muito bem que a marquesa se dedique às letras, tendo sido sempre um a mãe frustrada.

Vitória corou, mas desta vez, encontrou meios de rebelar-se contra a rival, que, mesmo morto o marido, ainda lhe feria os brios com tamanha crueldade:

–Não sou realmente estéril, senhora. De vez que este menino, cujas brilhantes qualidades todos reconhecem, é meu filho adotivo, e nasceu do meu intelecto.

Um gentil homem aplaudiu-a, sendo seguido por outros e a vice-rainha retirou-se apressadamente, enquanto o baile continuava sem sua desagradável presença.

Ela demonstrava um “temor maravilhoso” para com Deus e uma deferência especial para com os sofredores, um amparo natural para com os artistas e intelectuais, e uma compreensão e apoio com os grandes, sempre tão solitários nos seus misteres e sempre tão pressionados pelos ambiciosos.

Nascida grande entre os grandes, quanto mais ela procurava apequenar-se, maiores eram os méritos que lhe descobriam as criaturas.

CAPÍTULO XVIII- VITORIA E MIGUELÂNGELO (1536)

Francisco de Holanda cumprimentou com admiração a jovem senhora marquesa, com uma mesura delicada.

–Frei Ambrósio não fez jus a sua beleza e delicadeza...

Vitória ruborizou-se olhando divertida e descrente:

–São todos muito amigos, para que se possa levar em consideração o que dizem. Apresento-lhe o embaixador de Siena, Lactancio Tolomei...

Em seguida, com graça natural, voltou-se novamente para o senhorial turista, que lhe vinha apresentado pelo religioso que se chamara anteriormente Lancelote Politi, e que era devoto de Santa Catarina, e grande orador sacro, conhecedor profundo da vida e das epístolas de Paulo de Tarso, e aduziu com encanto peculiar, sem afetação:

–Creio que pude ouvir que falavam da maravilhosa obra que se vê nos afrescos da Sistina, não é mesmo?

–Sim. Eu falava mesmo a Frei Ambrósio quão ficaria feliz de poder trocar ideias sobre arte com este homem tão famoso...

–Mas, pelo que se diz, ninguém lhe nega a grandiosidade do gênio, mas ele parece avesso a colóquios do tipo que o senhor parece apreciar, ou nós. - falou a marquesa pensativa e com um brilho no olhar, que não passou despercebido ao embaixador.

–No entanto, se a senhora lhe pedisse... - comentou ele e no tom da voz colocou toda a veneração e toda a certeza do que representaria um pedido dela, a mulher mais encantadora, a poetisa mais festejada de Roma, e que privava da companhia de nobres, literatos, e cuja ascendência moral curvara as cabeças mais ilustres de seu tempo.

Vitória não viu naquilo lisonja. Ela mesma estava fascinada pelo escultor. Desde a primeira vez em que o vira, ele lhe causara viva impressão. Agora, que a viuvez lhe impunha aquelas vestes escuras e tristes, de certo modo, a liberava para voos maiores de seu espírito, no contato com os simples e com as mais importantes cabeças da corte.

A marquesa fez sinal a um servo que estava próximo, disposto a atendê-la ao menor chamado:

–Sabes onde mora o mestre Buonarroti?

–Senhora, mora perto do fórum de Trajano, eu lhe conheço bem a casa.

–Pois então, Pietro, vá e lhe diga, em meu nome, que o convidamos a passar parte do dia conosco, a perdê-lo, enquanto nós o ganhamos em

sua companhia.

O servo fez uma mesura e saiu presto a atendê-la, enquanto comovido os amigos a observavam.

Eles estavam no Quirinal, onde a marquesa ia aos domingos ouvir as missas em São Silvestre. Do adro da Igreja avistava Roma embaixo e passeava pelas alamedas perfumadas, trocando impressões sobre ávida de Jesus, as artes, as letras e as ciências, junto aos amigos. Desde que enviudara, afastara-se da rocha de Ísquia, onde vivera solitária e sofrida, sem dar a qualquer pessoa ideia do que fora sua vida de casada, aprisionada a um homem duro, libertino e dado às lutas das conquistas militares. Agora residia no Palácio Cesarini em Roma, e passava temporadas longas nos claustros, junto à solidão e rotina das monjas.

Ela observou Roma abaixo e pensou no servo subindo a Rua Esquilina, em busca do escultor.

Na verdade tal se dava, naquele preciso instante, e, em companhia de um amigo, meio desganhado, arqueado, ele subia a rua. Recebeu o recado e um vago sorriso iluminou-lhe o semblante. A loura Vitória, cantada por tanta gente, que um dia dignara-se a dirigir-lhe o olhar, com algo mais do que curiosidade, o mandava chamar de forma tão galante. Não se podia fazer esperar tal dama.

Miguelângelo acompanhou o servo, despedindo-se do amigo, e dirigiu-se para o Quirinal. Enquanto caminhava pensava como aquelas ruas sempre lhe haviam parecido tão familiares, com as pedras e as casas lhe pareciam falar de imagens que ele sentia por dentro, mas que jaziam perdidas pela bruma do tempo. E Vitória tinha a ver com aquela impressão vivida. Sim. Ela, sem dúvida, fazia-o pulsar de forma diferente. Os cabelos loiros que ele vira brilhantes ao sol, não fazia nem bem uma semana, quando ela se dirigira a missa, causavam uma saudade sem explicação, nem sentido.

–Qual! - pensou. - É só a curiosidade, que me atrai nela, mais nada.

Mas, quando se aproximava dela, e a viu dirigir-se desvoluta em sua direção, ficou como que sem ação. Foi ela que, vindo-lhe ao encontro, dirigiu-se-lhe:

–Falei outro dia a S. Santidade do desejo que tenho de construir um mosteiro. Quem sabe o senhor não seria a pessoa ideal para tal projeto.

–Pode-se aventar alguma ideia... - falou o escultor envergonhado pela própria aparência, observando-lhe a finura e delicadeza do caminhar, as mãos brancas, que se lhe estendiam, e os modos de alguém acostumado a tratar com aqueles emplumados gentis-homens de seu tempo.

A Vitória tudo no escultor encantou. A maneira como caminhava, o porte, achando-o mais robusto do que pensara, quando o vira pela primeira vez, as mãos grandes, de dedos grossos, as sobancelhas espessas, os olhos...ah, os olhos, tão buliçosos quanto os de um menino e tão profundos quanto os de um homem vivido e sofrido, o pescoço forte, o maxilar duro, uma força tosca e impenetrável que se exalava dele...

Ela o levou pela mão e o fez sentar-se ao seu lado. O assunto eram as obras dele, a Capela Sistina:

–A Criação do Mundo está tão expressiva, que me comove, imprime arrepios a quem a vê... Quem não vos conhece, passa a amar-vos pelas obras que saem de suas mãos...Em Roma todos vos estimam...

Miguelângelo sempre tão pronto a dar respostas aos seus detratores ou a quem procurasse dar opiniões sobre sua arte, não sabia o que dizer diante dela.

–Me sinto um estúpido. - pensava desconcertado.

–O senhor parece avesso a falar de si ou de sua obra. - observou Frei Ambrósio - contudo, faça um esforço, pois estamos ansiosos por ouvi-lo.

–Acho que o Sr. Miguelângelo está constrangido, mas devo afiançar que muitos o amam pela sua obra, mas os que o conhecem o estimam ainda mais do que à suas obras...

–Creio eu, senhora marquesa, que, vindo de quem vem, este é um discurso que eu posso aceitar, apesar de incorrer em falta de modéstia...

–Mas me fala... - interrompeu Francisco de Holanda - Quanto tempo precisou para delinear a obra, para fazer o projeto...

A conversa foi por aí afora, mas o escultor não perdia tempo, os olhos a observar a formosa mulher que o obsequiava com sua clara e límpida admiração.

Como as horas se passassem, acabaram por concordar em continuá-la no domingo seguinte.

Isto, contudo, não foi possível, pois foi dia das bodas de Margarida de Parma, com Otávio Farnese, e a marquesa não poderia, pela sua alta posição aristocrática, deixar de comparecer à cerimônia.

Em meio aquela obrigação mundana, a senhora sentia como se algo houvesse quebrado dentro dela. Uma saudade, uma angústia, uma preocupação com o escultor, lá na Igreja de São Silvestre, a esperar por ela.

Realmente Zapata encontrou com Francisco de Holanda, já bem próximo à Igreja, e lá avistou Miguelângelo ao lado de Frei Ambrósio.

Ao saber que Vitória não viria, Francisco aduziu:

–Que pena! Nada lhe preencherá a lacuna.

–Dizeis bem. - falou Buonarrotti aborrecido.

A conversa transcorreu amena, até o momento em que o apaixonado admirador do escultor, que levara a marquesa a convidá-lo, comentou:

–Eu como que sinto a presença da marquesa aqui, pois sua figura é tão marcante, que, mesmo estando ausente, é como se não estivesse...

Isto azedou de tal forma Miguelângelo que ele que, na semana anterior estivera tão sem palavras, respondeu intempestivo:

–Dizeis, senhor Francisco, que a marquesa exerce tanto poder ausente, quanto presente? Já que lhe tendes tanta fé não quero que a percais por minha causa...

E, sem esperar resposta, retirou-se, como se alguém o tivesse ofendido.

–Pois que! - falou o homem derreado. -Que lhe deu?

–Deixa-o! São coisas do gênio. - comentou frei Ambrósio.

Fosse pelo gênio ou não, do mesmo modo que doía em Vitória não estar com o escultor, a ele, a ausência dela era um dardo a mais a macerar seu espírito, já marcado por tanta incompreensão e ingratidão humanas.

Pensando nela, ele esboçou alguns desenhos, cuidando em enviá-los como regalo, meio que tinha de aproximar-se daquela mulher que lhe exercia, sem mesmo o desejar, tanto fascínio e encanto.

Foi a partir destes desenhos, que suas cartas, sempre tão ansiosamente esperadas, iam ter às celas do claustro, e amenizavam o sofrimento daquela mulher que inspirá-lo-ia como a Madona no Juízo Final, e também seria retratada por Rafael e por Veronese.

CAPITULO XIX- UM AMOR INCOMUM.

Miguelângelo revirou nas mãos o rico adereço que lhe chegara trazido pelo amigo Urbino. Era inacreditável que a formosa marquesa lhe enviasse aquela prenda tão riquíssima e tão gratíssima, para obsequiá-lo ainda mais com seu carinho, sua ternura e sua confiança imensa. Seus olhos se nubliaram de lágrimas, que ele enxugou meio desconcertado. Ninguém poderia, naquele momento, reconhecer naquele homem vergado pela emoção e pelo amor, o irascível e irônico escultor, arquiteto e pintor, que não se dobrava nem mesmo de S. Santidade, o Papa, quando sem rebuços, defendia sua arte e seu valor.

Miguelângelo sentou-se com o coração oprimido, e beijou ternamente o rico broche, incrustado de pedras minúsculas, que representava a figura da marquesa quando mais moça. Um sentimento de profundo amor se evoluiu de seu coração, e ele se enterneceu ainda mais, levando a mão ao peito, perguntando-se que mistérios profundos encerram a alma humana, e porque dentro dele havia nascido, tão tardiamente, aquele sentir tão intenso, que lhe constrangia as mais íntimas sensações do espírito.

Sem querer, comprimiu o embolo que não observara na peça e ela se abriu. Dentro, enrolado, via-se uma mecha dos cabelos anelados da marquesa. Admirado com o inusitado, ele sorriu enlevado, ao observar o gesto carinhoso que ela tivera, recordando-se dos momentos vividos em Roma, quando ficara como hóspede dos familiares da marquesa, que o obsequiara com o melhor de sua atenção e carinho.

–Vossa Senhoria é digna de uma pintura! - dissera-lhe intempestivamente.

Ela o fitara com os olhos desarmados de uma criança, mas era como se desnudasse seu ser.

–Se é promessa, Sr. Miguelângelo, haverei de cobrá-la. Aliás, estou desejando de há muito que um artista me retrate com a mesma dignidade de sua estátua, cuja cabeça guardei em nossa propriedade, e que representa a deusa Artemis da Grécia. Quem sabe o senhor, a quem não faltam virtudes, poderia fazê-la com minhas feições, que nisto sabe ser mestre. **(Artemis das flechas de ouro, que rege o coro das musas e graças**

em Delfos, é, na mitologia, irmã de Apolo. Escolha interessante de Vitória, já que ela fora Leila. (ver o livro A Moça da Ilha) irmã de Arthur, que mais tarde, como Tomás Antonio Gonzaga, se comparava a Apolo.)

O escultor prometera-lhe a tela, embora não lhe fosse grata a arte da pintura, e, depois disto, haviam se visto diversas vezes. Recordava-se quando observara o broche, que ela lhe enviara, então, e como se encantara com a delicadeza do miniaturista que o elaborara.

–Foi minha mãe quem afez, por isto é preciosíssima, para mim, querido amigo.

Fora a primeira vez que o chamara e forma tão deliciosamente carinhosa. Ele observara e ela corara.

Depois haviam se visto muitas vezes e numa delas, quando o sol dourava sua cabeleira, ele houvera comentado como seria difícil tecer, sem o ouro precioso, os matizes de suas madeixas.

–Sei o quanto é rigoroso com a escolha de suas tintas e como prepara com capricho os tons, porque m`o referiram Tomás e Urbino. Se queres, lhe darei uma amostra de suas cores, mas só o farei, se o aceitares como prova de apreço.

Miguelângelo não podia crer, que aquela mulher da nobreza italiana falasse com tanto encanto e, tão claramente com ele sobre assuntos que a maioria das mulheres preferia calar, e que parecia vê-lo com outros olhos, sem pensar o quanto os anos já se faziam duros para ele.

–”Signoria”, penso que é uma prenda valiosa demais para mãos tão indignas.

–Então, se assim pensa, é que não me tens amor, para fazer-me retratar, como lhe peço.

–”Signoria”, eu não me atreveria jamais a magoá-la ou a sonhar tão alto.

–Que me diz desta palavra amor, o senhor que a deve ter retratado por diversos modos, na sua arte, pois só pode realmente ser um artista aquele que sentir dentro de si este sentimento. - falara ela com naturalidade, mas com um leve tremor na voz, que lhe traía a emotividade, ao tocar no assunto.

–Fico deveras impressionado com a forma como toca com tal graciosidade no assunto que mais estremece o ser humano, senhora

marquesa. O amor é o sentimento que nos tira o sono e o apetite, que nos torna indiferentes à idade, que nos faz ter atitudes intempestivas e até ridículas, que nos leva a dizer coisas que, em sã consciência, jamais diríamos, que nos quase obriga a agir de forma que, logicamente analisada, nos pareceria ridícula.

–Esta definição não é do artista que admiro, mas do homem que tem medo de amar, ou, quem sabe, até de ser amado, S. Miguelângelo. Creio que o senhor mesmo me há de responder a pergunta que lhe fiz, quando tiver completado para mim uma obra, pintura ou escultura de minha figura, pois saberei ler o que lhe vai na alma, com relação a isto. Quanto a mim... - e a marquesa tirara o broche que ele admirara da vestimenta e tentara lhe entregar em regalo... - isto lhe demonstrará o que sinto, pois me é uma peça preciosa, pelas mãos que a sagraram, minha mãe, aquela que me deu o ser e seu carinho...

–Não preciso de nenhum modelo para representá-la como a irmã de Apolo, senhora Vitória, pois seria impossível deixar de levá-la dentro de mim, depois deste gesto, ou mesmo antes dele, pelo simples fato de havê-la encontrado nesta vida. Consideraria a maior indelicadeza separá-la de um objeto que lhe é tão caro, pois se me sinto incapaz de representá-la como merece, meus sentimentos já são os recursos que necessito para atrever-me a fazê-lo.

Ao escultor aquelas doces lembranças eram tão díspares, quanto os sentimentos que brotaram em seu íntimo, desde que tivera contato com o gentil homem Tomás Cavalieri e com a Condessa Vitória Colonna. Como podia sentir tanto amor por ambas criaturas, naquele modo platônico, e, ao mesmo tempo quase físico, como podia desejá-los tão ardentemente junto de si e como podia viver unicamente para sabê-los também animados tão clara e candidamente por um sentimento de carinho para com ele?

Em sua personalidade se mesclava a rudeza a pedra, do mármore que desbastava, dando-lhe formas divinas, e a chama poética que o inflamava, que o inflamava de um modo tão arrebatador, que lhe parecia as vezes que sua alma era feminina.

Tornou a mirar o broche e a ler a carta endereçada pela marquesa, como desejando poder acreditar e devassar cada uma daquelas palavras e tornou a beijar o broche com arrebatamento.

Naquela corte tão cheia de galanterias e de traições, naquele meio de tanta animosidade e ciladas, de conchavos e de cavilações, de maledicência e de maquinações, era difícil crer-se que pudesse brotar um sentimento tão puro e límpido, tão claro e harmonioso entre duas criaturas, como aquelas que, naquele momento, correspondiam-se através do amigo Urbino, interligando-se ainda mais pelos laços mais puros de um carinho, que não conhecia medidas, de um total desprendimento e de uma total entrega, que, se não se deixava arrebatado pelos sentidos, levava a alma ao êxtase do entendimento recíproco, maduro e sazonado, como o melhor dos vinhos da Itália.

Sem conseguir guardar o carinho e o reconhecimento que lhe ia na alma, Miguelângelo buscou a pena e grafou, naquele mesmo momento, uma carta que faria entregar às mãos da marquesa Vitória. Depois traçou alguns poemas, e, cansado e feliz, adormeceu, indo encontrá-la através do desdobramento anímico, para os colóquios de ternura que lhe vazavam da alma sofrida, martirizada por tantos golpes da vida, pela incompreensão de tantos, pelo desdobrar-se pelos familiares e amigos, naquele desprendimento que lhe reconhecera Lourenço, quando prognosticara:

–Sempre serás pobre!

Os encontros que sempre tinha, à noite, com sua mãe e com Massaccio, para soerguimento espiritual, na aparente solidão em que vivia, davam-lhe tanto ânimo, que as pessoas mal podiam crer com que lanhesa e com que ímpeto ele sabia desbastar a pedra bruta, levando-a às expressões mais puras de grandeza e encanto.

–Mãe, onde está ela?

A nobre figura de uma italiana bela e prematuramente falecida, irradiava luz no aposento. Era Francisca de Neri, que falecera quando o escultor contava ainda seis anos. Fora ela, no passado, mãe da marquesa e compreendia o carinho especial do filho, por aquela dama da nobreza italiana, tão culta e tão simples, na dedicação que votava ao seu filho.

–Vitória, como o nome já diz, é uma vitoriosa mulher, pelos seus encantos e pela grande virtude de sua alma, querido. Ela jamais te esqueceu e vem demonstrando sempre sua escolha, para que um dia possam ambos usufruir deste amor, com o amparo de mais alto. Bem sabes onde podes encontrá-la, quando na noite cai. Em algum pórtico, onde algum senhor concede à plebe local para abrigar-se, entre os

vagabundos e mendigos que dominam Roma. Penso que estará entre os necessitados do Palácio da família Máximo, que foi construído pelo teu discípulo Baltazar Peruzzi. Levar-te-ei até ela, mas sempre deves lembrar que Massaccio te aguarda para os conchavos artísticos, junto a Cosme e aos demais membros de sua confraria de artistas. Vamos, pois, procurar Vitória, pois deve estar em alguma tarefa de socorro.

Outras figuras aguardavam o sono do poeta e escultor e breve se alçavam no espaço, indo a amparar a nobre marquesa, nos misteres da caridade em que se atinha, durante o sono.

Foram encontrá-la ao pé de uma árvore secular num dos jardins públicos de Roma, nos quais os nobres permitiam que as pessoas desocupadas e desabrigadas pernoitassem, auxiliando uma pobre moça que se contorcia com as dores do parto.

–Meu Deus! – suspirava a jovem, em desespero. - Ajuda-me. Que este pobre filho nasça, para que eu possa, ao menos, colocá-lo ao pé da porta senhorial daquele que me infelicitou e que jamais voltará a ver-me.

Seus modos abatidos demonstravam a dificuldade que sentia, em levar a efeito o nascimento do pobre ser que tentava vir à luz do mundo.

A noite ia alta e viam-se bandos ao relento, procurando aproximar-se uns dos outros, com o que se aquecer, em meio a cobertas esfarrapadas.

Ajoelhada aos seus pés em espírito, a marquesa lhe transmitia forças, pelas palavras que lhe dirigia, para que ela pudesse vê-la.

A caravana a alcançou, observando que sua atitude de socorro tinha o amparo de encantadora entidade feminina, que, cercada de romanos antigos, impedia o avanço de criaturas sofredoras, em direção a infeliz parturiente.

–Ânimo, minha filha! Logo mais descansarás! - falava Vitória quando voltou-se e viu Miguelângelo que vinha ao seu encontro.

Levantou-se e dirigiu-se a ele de um modo tão familiar que era como se o conhecesse há séculos.

–Querido! Que bom que vieste! Ajuda-me! Vem!

Ela o osculara com inenarrável amor e o escultor deixou-se contagiar com sua preocupação.

A moça fazia um último esforço e logo se ouvia um vagido fraco de um recém nato. Com sacrifício, tomou-o, entre lágrimas, nos braços,

envolvendo-o em uma manta que deixara ao lado, e, com os dentes mesmo, como se fora uma fera, cortou-lhe o cordão umbilical, amarrando-o. Entre lágrimas, respirou com dificuldade, solicitando mentalmente a Deus forças, para cumprir o que havia resolvido.

Percebia-se que as forças se lhe exauriam.

–Miguel, - falava entre lágrimas a marquesa. - ela não aguentará por muito tempo.

O escultor tomou nos braços a jovem mulher e foi erguendo-a, como se o pudesse fazer ao sabor de sua vontade. Começou a caminhar com ela, e era como se fossem um ser apenas, formado por duas individualidades. A pobre jovem caminhou cambaleante, dirigindo-se à porta da mansão senhorial. Depositou a criança no portal, sentando-se sem forças e tombou, resguardando o corpo frágil com seus braços em torno dele. A manta abrigava o bebe do vento noturno. Algumas folhas das árvores próximas cobriram a pobre mulher, que exalava os últimos suspiros.

Entidades amigas a tomaram nos braços, levando-se a desfalecida dali, enquanto Francisca Neri acalentava a menina que acabara de vir ao mundo. Aos poucos, a pequena começou a chorar fracamente. Vitória tratava de acordar, em palácio, algum serviçal que a pudesse socorrer.

A tragédia do acontecimento punha no escultor um tanto de perplexidade e revolta. Naquele seu modo rude e sombrio imprecou em italiano.

–La morte non perdona a condizion nessuna! Nè a loco, nè tempo, nè fortuna!

Mas sua mãe e Vitória o impulsionaram a apaziguar o espírito do servo que encontrara a menina.

Deste modo, um velho servidor a tomou para si mesmo, providenciando o sepultamento da pobre mulher que caíra no pórtico do palácio, e, sem que seus senhores soubessem, foi a menina posteriormente admitida entre os servos, embora tendo na veia o sangue dos nobres da família Máximo. Mas sua história escrita no livro da vida, não será desvendada neste opúsculo. Quem sabe um dia, alguém terá a ela acesso.

A nós nos basta acompanhar o amigo Miguelângelo em suas noites de aprendizado e amor, junto a querida marquesa que o impulsiona e lhe

garante, em meio à solidão, os prodigiosos elementos que o amor traça em rasgos de luz e benção no íntimo das criaturas.

CAPÍTULO XX- MORTE DE VITÓRIA COLONNA.

–Madre, posso providenciar a estufa da senhora marquesa? - a noviça prestativa perguntava com um sorriso à superiora do convento, ansiosa por ceder à Vitória os préstimos de sua atenção desvelada.

–Sim, minha filha, vai e leva-lhe um braseiro, pois a chuva refrescou demais o ambiente.

Na verdade, o frio viera de repente, enchendo os aposentos, estremecendo o verde dos jardins com seu poço, as prateleiras com os guarda-louças, o cheiro dos queijos, os salames pendurados, as réstias de alho e cebolas, as conservas de frutas, os grandes vidros com sua calda vermelha, o dormitório interminável, as colunas vetustas e empoeiradas, os pilares maciços do oratório, o som das matinas, e dos sinos para as orações.

Vitória se mexeu na cama, tiritando de frio, apesar da febre que se fazia intensa.

–Senhora, - sussurrou uma freirinha com os olhos marejados de lágrimas. - ela não poderia permanecer entre nós? Suas poesias, seu encanto, dão um colorido, emprestam uma riqueza nova às conversas...

Em meio ao sonho, Vitória registrou o apelo, do passado que lhe reverenciava a memória. Queria mexer-se, falar, mas não tinha forças.

Parecia-lhe ver sobre a escrivaninha aberta, em meio às fagulhas que o braseiro deitava no ambiente, o maço de cartas, amarrado com fitas, que sabia de cor e que eram seu regalo, as palavras secas e curtas de Miguelângelo, porém tão poderosas para levantar-lhe o ânimo e fazer bater o coração.

–Como está ela, doutor? - perguntou Júlia Colonna, que velava ao seu lado.

–Está sem dor, parece, mas não nos ouve, pois a febre faz com que delire.

A marquesa quis registrar que estava a ouvi-los, mas que não entendia, como podia, ao mesmo tempo estar na casa dos parentes e no convento das dominicanas em Roma, com seus palácios sempre tão cheios de beleza, onde podia apreciar as Vilas dos Orsini, dos Farnese, dos Bórgias, dos Colonnas, com seus jardins, fontes, estátuas...

Pessoas que ela amara tanto espiritualmente estavam a velá-la e ela estremeceu ligeiramente, pois algumas ela já sabia “mortas”, de há muito tempo.

Via-se diante da escrivaninha. A freirinha lhe chegara com uma carta de Miguelângelo, que lhe fora trazida por Lactâncio Tolomei, embaixador de Siena. Junto com ela viera um lindo desenho da samaritana. Lembrou-se das falas de Frei Ambrósio, sobre a passagem evangélica, da forma como o escultor pusera-se a comentar a infelicidade da mulher que tivera cinco maridos, mas que vivia com um outro homem, com o qual não se consorciara, suas digressões sobre o amor e a hipocrisia humana, nos lares, nas relações conjugais. Sim, ele como que analisava sua solidão, seu sofrimento, a falsa maneira como vivia a escrever versos apaixonados a um marido morto.

Vitória sorriu, ao ver a paixão e a índole fogosa que transparecia nas palavras dele. Cada frase eram indiretas que lhe endereçava, mais do que discussão com o padre e seus amigos intelectuais. Sem jactância, sem soberba, mas decidido, ele se deixava absorver pelo assunto, fosse arte, filosofia, religião ou política.

Olhou com amor a samaritana ao pé do poço. Sim, sem dúvida, ele a desenhara mais uma vez, como se sua imagem lhe ocupasse toda a criação.

Tomou a pena com carvão e gravou uma mensagem para ele:
–Magnífico, senhor Miguelângelo.

Sabendo a vossa amizade notável e, ligada em nó cristão de seguríssimo afeto, rogo ao Senhor, do qual me falastes com tão ardente e humilde coração, quando parti de Roma, que eu vos encontre ao regressar com a sua imagem renovada e, por verdadeira fé, viva em vossa alma, como tão bem a pintastes na minha Samaritana...”

Depois, como se tudo possível fosse, ela, nos seus delírios, foi transportada para as bordas poeirentas dos caminhos, assistindo a festa de Santa Bertila, dirigindo-se às ermidas conventuais, sob orientação do

cardeal Sadoletto, em São Silvestre, em Roma, caminhando entre o preguiçoso Tibre, e as ruínas romanas, olhando as carcomidas grandezas pagãs, as janelas do claustro abertas de par em par, as monjas caminhando em silêncio na escuridão, a aristocracia reunida em seu redor, depois a caminho de Ferrara, Ísquia, no feudo de San Marino.

Pareceu-lhe ver em sonhos Diogo Zapata a sorrir-lhe, naquele seu modo franco e zombeteiro, e Hugo de Moncada, rei de Nápoles, prometendo sitiá-lo e dar-lhe combate.

Em meio aos seus delírios, via-se no campo de batalha, mitigando a sede de um soldado, e abrindo as portas do palácio, para dar guarida a um bando de crianças.

Seu priminho Afonso lhe beijava as mãos, no meio deles, e as batalhas de Pávia e a invasão armada de suas propriedades levada a efeito por S. Santidade.

Vitória se debatia em meio às cobertas ricas, bordadas com fios de ouro e prata, enquanto as pedrarias de seus toucados repousavam nos baús, sobre as penteadeiras e as roupas escuras, que vinha usando ultimamente, mescladas ao branco, descansavam sobre uma cadeira no canto do quarto.

Neste exato momento, um homem batido pelos anos, com os cabelos esbranquiçados, andar firme, cabeça baixa, barba comprida, bigodes, cabelos em desalinho, entregava ao servo sua capa e atravessava a entrada do Palácio Cesarini, na Torre Argentina, junto com Juliano Cesarini, fundo vinco na testa denunciando sua preocupação.

–Ela está melhor? - perguntou já antecipando a resposta.

–Definha dia a dia. Por isto, a fomos buscar, apesar de seu desejo de continuar com as irmãs e estas com ela. Aqui em casa temos servos prestimosos e médicos que podem auxiliá-la. As vezes fala seu nome, outras vezes chama pelos pais, tios, parentes mortos. Parece que se despede de nós dia a dia...

Miguelângelo subiu aos aposentos de Vitória, olhando pela janela e avistando o pátio coberto de plantas cheias de flores. Suas mãos grandes e grossas iam apertadas uma na outra, demonstrando seu constrangimento, sua dor.

Entre uma e outra carta, entre um desenho e outro, em suas andanças e suas lutas, ela sempre o ouvia, sabendo entender as palavras

caladas, decifrando o olhar decidido que pousava no seu e lhe falava de amor e desvelo. Ela, como ninguém, sabia dizer as frases que o animavam e que o enterneciam, sabia levantar-lhe o ânimo e tocar a flama do sentimento e ardor religioso que o tomava, quando tratava de retratar o Cristo e as passagens de sua vida. Ela, como ninguém, sabia entender-lhe a inclinação afetiva para com Tomás Cavalieri, sem se escandalizar, sem disputar seu carinho, enquanto bordava toalhas para o altar, ou escrevia seus sonetos encantadores. Ela, como ninguém, sabia insinuar a alguém o contrato de um retábulo, de um nicho, de uma estátua. Ela, como ninguém, sabia demonstrar-lhe seu amor, de forma tão pública e direta, que jamais poderia duvidar que o amasse, nem explicar porque a adorava tanto.

–A marquesa parece melhorar, quando o senhor vem. - disse-lhe Júlia, agradecendo-lhe a visita, e fazendo sinal às servas para que se retirassem. Ela mesma conduziu o esposo para fora do aposento, sem dar importância ao seu gesto de escândalo, por deixá-los a sós.

–Deixa-os. Sabe-se quanto tempo terão ainda para se ver, sendo que ela nada registra.

Juliano aquiesceu e deixaram-se ficar no corredor.

Vendo-se só, diante da mulher que tanto amava, e cujos traços nobres deixavam ainda entrever a beleza que tivera, o escultor sentou-se ao seu lado, um tanto quanto angustiado e perplexo.

–Vitória, não me deixes. - conseguiu falar com a voz embargada pela emoção.

O espírito gentil da marquesa, chamado por aquelas palavras tão sinceras e doces, voltou do estado de torpor que o acometera, quando estava a perpassar cenas já vividas e tão entranhadas em si. Abriu os olhos, meio embaçados pela febre, e um sorriso dourou-lhe o semblante.

–Meu amigo! – falou com voz quase sumida, enquanto uma lágrima lhe caía pela face rugosa. - Como estou feliz em revê-lo!

Alentada por sua presença amiga, a marquesa ergueu as mãos em sua direção, com um gemido.

O escultor a tomou com efusão e depositou nela um beijo prolongado.

–Amável e doce querida, cheia de graça e encanto, porque empobreces Roma, com tua ausência? Cura-te, Vitória, para que possas as

musas novamente florescerem de tuas mãos, e este pobre e velho auferir novos motivos para continuar vivendo.

–Meu doce e querido amigo, meu Mestre... - falou a pobre, tentando sentar-se na cama.

–Não te esforces.

–Ajuda-me.

Sem jeito, ele procurou erguer seu corpo como o auxílio de almofadas.

–Fica boa logo, minha amiga. Quero que vejas a nova Pietá, que pretendo esculpir. Serás Maria e eu Nicodemos.

–Ela será tão bela e importante como todas as outras que fizeste.

–Estou também substituindo San Gallo nos projetos de São Pedro.

–San Gallo, excelente homem, amigo inigualável. Sinto falta dele.

–Vitória, é tão bom te ver melhor. Sabe os dois escravos que esculpi? Ficaram para a tumba do papa Júlio II.

–Apesar das discussões com ele, vocês se estimavam e sabiam o valor um do outro.

–Aquele...

A marquesa tocou-lhe os lábios com os dedos, e ele calou a palavra que quase lhe escapava...

Não podendo conter-se sorriu e beijou-lhe os dedos. Ela corou um tanto, meio encantada com sua atitude, meio envergonhada.

–Mestre...

–Faço loucuras só por ver-te melhor, ou para arrancar-te um sorriso, senhora.

–Não escandalizes a corte de Roma, me usando novamente por modelo.

Júlia e Juliano, ouvindo a conversa que rolava dentro do aposento, aproximaram-se admirados da porta do quarto. Os parentes mal podiam acreditar que, após dias a vagar quase morta, a senhora Vitória estava sentada à cama, dialogando com seu amigo de longa data, como se nada houvesse acontecido naqueles três anos de prolongada moléstia.

Naqueles dez anos em que ambos haviam travado relações de tão grande amizade, que causava às vezes falatórios e admiração nas cidades, quanta coisa acontecera... Mais de um pontífice subira ao trono do

Vaticano. Isto fizera aumentar ainda mais o poder dos Médicis. Os alemães haviam assediado Roma, o papa fizera tratados com os impérios.

Questões matrimoniais de Henrique da Inglaterra e Ana Bolena haviam movimentado a Europa, crises profundas entre católicos e protestantes, a invasão espanhola, os franceses arrogantes...

A luta da Itália e da Hungria contra os turcos... as ilusões mundanas, os casamentos, os filhos...as crises e reformas nas ordens franciscanas...

–Escândalos, a senhora diz? A vida é um eterno escândalo. A morte o é, a luta pelo poder, pela riqueza, as traições. A arte de Miguelângelo também, desde que o papa Paulo resolveu que se deveria cobrir os nus com panos. Mas escândalo maior é a senhora deixar-se definhar, enquanto os seus amigos morrem de tristeza.

A frase lhe viera perfeita, no fervor de seu coração devotado.

–Meu cordialíssimo senhor Miguelângelo...meu singularíssimo amigo...

Vitória parecia cansada e o escultor achou que o esforço a extenuava.

–Minha querida...esquecia-me de que não podes te cansar. Perdoa-me. Estou a enfadar-te com meus assuntos, mas sabes que a partida de tantos amigos... Perdoa-me.

A marquesa arquejou um pouco e sorriu-lhe. Ah! As palavras que gostaria de dizer, aquelas que sempre calara, porque não dariam paz, nem trégua ao seu queridíssimo companheiro, ao seu amor calado, secreto, oculto, mas sempre tão comentado por Francisco de Holanda, que lhe ouvia as falas deslumbradas com o gênio dele, ou os elogios que Buonarrotti lhe tecia. Sim. Alguns amigos, poucos, poderiam entender, até calar, ocultar, explicar, mas a sociedade jamais perdoaria aquele amor tão díspares, entre criaturas tão diversas...

–Minha querida...

–Meu amigo...

Que mais poderiam dizer-se um ao outro, e as palavras trairiam o que os olhos loquazmente contavam.

–Descanse. Não quero que piores. Virei outro dia.

–Não vá.

–É preciso, Vitória, é preciso.

–Adeus...

–Voltarei outro dia. Fica boa logo, volta a escrever. Todos sentem muito tua falta...

Ela ficou a fitá-lo com tanta doçura e angústia no olhar que ele com esforço dirigiu-se à porta.

–Ela parece melhor. Se permitirem virei outro dia... - falou para Júlia e Juliano Cesarini, que o aguardavam à porta.

–Venha mesmo, senhor Buonarrotti. Ela melhora com sua presença. - disse o parente de Vitória, acompanhando-o à saída, enquanto a esposa corria as cortinas do quarto, para deixá-lo na penumbra, para o repouso da marquesa.

Uma serva se postou numa cadeira próxima, para velar-lhe o sono e, de dentro do quarto, se ouvia os passos do escultor se distanciando rumo ao pátio da saída. Um lustre em forma de estrela pendia do teto.

A marquesa fitou-o meio prostrada. Parecia-lhe irreal que estivera conversando com o homem que tinha sido, naqueles anos todos, o móvel maior de seu amor, a alegria mais íntima, de seu coração, o anjo tutelar que a mantinha alegre, vivaz, inteira, corajosa, contra todas as arremetidas do destino, quase imperturbável. Como pudera suportar vê-lo tão poucas vezes, deixar mitigar aquele amor, com algumas poucas cartas, naqueles dez anos de solidão, de convento em convento, apadrinhando artistas e artesãos, só para ter uma desculpa para vê-lo, fugindo às crônicas mexeriqueiras de seus contemporâneos, esquecendo os amores extraconjugais de seu ex esposo e escrevendo cartas e sonetos e composições como se lhe fossem endereçadas...

Entre as sombras que invadiam o quarto e as luzes que se adivinhavam fora, ela não encontrou outra alternativa do que chorar silenciosamente como sempre fizera.

Pensou nas longas separações, quando não pudera vê-lo si quer de longe, de Urbino, de Francisco que lhe traziam suas notícias, de Sebastião Del Piombo. Os brasões senhoriais na cômoda pareciam cobrar-lhe um decoro que a sociedade jamais tivera, ao feri-la em seus sentimentos. A marquesa sentiu um profundo cansaço. Ela sempre demonstrara ser uma esposa exemplar, apesar das indiscrições da corte, uma mulher admirada, famosa pelos seus escritos e sua cultura, nobre pela linhagem e pelos valores morais. Valia a pena ter calado tanto tempo o sentimento que a ligava tão profundamente ao escultor? Valia a pena ir definhando assim,

com este sentimento, como se ele não fosse parte de si mesma, como se, calando, o pudesse destruir, ou, ocultando aos outros, pudesse negá-lo a si mesma?

–Acho que me roubei a única alegria que poderia ter tido...Miguelângelo...eu te amo...

–A senhora chamou? - perguntou a serva, que já quase cochilava ao seu lado.

–Não, Antonia. Dorme, estou bem. Estou bem...

Voltou-se com dignidade silenciosa e principiou a orar em pensamento. Aos poucos, os olhos acostumados à sombra divisaram vultos na penumbra.

–Eles voltaram. - pensou.

Em meio delas uma mulher de rara formosura, com os cabelos e olhos negros lhe sorria. Vitória sentiu profunda emoção e alegria íntimas.

–Luci...Luci! - pensou, sem saber explicar como reconhecia aquele ente e como sabia até seu nome.

Aos poucos uma névoa parecia envolvê-la. Sentia-se leve, mas ao mesmo tempo tolhida em seus movimentos, e em sua fala...

Um torpor foi tomando conta de si. Quis pensar no escultor, em Ferrante, no papa, nos amigos, nos parentes. Quis fazer um gesto para pedir que guardassem as cartas do escultor, seus desenhos, mas ia ficando cada vez mais incapaz de mover-se. Pensou:

–Valeria a pena ter-se contido tanto, ter calado o que sentia?

Mas a bela entidade feminina a tomava nos braços e outros a carregavam carinhosamente, levando-a para fora, em transporte diáfano e alegre.

Ela sentiu que tinha sono. Precisava descansar, estava tão cansada.

No outro dia, a casa acordou com gritos da serva. Vitória morrera dormindo.

–Não quis incomodar ninguém. Partiu em silêncio. –informou Júlia ao escultor.

Buonarrotti lembrou-se da melhora súbita da véspera, das palavras. Tudo se lhe mostrava na memória. Chorou, envergonhado e tímido. Aproximou-se do cadáver da mulher amada, ali, ajazada para seu sepultamento, e delicadamente beijou-lhe as mãos.

Acompanhou o cortejo fúnebre, ouviu as palavras elogiosas que dirigiam à morta querida, despediu-se de Afonso, de todos.

A noite confidenciaria a Francisco de Holanda;

–Amei-a tanto e não tive coragem nem mesmo de beijar-lhe o rosto, ou a testa, eu que desejara oscular-lhe os lábios, que esperei este momento minha vida inteira. Tive coragem apenas de beijar-lhe as mãos. Maldita sociedade hipócrita, quem nem mesmo me permitiu um desejo que era puro e casto. Perdi o melhor amigo que um homem pode ter. Você acredita, Francisco? Acredita?

E o embaixador, lembrando a briga primeira que o escultor tivera consigo, ao ouvir-lhe os elogios que tecia à marquesa, comentou:

–Acredito, Miguelângelo. Ela deve estar com aqueles a quem amou, mas aqueles que a amaram jamais se esquecerão dela.

Corria o ano de 1547. Era 25 de fevereiro, o ano de Nosso Senhor Jesus Cristo, e Vitória partia amparada, para retornar a acompanhar os passos daquele que amara.

CAPITULO XXI- O JUIZO FINAL (1540)

Biaggio Martinelli irrompeu intempestivamente nos aposentos do Papa, sem dar-se conta da impropriedade de sua atitude.

–Assim também é demais! Este homem está a perder a minha paciência e a fazer-me tomar da espada, com o que defender-me a honra!

Mestre Lourenzo Ridolfi, Donato Giannotti, Lionardo Malespini e Annibal Caro, voltaram-se para ele, interrompendo a conversa que estavam tendo com o papa Paulo, percebendo-lhe o descontrole. **(Paulo III foi eleito com 68 anos, a 13/10/1533, para substituir Clemente VII e morreu em 10/11/1549. Sucedeu-lhe Júlio III eleito a 7/02/1550. Marcelo II de 9/4/1555 a 30/4/1555. Substituiu-o Paulo IV, que morreu a 18/8/1559, sendo substituído por Pio IV até sua morte em 1564.)**

Neste mesmo momento, chegava ao aposento, conduzido por um guarda, Roberto Strozzi, grande amigo de Miguelângelo, acompanhado de Tomas Cavalieri, um homem de bela aparência e títulos honoríficos, cuja figura máscula destoava profundamente dos demais, todos senhores de meia idade, de carnes flácidas e aparência envelhecida.

Todos os olhares convergiam naturalmente para Biaggio, parado entre os amigos do papa e os dois cavaleiros que chegavam.

–Pois que! - exclamou o bispo arregalando os olhos para Tomás, reconhecendo nele a figura que havia inspirado o escultor, arquiteto e pintor de S. Santidade, na figura do Cristo em ascensão, nu, recebendo e julgando as almas no Juízo Final.

Sem dúvida alguma, via claramente que Tomás era o Cristo, tanto quanto a marquesa de Pescara representava Maria, com seu gesto de susto e piedade para com os condenados. Sua indignação atingiu o auge.

–Pois que! - tornou a repetir de forma estúpida, a grande barriga cobrindo o manto sacerdotal, a cabeça redonda, os olhos fuzilando de ódio, o rosto congestionado.

–Pela tua expressão, - falou o papa, - parece-me que estamos sendo atacados pelos mouros!

–Gravíssimo, prudentíssimo, Santo Padre, precisava falar-vos em particular.

–Biaggio Martinelli, se é assunto do Estado, folgaria que me procurasses nas horas propícias, se é assunto particular, creio que não poderia ter escolhido momento mais impróprio...

–Peço perdão, meu pai, mas preciso que me faças justiça. Estou ou serei ridicularizado, quando da inauguração da pintura de Buonarrotti. Este Fiorentino, com tal maldade tem agido para comigo, que venho recorrer ao seu belo espírito, pedindo sua proteção.

–Mas que língua é esta que estás falando, homem, como faço para que te entenda? Que te fez Buonarrotti, meu caro, para deixar-te em tal estado de ânimo? Os anos já se fazem duros para ele, para que eu entenda como pode comprar uma contenda com alguém que sabe ser tão duro com os inimigos, como tu, Biaggio. Fala, anda, eu te ordeno!

O prelado olhou ao redor, como que desejando que aqueles senhores se retirassem, mas o pontífice se fez mais rígido ainda nas suas palavras:

–Interrompeste-me, quando estou tratando de assuntos que me interessam, não fiques agora mudo, diante destes homens, que eles serão testemunhas de tua acusação, e também da justiça que te farei, frente a isto.

Biaggio sentiu-se estremecer por dentro, já que S. Santidade estava acompanhado da maioria dos admiradores e amigos mais queridos do escultor, mas, sempre impellido por ódio tal e pela perplexidade, instado com veemência pelo pontífice, continuou no seu ímpeto:

–Sua Santidade, tens visto a obra do Juízo Final, que está em sua fase de acabamento?

–Miguelangelo não quer ninguém entre os andaimes. Olha o que estás a fazer, de tal sorte não lhe açules a raiva, que bem pode prejudicarnos na inauguração do afresco, o que te custaria o pescoço curto! Quem te deu ordens para vigiá-lo? E quem te deu autorização para chegar até seu trabalho como um ladrão, escondido?

–Senhor, tudo o que fiz foi inspirado nos melhores sentimentos para com a honra de S. Santidade e seus prelados, pois fiquei sabendo e acabo de pessoalmente confirmar que Buonarrotti, não contente com a proteção auferida através de Sua Santidade, da paga que vem recebendo em favores, dinheiro e honrarias nesta corte, está, de forma injuriosa a retratar os membros desta nossa Roma de forma vil, infame, impudica. A maioria das figuras em gestos grotescos e terríveis, está completamente nua, mostrando suas partes pudendas, com tal naturalidade, que haverá de escandalizar não apenas Roma, mas o mundo inteiro terá muito a comentar da indulgência com a qual estamos nos conduzindo com relação a esta obra “artística”, que ficaria melhor numa hospedaria que numa Igreja!

–Cuidado, Biaggio, lembra-te dos Evangelhos. O Escândalo é necessário, mas ai daquele que o açula. Deve haver algo mais do que a nudez, para trazer-te a esta hora da manhã e de forma tão arrebatada à minha presença!

–Sim, há muito mais e será motivo de motejo, de toda Roma, o que este homem terrível maquinou contra mim e contra outros...

–Explica-te de uma vez!

–Buonarrotti, senhor, está a nos colocar como figurantes em sua obra, seja na figura de Jesus, de Maria, dos Apóstolos, de São Sebastião, com as flechas, de Santa Catarina, o que causará mais impacto do que a nudez despropositada de suas figuras humanas.

–E a quem ele está retratando especificamente, que te causou tanto alvoroço? - perguntou o papa Paulo, franzindo o sobrolho.

–Senhor, peço-te encarecidamente, pede a retirada destes senhores.

–Dize o que tens a dizer-me agora ou te cales para sempre. Deixa deste medo infinito, homem, moves-te até aqui para fazer uma acusação e agora temes o que? Diga logo a quem te referes especialmente? Estarias tu retratado entre os desgraçados condenados expostos em seu sofrimento pela genialidade de Miguelângelo?

–Senhor meu, a ti me recomendo, justíssimo e prudentíssimo. O escultor Fiorentino teve a ousadia de representar-se a si mesmo na pele do justo São Bartolomeu, e colocou-me, para meu opróbrio, nu, com orelhas de asno, na barca de Caronte, como Minos, o barqueiro que açula as almas. Além de utilizar-se de uma figura mitológica, incoerente com a Bíblia, teve o desplante de ofender-me e quer ridicularizar-me publicamente.

Tomás Cavalieri, ouvindo aquilo, abaixou a cabeça, mal contendo o riso, mas Roberto Strozzi não conseguiu segurar a risada que lhe escapou espontânea.

–Peço a S. Santidade que ordene a este homem horrível que desfaça o que está a compor. Serei motivo de ridículo de toda a sociedade romana, quando da inauguração do afresco. Apelo para os sentimentos de S. Santidade.

Papa Paulo passou as mãos sobre a cabeça, gesto característico seu quando preocupado com alguma ideia. Vinha ele justamente procurando, por todos os modos, amparar a Miguelângelo, apesar de algumas escaramuças com ele, desde que recebera a incumbência de continuar com os contratos feitos por Clemente VII e Leão X. Admirava muitíssimo o escultor, e estava com cuidados por ele, já que sabia da monstruosidade do esforço dispensado na elaboração de sua obra, e como era incansável, ora a laborar no mármore, ora nos pincéis. Ainda outra noite, à luz das velas, subira até os andaimes e vira pessoalmente a obra quase terminada. Encontrara o próprio pintor adormecido de cansaço sobre as tábuas, com a roupa de trabalho e se informara que ele mal andava se alimentando, tomando às vezes de um pão duro, fascinado com sua própria criação.

Lembrou-se da figura do barqueiro, que, na ocasião, lhe parecera familiar, e agora atentava como era o mesmo rosto redondo de Biaggio Cesena Martinelli.

–Sua Santidade, minha salvação pende de seus lábios. Ordene ao Fiorentino refazer a pintura.

Papa Paulo olhou para seus amigos circundantes, para Del Piombo que chegara a tempo de ouvir a petição do bispo e, maliciosamente, respondeu:

–Meu querido Biaggio, muito folgaria em poder obsequiá-lo com uma indulgência ou muitas, pois elas são vendidas nas esquinas. Mas a criação de Miguelângelo tem o beneplácito dos deuses. Ele é onipotente em sua criação, tanto é que tem resistido às investidas de quatro papas, e não serei eu indiferente a isto. Pelo que entendi, das observações de Dante e da Bíblia, Buonarrotti escolheu-te lugar nos Infernos, ou fora do Purgatório?

–Senhor, ele me colocou quase como o rei dos Infernos!

–Estás, pois, em lugar de destaque! Se ainda fora no Purgatório, talvez o pudesse salvar com algumas missas e ordens, mas no Inferno é impossível tirá-lo. Como sabes, meu poder não chega a tanto!

Biaggio ficou com a boca aberta, os olhos esbugalhados, mal querendo acreditar no que ouvira.

–Sua Santidade vai deixar que Buonarrotti faça pouco caso de um dos seus prelados, e que o ridicularize diante de toda Roma, sem fazer nada para impedi-lo?

–Prelados, bispos e cardeais posso criar da noite para o dia, meu caro Biaggio, mas não tenho poder para fazer um homem de tal valor como Buonarrotti. Creio mesmo que ele o haverá de imortalizar, e isto é mais do que você merece. - e, voltando-se para o guarda que acompanhara o bispo, ordenou:

–Traga-me aqui a guarda encarregada de tomar contados afrescos de Buonarrotti. Quero certificar-me de que mais ninguém interromperá ou incomodará a mim ou a ele, com a análise do que ele está a compor, de vez que o projeto já está aprovado. Anda!

–Senhor! Ainda maior escândalo causará, quando toda Roma souber que o Cristo, a quem devem adorar, na pintura do Fiorentino representa...

O bispo parou indeciso de continuar sua arenga, mas o papa ordenou:

–Continua!

–Representa este senhor que aqui vemos, o Sr. Tomás Cavalieri, que tem sido alvo das atenções de Buonarriotti, mais do que usualmente se permite aos gentis homens.

Aquela insinuação teve o dom de tornar rubras as faces tanto de Tomás, quanto do papa.

–Vejo que não foi a toa que Miguelângelo te colocou nos infernos, meu querido amigo Biaggio. - falou o papa com a voz firme e dura. - Já que ele precisava de uma figura, cuja beleza física lhe lembrasse a divina encarnação, muito folgo em ver que não se inspirou em ti para representar o filho de Maria! Em que pese seu afã maior para disseminar tanta miséria moral, tua visita matinal me tem causado grande prazer, por reconhecer que o peso dos anos não tem tido efeito maior na malícia do escultor. Contenta-se com uma coisa. A ser verdade tudo o que nos tem contado, devo informar-te que, se algo vier a acontecer a Buonarrotti, saberei buscar os causadores de seu infortúnio até nos infernos! Esperamos que sejas tão presto em ouvir-me, quanto foste, em vir pessoalmente trazer-me as notícias de suas investigações artísticas...

Ficava claro que o papa, percebendo o ódio que Martinelli tinha ao escultor, não apenas o defendia, como avisava o bispo que, se algo de mal acontecesse a Miguelângelo, ele será responsabilizado e condenado pelo fato.

Biaggio fez uma reverencia e retirou-se. Durante muitos dias a ideia de uma vingança lhe passou pela cabeça, diante da humilhação a que seria submetido, quando da inauguração do afresco publicamente, mas, conhecendo o ânimo e sabendo da sinceridade do papa, para com seus protegidos, ateve-se apenas a atacar o escultor com suas vibrações de rancor, noite dia.

A escolha de Buonarrotti, contudo, não fora fortuita, nem mesmo gratuita. Na verdade, a antipatia que nutria pelo bispo começara no instante mesmo em que o vira por primeira vez, por causa das ligações anteriores, em encarnações pregressas e a animosidade entre eles cresceu ainda mais, depois de uma altercação que haviam tido, certa ocasião, quando ele trabalhava na fábrica de São Pedro.

Com a morte do papa Clemente VII, sucedera ao trono pontifício Paulo III e o escultor se dispusera a terminar, finalmente, as estátuas da sepultura de Júlio II, segundo seu contrato com o duque de Urbino.

–Estás a trinta anos nesta obra, e agora, que eu sou papa, não penses em fugir a fazer o Juízo Final, por causa dela - falou o papa.

Quando Miguelângelo lhe fez ver a necessidade de cumprir o contrato firmado com os testamenteiros do antigo papa, Paulo retrucou:

–Eu estraçalharei este contrato, e estou disposto fazer qualquer coisa, para que me sirvas!

Indiferente à argumentações do escultor, um dia irrompeu em sua casa com dez cardeais, onde examinou admiradíssimo as estátuas da sepultura de Júlio e deteve-se encantado com o Moisés. O cardeal Mantova, não podendo conter-se, comentou arrebatado:

–Somente esta estátua já faria a glória de Júlio.

–Farei com que o duque de Urbino se contente com três estátuas. As outras duas que estão iniciadas serão terminadas com a orientação por Tomasso Fiesoli Scherano ou Rafael de Montelupo.

–Não gostaria de ver outras mãos que as minhas e de meus oficiais nestas estátuas. - falou intempestivamente Buonarrotti.

–O senhor nem pense em desobedecer a S. Santidade. -comentara acre Biaggio Martinelli, que acompanhara o pontífice.

Ora, Miguelângelo soubera aqueles dias que o bispo andara a falar dele, e de suas cartas a marquesa de Pescara, Vitoria Colonna, bem como andara a difamá-lo junto com seus amigos. Biaggio de Cesena Martinelli, mestre de cerimônia e pessoa cheia de hipócritas escrúpulos moralistas, com relação à sua amizade com Tomás Cavalieri, o difamava. Quem lhe contara fora Del Piombo e Baccio Tontini, seu amigo e seu médico.

–Sei que o senhor me arrancaria o pelo, por este pecado mortal, tanto quanto eu lhe arrancarei sua língua, se continuar a falar de mim, com a familiaridade e maledicência que não lhe permito! - redarguiu o escultor, acrescentando. - E, se Sua Santidade o tiver por intermediário neste negócio, creia-me que a coisa toda estará de todo muito mal..

Foi preciso que o cardeal Montova intervisse, pedindo ao mestre Biaggio que se retirasse, o que ele fez relutantemente.

A partir daquele dia, a animosidade entre o escultor e aquele homem aumentava, de tal sorte que, após a feitura do Juízo Final, com muita insistência, conseguiu, finalmente, que o papa fizesse com que um outro pintor viesse a cobrir com panos pudicamente desenhados os nus do

escultor, arquiteto e pintor Fiorentino. Mas tal só se deu dois anos após a morte de Buonarrotti. **(O encargo foi dado a Daniel de Volterra, em 1564, pelo papa Pio IV e, por isto, recebera o nome de “braghettone”.**

Infelizmente raspou os sexos e a restauração pelo Japão, não pode recuperar o que era original. Com a morte do mesmo, Girolano de Fano continuou no pontificado de Clemente XIII (1758-1769) e Stefano Pozzi cobriu outras figuras.)

A falsa moralidade do mestre de cerimônias não se deteve, nem mesmo diante do argumento que outros nus já estavam na capela, nas cenas da Criação do Mundo, pois reconheceu entre eles a figura esbelta e loira de Leonardo da Vinci, e a mesma de Tomás Cavaleiri. Para ele isto era um insulto terrível e, enquanto viveu, não fez outra coisa senão perturbar o escultor com sua maledicência e suas vibrações.

Em consequência disto, dias após haver-se avistado com o papa, para pedir sua intervenção, a fim de retirar sua figura do Juízo Final, Buonarrotti foi acometido de uma infecção na perna, que lhe causou muitas dores.

Foi preciso a intervenção de mais alto, orientando seu médico e o amparo direto de Massaccio e de sua mãe, para que não a perdesse.

Mas, tangido por fortes dores, que o achacavam, contudo, ele procurou não diminuir o ritmo de seu trabalho, com seus vinte auxiliares, entre os quais contava com não poucos necessitados e cultores do belo.

Entre eles, seu melhor amigo era Antonio, que era seu servo e que o acompanhou até seus últimos dias de sua existência, e cuja dedicação e amizade mereceria, por si só, toda uma obra literária.

CAPÍTULO XXII- ACAIACA E FERNANDO D'AVILA

O calor era sufocante, e a janela permanecia fechada.

Miguelângelo debatia-se em meio às cobertas, enquanto seu espírito desdobrado conversava com Lourenço de Médici e o papa Júlio II.

Ambos estavam ao seu lado, e a aparência deles não era muito agradável. Era difícil para o escultor ver seus dois amigos naquelas

condições tão adversas. Lourenço, com a roupa em frangalhos, e Júlio, com o rosto um tanto quanto congestionado.

–Em que poderia auxiliá-los? - perguntou o Fiorentino.

–Querido amigo, - falou Lourenço - em meio às nossas conversas e vitórias, sei que tenho a meu favor, todo o amparo que dei às artes e ao cultivo das ciências, com as figuras mais proeminentes da cultura mundial, mas a violência da batalha de Pazzi, a morte de meus desafetos, após o massacre de Juliano, me perseguem, dia após dia.

–Também as batalhas impetradas por mim, - falou o antigo pontífice. - e a ferocidade com a qual açulava meus homens vivem a cobrar-me tristezas.

–Mas, como poderia eu auxiliá-los?

–Sempre auxilia, com sua presença, com o que de bom emana de você, quando nos recorda, das palavras que diz, das suas visitas. - falou Lourenço. - Procura meu Juliano, ampara Leão X. Ao menos, você encontrou na arte o escudo a protegê-lo da violência e do uso da força. Outros de nós ainda não conseguiram se libertar do desejo de mando, do poder, das riquezas...

–Você se refere a quem? Alguém em particular?

–Sim. Pessoas que a nós dois interessam, pela ligação do passado. Hoje nos informaram que iremos vê-los em suas jornadas, que permanecem paralelas às nossas, e, eu diria, tão cheias de percalços, quedas, vacilações e torpezas quanto as minhas. - falou o papa Júlio II. - Viemos buscar-te. Vem!

Miguelângelo não desejava seguir seus dois amigos, pois a presença deles, apesar do carinho que lhes sentia, causava-lhe angústia. Mas uma força maior que a sua o impelia a obedecer.

Não sabia explicar para onde se dirigia e quem eram os seres cuja presença sentia, mas que não identificava, que os direcionavam.

Viu-se em um local diferente, exótico, estranho. O ambiente era rústico, reconhecia uma civilização totalmente estranha, caminhava por longas estradas de pedras justapostas, e via montanhas altas, sentindo a rarefação do ar. Não caminhava, era como que se deslizasse, sem tocar o solo.

Chegou a um local bastante alto, onde as nuvens cobriam parte das construções soberbas, feitas de pedras. Sentiu um profundo respeito por

aquele local, que ele não sabia identificar.

Viu homens guerreiros, com indumentária de couro, com adereços de ouro, sendo levados, de forma rude e violenta, por entre os caminhos, tangidos por homens que, pela armadura, pareceram-lhe espanhóis.

Como podia ver assim, a distância, ao mesmo tempo em que estava assistindo a entrada triunfal de uma jovem índia, (pois pareceu-lhe uma índia, sem dúvida) num corredor extenso, ao som das lanças que batiam a rocha pura do subterrâneo, guardado por monges, (assim lhe foi sugerido mentalmente) vestidos de branco,

Eles a saudavam, como se ela fosse alguém de ascendência superior, de alguma nobreza ou destaque.

–Acaiaca! Acaiaca! Acaiaca!

–Ela! - murmurou o escultor, percebendo que sonhava e que, nos sonhos, via alguém que amava, que sabia quem era, mas que não podia definir no momento.

A jovem passou com a cabeça erguida, uma saia de couro, tipo egípcio, colete de metal e couro, um chapéu tipo mitra na cabeça, saudada pelos guerreiros, à luz dos archotes.

O escultor queria perguntar o que estava acontecendo, pois, mesmo com uma certa liberdade, devido ao desdobramento espiritual, era-lhe difícil definir que estava do outro lado do oceano, a ver a princesa da casa real inca, e, à distância, os conquistadores espanhóis, liderados por Pizarro, acompanhado por Fernando D'Àvila, irmão de Tereza D'Àvila, no saque e perseguição ao silvícola, do Peru.

Mas, do mesmo modo que a vira, à distância. Também reconheceu nos dois homens, com armaduras reluzentes, antigos companheiros de suas andanças reencarnatórias.

–Eles, novamente juntos!

Reconhecia, sabia, mais interiormente, do que a nível consciente.

–Enquanto você ascende pela arte, Miguelângelo, eles se endividam mais, pela conquista.

–Os três juntos, de novo.

–Não exatamente juntos. A programação seria esta, mas ao voltar a alma esquece, lembra-te? Os ensinamentos platônicos, o mundo das ideias, é este, onde estamos agora...

–Marta, Mário, Sextílio! **(Miguelângelo, que fora Silas, cuja vida foi descrita no livro De Mario a Tiradentes, reconhecia na jovem princesa inca e nos dois espanhóis, seus amigos e desafetos do passado)**

O choque da revelação foi tão grande que seu espírito foi tomado de uma vertigem e sentiu que mãos queridas o amparavam. No mesmo tempo, desaparecera de sua visão as figuras que via e também não mais sentiu as presenças de Júlio II e de Lourenço. Agora era Massaccio que o conduzia a um local que muitas vezes visitava. Uma cidadela com museus estupendos, onde espíritos dedicados à busca do belo, trocavam seus conhecimentos, analisavam suas impressões, enriqueciam-se. Para ele, cada visita ao local era uma excursão de prazer e encantamento.

–Massaccio! Que bom estar aqui! Mas, e eles?

–Estão como tu, como eu, como todos, aprendendo em circunstâncias diferentes.

–Por que não posso estar com eles?

–Melhor para ti, Miguelângelo.

–Mas Marta e Sextílio estarão novamente juntos...

–Sim. Porém temo que não superarão os obstáculos da diferença de raças, e classes, tal como ontem. Ainda há muita vaidade e orgulho entre eles...mas, em matéria de vaidade, quem não a tem, não é?

Massaccio o convidava a adentrar o salão vasto, que se seguia ao hall do largo edifício, e Miguelângelo deixou-se emudecer, ao observar a beleza dos quadros e esculturas que adornavam o vasto aposento, iluminado de forma indireta e que emitia tanta irradiação, que era impossível não se deixar arrebatado por sensações mais elevadas e nobres. Ele ainda pensava nos três amigos que acabara de ver, com o auxílio de Lourenço e Júlio II, mas as suas emoções, com relação a eles, já não eram tão grotescas e tão pesadas, quanto as que sentira a momentos.

E, acompanhado de outros aprendizes e instrutores, deixou-se arrebatado pelas noções que lhe eram transmitidas, pelo ensinamento que lhe enriquecia a alma.

Muitas vezes, antigos amigos vieram buscá-lo à noite, para andanças noturnas, mas a imagem da princesa inca e dos dois conquistadores espanhóis, voltavam nítidas, fortes, marcantes, à sua memória, muitas vezes, quando desperto, sem que pudesse explicar-lhes a origem e o impacto que lhes causavam à alma.

CAPÍTULO XXIII- MORTE DE MIGUELÂNGELO- (1562)

No dia 31 de outubro de 1541 foi finalmente descoberto o painel do Juízo Final, e todos puderam apreciar a gigantesca pintura que custara ao escultor, arquiteto e pintor tanto trabalho, tantas desditas e tantas disputas, a ponto de impedir-lhe a concretização das esculturas que tinha em mente fazer. Então ainda sofria a pressão dos herdeiros do papa Júlio II, na entrega da sepultura.

Biaggio Martinelli tudo fazia para impedir a apresentação pública do Juízo Final, desde que se reconheceria na figura do barqueiro Caronte, junto às figuras encaminhadas ao inferno. Paulo III, contudo, não se deixava influenciar por ele, e, jocosamente respondia às suas argumentações e investidas. Miguelângelo sempre conseguira aprovação dos diversos pontífices, apesar das imensas rusgas e discussões havidas, devido ao seu gênio franco e arrogante, que não permitia a ninguém opiniões sobre seus projetos, fossem na área da arquitetura, escultura ou pintura. Havia conhecido Alexandro VI, Pio III, Júlio II, Clemente VII e agora via sua fama e apoio crescerem mais e mais sob o amparo de Paulo III.

Apesar do escândalo que os nus robustos e em movimento causariam à população de Roma, quiçá do mundo inteiro, finalmente, na noite natalina, dia 25 de dezembro de 1541, o imenso afresco do Juízo Final, que ele iniciara, na mesma época do encontro com Vitória Colonna, era apresentado oficialmente. **(*) Ainda trabalharia sob o amparo de Júlio III, Marcelo II, Pio IV e Paulo IV.**

Sempre as obras do Mestre haviam causado impacto, mas aquela haveria de abalar os alicerces de Roma. Tomás Cavaleiri foi reconhecido na figura do Cristo, bem como a marquesa de Pescara, Leonardo, Miguelângelo, Biaggio Martinelli e muitos outros.

Não tendo conseguido intervir na apresentação pública do afresco, Biaggio tentou convencer a Daniel de Volterra, amigo e aluno de Buonarrotti, para que diminuísse o impacto dos nus, colocando-lhes panos.

–Tampar os sexos? Ocultar os seios, vestir as carnes dos ressurretos, é de uma burrice ímpar, meu amigo. - comentara o escultor de maus modos, pois havia sido agredido com palavras tais por um bando de

falsos moralistas, que, se não fora pelo contrato para fazer novos afrescos na Capela Sistina, por certo, estaria num daqueles arroubos de insatisfação. E dou-me por pago de por-lhe no afresco um bom par de orelhas de asno, com o que premiar sua intervenção na minha pintura!

Era verdade. Não contente com o retratar Biaggio, na figura do barqueiro dos infernos, o personagem que cobrava pelo transporte, obrigando os infelizes a fazer o seu serviço, além de o colocarem pelo, e com os olhos arregalados, ainda o presenteara com duas estupendas orelhas de asno, o que lhe valeria, pelo tempo afora, muito ódio daquele bispo.

Daniel riu muito e tratou de preparar junto com o servo Antonio as vasilhas com os pigmentos. Tanta gente a desejar-lhe o posto, tantos detratores e inimigos, que ele não sabia como o escultor conseguia, no seu gênio intempestivo, sobreviver às artimanhas de tantos e angariar cada vez mais a admiração entre os artistas e os homens de bem, os nobres, clérigos, reis, duques, condes que circulavam pelo Vaticano.

Tudo isto recordava Daniel, vendo o escultor já com 88 anos, malhando com tenacidade sua Pietá Rondanini.

Neste instante, adentrara o ambiente o nobre Tomás Cavalieri, que vinha tomando aulas de escultura com o Mestre.

Miguelângelo parou uns instantes, olhando o cavalheiro bem posto, robusto, olhar triste, cabelos sobre os ombros, que o observava com um misto de amor e admiração. Estava ele já com idade madura, e aquela amizade comentada em toda Roma, durava mais de duas décadas. O escultor escrevia-lhe poemas cheios de encanto e platonismo, e Tomás, sempre que podia, ia ter com ele, fazia-lhe favores, apresentava-lhe seus amigos, encomendava-lhe tarefas.

–Meu amigo, não é melhor descansar um pouco? - perguntou o nobre, percebendo que o escultor sentira-lhe a presença e interrompera as tarefas.

Miguelângelo desceu do suporte que o mantinha, esculpindo o rosto do Cristo e sorriu, enxugando o suor da testa com uma toalha.

–Que bom vieste. Quero pedir-te um favor... - fez um sinal a Daniel, que lhe trouxesse a pasta de esboços e desenhos.

–Prometa-me que, tendo eu partido, cuidará pessoalmente da construção das escadas do Palácio do Senatório. Outro dia ouvi que estão

tentando modificar o projeto. Há que se ter as duas escadas laterais e o patamar da entrada. Combina com a torre única, com as janelas, com o comprimento do prédio. Ela dar-lhe-á equilíbrio. (*) **O projeto é semelhante ao prédio do Museu da Inconfidência em Ouro Preto.**

–Sempre preocupado com a alteração de seus desenhos originais. Sempre cuidado que não lhe alterem a obra. - falou Tomás com um sorriso, tomando-lhes os desenhos com carinho.

–Prometa-me! - falou o escultor com um cansaço estranho na voz.

–Se isto o faz feliz. Eu prometo.

–Sei o que isto significa. - falou o escultor fitando-o com um olhar firme e triste. - Fico-lhe grato.

–Meu amigo, o que me pedirias que eu não te faria? - respondeu Tomás com um sorriso.

Neste momento, o escultor vacilara, como que tomado por uma tontura.

Daniel, Tomás e Antônio ampararam.

–Por que se desgasta tanto? - repreendera Daniel.

–Sei, sei. Pensas que não me é enfezo saber que andam a querer adular com paninhos o que desenhei com tanta dificuldade? Pensas, caso, Daniel, que não conheço que Nanni di Baccio Bigio vem brigando para ter-me o posto, e que, se não fora o grã-duque Cosimo Del Médici, ele já se instalara no meu cargo?

–Se sabes disto, debes também estar informado que o grã-duque considerou que ofenderia seu mérito colocar este homem em teu posto, e que não teve pejos de responder-lhe isto mesmo em carta de 19 de abril de 1562, e que vem citar isto mesmo, a fim de ouvir de teus amigos que ninguém poderá tomar-te o lugar, quer como pintor, como escultor ou como arquiteto, já que, para não dizer como homem e como amigo, junto a ninguém e menos ainda junto a qualquer de nós. - falou Tomás com malícia, fingindo zanga, a fim de ver-lhe a melhora no sorriso de satisfação que colheu.

–Deixa-te de zangas, que vamos crer que estás ficando velho. - comentou Daniel, enquanto Antonio insistia que seu senhor repousasse um pouco.

Naqueles dias, ele pedira a Daniel que escrevesse ao sobrinho Leonardo, informando que viesse vê-lo, pois não estava se sentindo muito bem.

O Natal houvera deixado seu rastro de luz e cores nos corações, mas o cansaço de Buonarrotti era tão evidente que todos temiam que ele partisse de uma hora para outra. Deste modo, os amigos não o deixavam sozinho. Antonio se desvelava ao seu lado, e ele ficou na sua casa de Marcel de Corvi, perto do foro Trajano. Aqueles locais eram como que tão familiares, que ele não pensava mais em sair dali, apesar das saudades imensas de Florença, pelo que ela representava, nas lembranças da mocidade vivida junto a família Médici.

Realmente Daniel Volterra e Tomás Cavalieri estavam com razão.

Depois daquele dia, Miguelângelo não mais escrevia ou esculpia. Sentia faltar-lhe as forças. Estava bem próximo o seu aniversário. Iria completar 89 anos, mas não desejava mais nada, desde que não conseguia mais realizar seu trabalho, naquele sentido de vida intensa e cheia de vigor que desejava.

Àquela manhã, Tomás foi chamado com insistência pelo servo S. Antonio.

–Sei que o senhor, mais do que ninguém se preocupa com ele. Daniel não lhe sai do lado, Paulo III se preocupava, mas ele melhora quando lhe vê.

Tomás tomou a capa e saiu apressadamente, acompanhado de um servo, tomou seu cavalo e, elegantemente, atravessou as ruas até o foro Trajano.

Enquanto isto, Miguelângelo estava tendo uma de suas alucinações de moribundo. Via ao seu lado seu pai Ludovico, seu mano, alguns amigos, dentre eles, Lourenço de Médici, Júlio II, sua mãe, Vitória, a sempre bela e querida marquesa, e um jovem grego que ora lhe aparecia como seu antigo rival Leonardo da Vinci, ora como alguém que não saberia dizer quem era. Pela sua tela mental, desfilava como se vivo fosse uma figura majestosa. Ele a reconheceu imediatamente:

–Moisés!

Sim! A sua estátua, finalmente, criara vida! Ele ria, em meio aos delírios, ora falava com Antonio, e Daniel, ora dirigia-se a figuras que somente ele via.

–Ninguém podia saber ao certo o que o fazia rir ou o que o tornava sério às vezes.

Moisés lhe estendia às mãos, no seu traje hebraico, as sandálias a mostrar os pés fortes e musculosos, as mãos bem feitas, soltando as barbas longas e encaracoladas, o cabelo ao vento.

–Os chifres! Os chifres! - falou Miguelângelo, bem no momento que Tomás atravessava a porta.

Por um momento pareceu ver o amigo, e, ao mesmo tempo, seu Moisés no quarto.

–Sabes o porquê dos chifres? - perguntou como que se dirigindo ao recém chegado, e como se ele também visse o “seu” Moisés.

Sim. Tomás sabia. Ele mesmo lhe contara um dia, entre os muitos colóquios que os dois tinham, de franca camaradagem, amizade tão intensa que ninguém podia já compreender.

–Sim!

–É da Cabala do anjo Metraton do antigo Egito. Ele é da Cabala e este anjo tem dois chifres! - comentou o escultor, sem der entendido a não ser pelo querido amigo que lhe tomava as mãos, acalmando-o de seu delírio. -Olha meu Moisés! Está vivo! Está vivo!

Daniel lembrou-se da lenda que corria por Roma. Ao terminar Moisés, o próprio Buonarrotti admirou-se tanto de sua figura, que parecia como que viva dentro da rocha, que tratou de dar-lhe com o martelo no joelho, exclamando quase em êxtase, quase loucura:

–Fala, Moisés!

–Fala, Moisés! - repetiu Buonarrotti com um sorriso perdido na barba suarenta. Depois, olhou para todos e, como se se despedisse, repetiu lentamente:

–Antonio, Daniel, Tomás, Diomedea Leoni, e com os olhos embaciando pela chegada da morte...Vitória, Leonardo.

–Ele chama por seu sobrinho. - comentou Daniel.

Mas o escultor admirava-se de ver ao pé de sua cama, a figura esbelta e clara do seu presumido rival, Leonardo da Vinci, que, junto com outros companheiros, vinha buscá-lo para o retorno à Pátria Espiritual.

CAPITULO XXIV- NO PLANO ESPIRITUAL

Quase um século de vida intensamente vivida e os antigos companheiros de Roma, sob o amparo de seus mentores espirituais, faziam um balanço de seu progresso naquelas andanças.

Leonardo da Vinci era sempre uma figura ímpar e, embora não compreendido por sua época, junto a querida Lisa, programava novas encarnações para divulgar o belo e o progresso.

Buonarrotti progredira tanto que suplantara em muito os que lhe haviam sido mestres. Acompanhava os passos de Tomás Cavalieri, que cumpriu sua promessa, levando a efeito a construção das escadas do Senatório Romano, tal como ele havia desenhado. Interessante observar que quando o prédio da Câmara e Cadeia de Vila Rica foi desenhado por uma clara sincronicidade, repetiu-se a semelhança do antigo Senatório Romano, com sua torre única, suas amplas janelas, suas colunas de sustentação, seus dois pavimentos, as esculturas sobre os beirais, e, sobretudo, as duas lindas escadarias laterais.

Aleijadinho, então, houvera dado ao arquiteto a ideia das escadas laterais. Maurício ficara indignado:

–Mestre dar uma ideia sua para aquele tihoso ajudante do senhor governador...

–Deixa disto, Maurício. Mais vale o prédio que os homens. E, se a obra for boa, um dia será usada para uma boa causa, que não a de abrigar tantos infelizes.

Realmente, o antigo nobre Tomás Cavalieri, agora como amigo e irmão, escultor e companheiro de Aleijadinho, na figura do escravo Maurício, ainda achava que defender a autoria e a integridade de uma ideia que atravessara os séculos, para se corporificar em pedra, entre as chibatas do tenente, a insensatez de cunha de Menezes e os poemas indignados de um outro Tomás, antiga e nova testemunha da grandeza espiritual de Buonarrotti.

Mas a Europa atravessava um período dantesco. Tramava-se um banho de sangue sem precedentes na História da Humanidade. A chacina dos cristãos em Roma seria reeditada por um membro da família Médici.

Em razão disto, Cosme, o velho, Lourenço, avô da rainha da França. Catarina de Médicis, e outros trabalhavam incansavelmente, no tentame de evitar o pior.

–Conheci-a, menina ainda, durante o cerco que fizeram em Florença,- comentava Buonarrotti, com o amigo Fernando D`Ávila com a princesa inca Acaiaca, com Leonardo, o papa Júlio II. Ela portou-se com dignidade e coragem. Como podem os anos ter adulterado tanto sua personalidade? Como entender? Foram as humilhações infligidas por seu marido, mantendo as ligações amorosas com Diana de Poitiers, ou as maquinações da corte que a puseram em tal atitude de intolerância religiosa, e verdadeiro ódio aos huguenotes?

–Não creio possamos impedi-la. - disse eu abatido com meus próprios erros, na audácia da invasão ao santuário inca de Machu Pichu.

–Realmente, creio que fiz uma boa escolha, quando optei pela pobreza, pela arte, e pelo trabalho no belo. - comentou Buonarrotti sem afetação. - Poder, dinheiro, armas jamais me trouxeram os benefícios que esta última jornada granjeou.

–Mas, nem por isto, deixaste de fazer também um tanto como militar, no esforço da defesa das cidades. - deixou escapar Lourenço.

Nas semanas que antecederam a chacina conhecida como “noite de São Bartolomeu”, muitos foram os espíritos engajados nas tarefas de iluminação do palácio de Catarina, junto a Carlos IX, ou ao duque de Guise e Coligny.

Infelizmente, nada pode ser evitado, pois as dívidas do passado, o livre arbítrio, a intolerância religiosa, e o endurecimento de Catarina impediram qualquer recurso superior. E a noite de São Bartolomeu, cruenta, incompreensível, deixou suas marcas sangrentas na Europa, do mesmo modo que as conquistas portuguesas iam juncando de cadáveres indígenas as praias e Machu Pichu mergulhava num silêncio impenetrável, e até hoje incompreensível, numa denúncia muda do genocídio de um povo, remanescentes da antiga Atlântida, irmão do povo egípcio, cujos conhecimentos até hoje assombram o mundo.

No Plano espiritual, diversos espíritos interligados pelos laços de afetividade, programavam novos retornos à carne, juntos ou separados, para a evolução de seus espíritos, para novos elos de amor, que viessem a

desatar antigas rivalidades, ódios e incompreensões, que se perdiam no pó das antigas civilizações e continentes submersos.

II PARTE

CAPITULO I - EM MINAS - MARÍLIA DE DIRCEU.

“QUANDO AS TROPAS DE D. PEDRO I CHEGARAM PARA OS FESTEJOS, FORAM ACLAMADAS COM ALEGRIA PELO POVO. NÃO PASSOU A ELE DESPERCEBIDA A FAMA DE DONA MARILIA, A MUSA DO INCONFIDENTE DR. TOMÁS ANTONIO GONZAGA. MUITA GENTE VINHA DE LONGE SÓ PARA VÊ-LA OU FALAR COM ELA.” (Confidencias de um inconfidente- pág. 376- 14ª. Edição.)

Corria o ano de 1824. Marília bordava um lindo quadro de santo Alberto, para doar de presente a uma sua prima, quando foi interrompida por sua sobrinha Francisca. Ergueu os olhos devagar, observando a formosa jovem que adentrara:

–Tia, papai quer falar-lhe.

–Diga-lhe que entre, querida. Ah, me faz um favor., Francisca. Guarda-me estas linhas e agulhas, na caixa. Recolhe o pano.

Marília entregou o tecido que vinha bordando às mãos da mocinha. Francisca era-lhe uma companheira muito querida. Era filha ilegítima de seu irmão José Carlos, com uma jovem com a qual não se consorciara. Marília, não concordando em entregá-la aos cuidados do padre Francisco Ferreira de Araújo, que já praticamente criara as duas filhas de Joana Evangelista, com a qual tivera não poucas altercações a respeito, pediu que lhe fosse entregue a menina. Afeiçãoara-se-lhe, mas percebia a tristeza que lhe vinha do olhar jovem, pela preterição paternal, de vez que seu irmão não dava muita atenção à juvenzinha. Francisca também se ressentia da velha amizade de Marília com a prima, quando se via muitas vezes excluída da conversa. Tinha grandes olhos castanhos escuros, cabelos lisos castanhos claros. Não era muito alta, mas com o corpo tão bem feito, que muitos eram os rapazes atraídos por sua figura. Além disto, era dedicada, caprichosa em tudo que fazia, inteligente, curiosa, e possuía um espírito crítico que a fazia sempre conversar com uma graça natural e espontânea.

Marília puxou a cortina de renda, fazendo que o ambiente ficasse mais escuro, enquanto percebia que a sobrinha deixava-se ficar, guardando com tanto vagar suas coisas, como a espera de ver melhor aquele que era seu pai.

Daí a instantes, adentrou o ambiente amplo da casa onde o irmão José Carlos Mayrink da Silva Ferrão Era um homem alto, de elegante porte, olhos de um castanho cor de mel, cabelos ondulados, com a idade viril e uma leve semelhança com minha querida, quer pelos lábios bem formados, quer pelo rosto redondo e expressivo.

–Meu querido, o que ocorre para vires tão cedo a visitar-me? Se soubesse que virias teria pedido a Maria Rosa para tratar de preparar teus doces prediletos. Francisca, - disse, dirigindo-se à sobrinha. - vem abraçar teu pai.

A sobrinha, que só esperava por isto, fez uma reverência e estendeu as mãos, mas o recém chegado puxou-a para si, comentando:

–Estás cada dia mais linda e encantadora, e se a vida continuar a obsequiar as “moças” daqui, toda a província não terá mais sossego.

–Pelo que sei, - falou minha musa, sentando-se. - não temos tido muito sossego, desde a posse de D. Pedro I, e a monarquia sonhada já perigou de Norte a Sul. Não me digas que vens por causa dos boatos alarmantes que nos vêm do Norte?

Uma escrava entrava na sala com um bule de café coado na hora e José Carlos coçou os olhos, demonstrando que andara perdendo o sono.

–Lembra-te do que te falei, ainda outro dia? O movimento revolucionário continua em Pernambuco, com Pais de Andrade e Manuel de Carvalho.

–Mas o imperador não havia escolhido já o Marques do Recife para empossar-se no governo? É preciso parar de vez com tantas dissensões, senão todo o Brasil se esfacela, meu irmão.

–Eu sei, você sabe, toda a província das Minas sabe e quer conciliar as pessoas presentes, mas os revoltosos buscam amparo no Ceará, na Bahia, no Pará e em todo o Nordeste. Tudo isto é lembrança do movimento abortado em 1817, minha querida, mas há mais.

–Não me digas que eles estão tendo apoio em Minas. Virão mortes, meu mano, estou certa que virão. D. Pedro I para consolidar a república

conta com os militares estrangeiros. Melhor seria se isto terminasse com um acordo com ele.

–Acho muito difícil do modo como os ânimos estão acirrados. Os pernambucanos não aceitaram o barão do Recife, e a deputação apresentou uma petição a 14 de maio ao Imperador.

–Não sei o que isto tem a ver consigo, meu irmão. - falou Marília preocupada, enquanto eu adentrava o ambiente, acompanhado pelo Aleijadinho e Cláudio Manuel da Costa.

Eu estava a par dos acontecimentos e estávamos trabalhando ativamente, pois a Confederação do Equador, apesar dos projetos libertários e idealísticos de Frei Caneca, Saldanha, João Soares Lisboa, arrebanhando também os veteranos amigos do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e José Pereira Filgueiras iria fracionar os territórios brasileiros, de forma desastrosa. Com respeito a isso, havíamos tido um encontro no Plano Espiritual e contávamos com o irmão de Marília, para servir de mediador no caso, a fim de evitar derramamento inútil de sangue e a ruptura do território nacional. Ismael, apreensivo, recebera do Cristo ordens de impedir o andamento da conjura, mas apaziguar os ânimos seria realmente difícil, como havia comentado o irmão de minha amada.

–Acabo de receber um mensageiro do Rio de Janeiro. D. Pedro I me escolheu como terceiro Presidente da Província. Devo tomar posse e apaziguar os ânimos, e, em caso de necessidade, prender os mais exaltados.

–Não, meu pai! - ouviu-se uma voz firme e aterrorizada.

Marília voltou-se. Era sua sobrinha que falara, e deixara-se cair em prantos sobre a cadeira.

Marília acudiu e tocou a sineta. Vieram aias prestativas. Maria Rosa levou a mocinha para o quarto em prantos.

–Meu Deus, parece que isto não termina nunca! - falou minha noiva, lembrando todo o duro episódio das prisões em Vila Rica, de nossa separação, de nosso filho, da fuga de Queiroga, da chegada dos quartos do alferes, das festas recentes com a vinda do Imperador. – Por que me procuras? - perguntou olhando para o irmão, cheia de preocupação.

–Quero um conselho teu. Achas que posso mesmo fazer algo, resolver isto, de algum modo, sem que haja mortes? Por que, se achas, eu irei. Sempre me deste bons conselhos.

–Que posso eu saber, senão que não poderás impedir que haja mortes? Quando o sonho toma um punhado de bravos, quem pode impedi-los de sonhar e lutar? Choram as mulheres e crianças, mas o poder os encegasse. Se crês que podes auxiliar, sem que o Brasil se fracione, sem que haja mais mortes, estaremos orando por ti. Porém, se perceberes que estão irredutíveis, não queiras te transformar em herói. Não precisamos de mais heróis, nesta terra. Necessitamos crescer, lembrando aqueles que já nos deram suas vidas.

–Ora por mim, cuida de Francisca, e de todos. Partirei ainda hoje.

A resposta de nosso amigo vinha bem de encontro com nossos desejos a respeito. Um mineiro daquela cepa, um homem como aquele poderia, com ajuda nossa, quem sabe, impedir o mar de sangue a que ameaçava invadir as ruas de Recife, onde se acirrava cada vez mais os brios do povo. A conciliação era nosso desejo, de toda a província de Minas, e pendíamos de um acordo que o irmão de Marília pudesse conseguir. Deste modo, aquele mês de maio, que me lembrava aquele outro, quando eu partira manietado, trazia-me de retorno à casa de minha bela, para buscar um velho amigo, na continuidade das lutas.

José chegou a janela e chamou um homem que ficara à porta, à espera por um sinal. Entrou o mensageiro imperial e ele foi até o quarto da irmã, onde grafou sua resposta, pôs-lhe o sinete da família e remeteu, dando ciência de que aceitava a incumbência, a S. Alteza Imperial.

Assim que ele saiu, Marília dirigiu-se ao oratório da casa, acendeu uma vela e pôs-se a orar. Francisca, sem prantos, ajoelhou-se ao seu lado.

–Ah, tia, que ele não morra!

–Não morrerá, minha filha! Sossega! Deus pode mais!

Passou-se o mês de maio e chegou junho. As notícias vinham desencontradas. Todo o esforço de José Carlos era avaliado por tibieza e covardia, ele evitava tomar posse naquele clima de radicalismo. O presidente da Bahia, ouvindo-lhe os argumentos, Francisco Vicente Vianna, havia declarado que repeliria as ideias de Pais de Andrade, ou qualquer de seus emissários que ali aportassem. No Ceará, contudo, com a adesão ao movimento de figuras ilustres, como Alencar Araripe, Filgueiras e pe. Loiola Albuquerque Melo, de Quixeramobim, as vilas e cidades do sertão começaram a aderir.

O imperador enviava uma esquadra com o comandante Taylor, um inglês, que levantou o cerco do porto de Recife, e retornou aos insurrectos. Sentindo-se forte, Pais de Andrade proclamou a Confederação do Equador, e começou a agir como um governo independente, abolindo o tráfico negreiro. Americanos residentes em Recife, influenciavam-no.

Ninguém ouvia os protestos de prudência de José Carlos, que teve que voltar a Minas Gerais. **(Moraria em Recife, onde, mais tarde, casou-se deixando numerosa descendência.)**

O povo exultava, pensando que haviam se livrado do “sultão”, como nomeavam a D. Pedro I, mas a 2 de agosto a reação imperial se fez sentir, sob o comando do almirante Cochrane. Partiram as forças navais, enquanto as de terra ficavam sob a direção do brigadeiro Francisco Lima e Silva.

Um mil e duzentos homens desembarcaram nas costas de Alagoas, em Maceió, para invadir as províncias que haviam aderido ao movimento: a Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará.

Na segunda quinzena de agosto, Cochrane chegava a Recife. Os meses de março, abril, agosto setembro e novembro são demarcadores importantes de todos os eventos políticos do país. A escritora inglesa, Maria Graham, professora da filha de D. Pedro I, estava em Recife e foi encarregada de tentar dissuadir os insurrectos. Ela escreveria em seu diário sobre suas esperanças e da pobreza das tropas dos revoltosos, bem como da teimosia em ouvi-la de Carvalho. **(Manoel de Carvalho Pais de Andrade.)**

Em setembro, após encarniçada luta, Recife se rendia a Lima e Silva, com a queda dos últimos bairros revoltosos, Santo Antonio e Boa Vista. Diante do inevitável, Pais de Andrade e Falcão de Lacerda, seu comandante de armas, fugiram na corveta inglesa Tweed, para o estrangeiro. Frei Caneca, vestido de soldado, embrenhou-se pelo sertão.

Alencar Araripe e João Soares Lisboa morreram em combate; Filgueiras, ferido, morreu, quando era transportado como prisioneiro para o sul.

Quando chegou o dia 19 de novembro, a rebelião fora dominada, e eu esperei que Marília dormisse para demandarmos o Plano Maior, no tentame de impedir mais mortes.

–Querido! - disse-me ela, tão logo o torpor do sono a tomou. -
Que saudades!

–Marília, vem!

Voltamos junto com Maria Rosa e alguns amigos, e a caminho ela me perguntou:

–Achas que José Carlos poderia ter evitado o golpe?

–Não, minha querida. Ele fez o melhor, porém nossos amigos do Nordeste estavam resolvidos a tudo. Creio que teremos a reedição do sofrimento de Tiradentes e mais mortes se darão, para tristeza nossa.

–Se, ao invés de José Carlos, outro fosse o presidente escolhido por D. Pedro, achas que este outro conseguiria melhores resultados?

–Minha querida, o que andas a cismar? Crês que ele não fez o melhor? Estás te inculcando de o haveres incentivado na ida para o Nordeste? Marília, querida, nem penses em tal, não sofras deste modo, nem te inculpes. A ambição inglesa e americana os atizou para a luta. É quase impossível deixar de atrair as águias e leões para uma presa tão indefesa e rica como o Brasil, minha querida.

–Ah, Tomás, quanto tempo sofreremos ainda, até vermos o ideal pátrio consolidado?

–Demore o tempo que demorar, não desanimaremos. No Nordeste se preparam aqueles que realizarão a República. Eu mesmo tornarei para dar impulso à Abolição. Minas novamente nos verá unidos, quando ativarmos a capital central. A constituição e a defesa do Norte nos encontrarão atentos, em meio às artimanhas internacionais que se armarão, usando os países vizinhos e por nosso código de conduta, então, querida, ninguém mais poderá impor-nos este sofrimento que aguardamos nestes dias. Preciso de ti, para que influencies a mente e a alma da amante de D. Pedro I, a marquesa de Santos, a fim de que ele a ouça, no perdão aos sublevados.

Tanto Marília, quanto os demais membros de nossa caravana, trataram de buscar a residência dos membros da corte no Rio de Janeiro, no tentame de encontrar misericórdia para os rebeldes.

Porém nossa tentativa foi inútil. Os chefes foram condenados à morte. Morreram na forca em Recife, Antonio Macário, Lázaro de Souza Fontes, Antonio de Monte Oliveira, Nicolau Martins Pereira, o norte

americano James H. Rogers, e o major dos pretos Agostinho Bezerra Cavalcanti.

Em Fortaleza, o padre Mororó, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luis Inácio de Azevedo, Feliciano José da Silva Carapinima, e João de Andrade Pessoa Anta.

Em razão da condenação, procurei Marília, em pleno dia, no tentame de conseguir impedir a morte de mais três pessoas, na cidade do Rio de Janeiro. Minha querida estava em meio às primas e sobrinhas, em conversa amena, quando foi tomada por um entorpecimento estranho. Recostou na marquesa que ficava ao lado do piano na sala e adormeceu, em poucos instantes, vindo ter comigo.

–Querida, vamos!

Ela me atendeu solícita e, sabendo o que nos impulsionava, tratou de buscar a marquesa de Santos.

A mulher estava aborrecida com os últimos acontecimentos, com as tramas da corte e ouviu-lhe as sugestões mentais com dificuldade.

(Durante seu primeiro casamento a Marquesa de Santos (Domitila de Castro Melo) morara em Ouro Preto.)

–Impeça a morte de Ratcliff! - pedia-lhe minha noiva, obedecendo minha informação quanto a sentença do mesmo.

A marquesa a princípio tentou expulsar a ideia que lhe vinha a mente, mas Marília insistiu com tanto carinho que houve um momento que ambas pareciam uma única pessoa, tanto ela se lhe infiltrava no campo vibracional. Não demorou e a marquesa tratou de demandar o palácio imperial decidida. Conseguiu ser recebida pelo Imperador, mas, quando finalmente lhe fez o pedido de clemência para com os mesmos, soube que a ordem fora expedida e que nada mais poderia ser feito.

Realmente foram enforcados no Rio de Janeiro, João Guilherme Ratcliff, o maltês Metrovich e o pernambucano Joaquim da Silva Loureiro. Em Recife, a morte de Frei Caneca causou tanta celeuma que ninguém o quis enforçar. Foi, por isto, arcabuzado, fuzilado pelo pelotão, demonstrando até o fim sua inabalável coragem.

–Olha! Titia dormiu. - falou Francisca, vendo que Marília estava recostada na marquesa, após ter acabado de tocar um minueto.

–Pobre querida! Anda tão aborrecida com as mortes da insurreição pernambucana!

–Pudera! Todo lhe lembra o passado! - comentou a prima.

Rosa Maria, tomando uma almofada, acomodou-lhe a cabeça pendida, e todos saíram da sala, deixando-a descansar.

QUADRO COLOCADO NO ÁTRIO DOS TÚMULOS DOS INCONFIDENTES.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA- Ouro Preto.

A Inconfidência Mineira foi a primeira tomada de consciência de que somos uma Nação e o primeiro movimento em prol de nossa independência. Seu programa para dar-nos um Brasil livre e capaz, de proporcionar melhores níveis de vida, de dignidade humana e de felicidade pessoal a todos nós incluía os seguintes pontos:

1-Independência política e administrativa, que alcançamos em 1822, 30 anos após a sentença contra os Inconfidentes.

2- Constitucionalismo que obtivemos ainda com D. Pedro I em 1824.

3-Libertação dos escravos o que nos forçaria à importação dos imigrantes, e teria dado grande progresso ao país, como deu ao Norte dos Estados Unidos. O 13 de maio de 1888 veio coroar um longo processo de libertação da escravatura.

4-Educação em todos os níveis e com franquias, para todo e qualquer cidadão. O processo iniciado com D. João VI teve amplos esforços por parte de D Pedro II e é uma das metas prioritárias do Brasil de hoje.

5-Interiorização da capital, para que melhor afirmássemos nossa soberania sobre nosso solo e dele extraíssemos maiores benefícios. O processo teve início com a transferência da capital do país para Brasília em 1960.

6- O regime republicano, que instauramos em 1889, um século justo sobre a prisão dos inconfidentes.

7- Independência econômica, especialmente através da introdução de indústrias. É o grande processo do Brasil de hoje.

CAPÍTULO II - EM MINAS-DE AKENATON, TIRADENTES, DOM BOSCO E JK.

“...TÍNHAMOS ENTRE OS NOSSOS UM MULATO JOVEM, QUE ERA CONCEITUADO E BENQUISTO NAQUELAS REGIÕES, EMBORA NASCIDO NO RIO DE JANEIRO. ERA O SENHOR SALVADOR CARVALHO DO AMARAL GURGEL, QUE, JUNTAMENTE COM O TIRADENTES E O DR. DOMINGOS VIDAL BARBOSA, TRATARIA DOS FERIDOS EM CASO DE COMBATE E INICIARIA AS DIREÇÕES DOS PRIMEIROS HOSPITAIS E PRIMEIRAS FACULDADES DE MEDICINA, DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS NATURAIS E DIREITO. ERA JOVEM, CONTANDO APENAS 28 ANOS, MAS SENTIMOS QUE PODIA SE CONFIAR NELE. TODPS HAVIAM SIDO ARREBANHADOS, POR ASSIM DIZER, PELO PE. TOLEDO POR RESIDIREM PRÓXIMO A SÃO JOÃO DEL REI, APENAS O GURGEL FICAVA EM VILA RICA, E FORA TRAZIDO PELO TIRADENTES. ”(CONFIDENCIAS DE UM INCONFIDENTE, PÁGS. 180/181- 12ª. EDIÇÃO.)”

“E, sem saber como, encontrei-me em uma estação de ferro, onde estava reunida muita gente. Tomamos o trem e eu perguntei ao meu jovem guia onde estávamos. Notai Bem! Olhai! Viajamos em direção as Cordilheiras... (D. Bosco, a seguir relata o martirológio de dois missionários mortos a tacape pelos índios)... Por muitas milhas uma enorme floresta virgem e inexplorada. Não só descortinava ao longe as Cordilheiras, mas via até as cadeias e montanhas isoladas, existentes naquelas planícies imensuráveis e as contemplava em todos os seus menores acidentes...Aquelas da Nova Granada, da Venezuela, das Três Guianas, as do Brasil, da Bolívia, até os últimos confins. EU ENXERGAVA DENTRO DAS PROFUNDESAS DAS MONTANHAS E NAS REENTRÂNCIAS DAS PLANÍCIES. TINHA SOB OS OLHOS AS RIQUEZAS INCOMPARÁVEIS DESSES PAISES, AS QUAIS UM DIA SERÃO DESCOBERTAS. VIA MINAS DE METAIS PRECIOSOS, DEPÓSITOS DE CARVÃO FÓSSIL, JAZIDAS DE PETRÓLEO TÃO ABUNDANTES COMO NUNCA JÁ SE VIRAM EM OUTROS LUGARES.

MAS ISSO NÃO ERA TUDO. ENTRE OS PARALELOS DE 15º de 20º HAVIA UM LEITO MUITO LARGO E MUITO EXTENSO QUE PARTIA DE UM PONTO, ONDE SE FORMAVA UM LAGO. ENTÃO, UMA VOZ DISSE REPETIDAMENTE: QUANDO ESCAVAREM AS MINAS ESCONDIDAS NO MEIO

DESTES MONTES, APARECERÁ AQUI A TERRA PROMETIDA ONDE JORRARÁ LEITE E MEL, SERÁ UMA RIQUEZA INCONCEBÍVEL.

E ESTAS COISAS ACONTECERÃO NA TERCEIRA GERAÇÃO. (DOM BOSCO)

No dia 7 de março de 1500 o rei D. Manuel deu ordens para o preparo das esquadras que demandariam as terras desconhecidas do Ocidente.

Dia 21 de abril de 1500 aportava na Bahia a esquadra comandada por Cabral. Agora chegara o dia 14 de março de 1789 e a Câmara ouvira perplexa a notícia da suspensão da derrama das mãos do Visconde de Barbacena. Esta data programava a outra que se daria a 21 de abril de 1792, a da morte do Tiradentes, mas não o sabíamos, então.

Rememorei o quanto os idos de março eram funestos ao Brasil, tanto quanto à Roma, com a morte de Júlio César, o sobrinho de Caius Marius, que fora o Tiradentes em outra vida.

A tarde se fazia quente, prenunciava chuva. Veio me visitar o Dr. Salvador Gurgel, amigo do Tiradentes e partícipe do movimento. Trazia-me um rapazote de uns dezessete anos, que procurava um emprego em Vila Rica.

–Este é Saturnino da Veiga. Veio do Rio de Janeiro, como eu mesmo. Em busca de melhores colocações. Tem conhecimentos gerais amplos, sabe escrituração, tem boa letra... foi-me adiantando o amigo, enquanto o rapazinho, acanhado, me fitava, com evidentes sinais de admiração e simpatia.

–Sentemos e tomemos algum refresco. - falei eu, pedindo a Antonia que nos servisse algo, pois o calor era esfuziante.

Veio a boa serva a obsequiar-nos com algo da despensa. Enquanto ouvíamos o tropel dos cavalarianos a subirem a rua, em direção ao pelourinho.

–Como estou para ausentar-me de Vila Rica, temo que não consiga os bons ofícios de influência. - falei, sem, contudo, querer desesperançar o moço. - Creio que deverei encaminhar-te ao nosso amigo Luis Veríssimo (**Foi o mesmo ancestral do escritor Érico Veríssimo.**) ou ao Bandeira, bem como ao Dr. Diogo.

Sempre se tem necessidade dos ofícios de bons copistas, seja nas Igrejas, seja na Câmara ou mesmo entre particulares...

Tratei de tomar de um papel e grafei um recado de apresentação que o mocinho levasse ao Dr. Diogo Vasconcellos, e pedi a um servo que o levasse à asa do mesmo.

Era o modo que tinha de ficar a sós com o Gurgel.

Tão logo Saturnino saiu, depois de tentar me beijar as mãos, o que obstei, sentei-me desanimado na cadeira.

—Estou com o livro do Tiradentes sobre as Constituições Americanas e o procurei para devolver, sem encontrá-lo. - falou o amigo, como a puxar o assunto que nos incomodava.

—Com a suspensão da derrama tudo se perdeu. Que não te encontrem com o livro ou isto se fará de molde a te inculpar. Diga-me— perguntei com uma ideia a martelar-me a mente. - este jovem que saiu daqui é de confiança? Crês que ele passaria pelas milícias sem ser molestado e poderia levar consigo algum documento ao Rio de Janeiro?

—Saturnino deve-me alguns favores, e é um rapaz corajoso, cuja palavra identifica um arraigado amor ao Brasil, bem como de uma honestidade invulgar. Ele te admira. Creio que, por ti e não por mim, faria qualquer coisa que lhe pedisses.

Fiquei a meditar uns instantes. As Cartas Chilenas, que estavam sendo procuradas por toda a parte, por ordem do Barbacena, deviam ser entregues a pessoas de minha confiança, Cláudio, o Veríssimo, Marília, e, se o perigo aumentasse, porque não o Saturnino?

—Se ao menos tivéssemos certeza de que o Rio, São Paulo, Goiás, Bahia se levantariam. Se, ao menos, a derrama servisse de estopim ai movimento, como o imposto do chá...

—Sei o que pensas. E tudo o que ideamos rui por terra, a Nova República, a Constituição, a Libertação dos negros, a Educação com as universidades, a interiorização da capital, a Independência econômica, com a implantação das indústrias, tudo parece ruir, como um castelo de cartas...

—O povo está sempre à espera de alguém que os empurre às suas metas. Nós fazemos a História, mas hoje, mais do que nunca, sei que ela nos sufoca, seja pelo passado, seja pelos homens envolvidos. Prometa que hás de bem esconder os livros que possam te inculpar, porque, não tenhas

dúvidas, logo estaremos na enxovia. Bem que eu devera ir-me a Bahia, ao invés de estar atado aqui...

–Achas que deverias partir para o Rio de Janeiro?

–Creio que a mão real não te alcançaria lá? Não creio na piedade dos nobres. As estradas estão guardadas, nós estamos sendo vigiados. Não me tragas mais aqui o rapaz Saturnino, pois, a servir-me dele, de algum modo, melhor que não liguem sua figura à minha pessoa...

–Estás pessimista demais. A derrama foi suspensa, sim, mas por tempo indeterminado. Quem sabe, mais tarde, poder-se-á articular algo...

–Tiradentes quer que o Rio de Janeiro seja o estopim do movimento. Ele acredita ter força entre seus pares militares, e os comerciantes do Rio, que têm ligação com a Metrópole... mas eu sinto já o baraço ao pescoço. Acordei, como que sabendo que tudo ruiu. Conto falar com o Barbacena, mas não sei...

A guarda do Rabelo passou pela janela e tive um arrepio de preocupação, que não passou despercebido ao Salvador.

–Confio que seus presságios não se concretizem, senhor desembargador. – falou ele, tentando levantar-me o ânimo abatido. Haveremos de fazer tudo quanto ideamos. Temos amigos, companheiros, nosso ideal, nosso valor e a complacência dos céus. Faremos a Constituição, a República, a Abolição. Construiremos a capital em Goiás, veremos as Universidades instaladas, as indústrias...

Eu o olhei com profundo respeito e carinho.

–Sonhamos demais. É um programa tão amplo este, que seria preciso que tivéssemos dez vidas para tanto.

–Dez ou cinco, três ou sete, o que importa? Nós o juramos, nós o faremos!

–Mas, amigo doutor. Meu rapaz sonhador, pelo brilho do seu olhar, eu acredito que consigas, apesar de tudo hoje me parecer funesto. Folgaria de saber que muitos escaparão das malhas da corte, no aprisionamento e perda, e me felicitaria que estivesse entre estes. Deste modo, é bom que não te vejam em minha companhia.

–Dr. Gonzaga, o senhor está a exagerar nos cuidados...

–Gostaria de estar. Pensa, contudo, que, quaisquer que sejam as circunstâncias, sempre poderás contar com meus pobres préstimos,

enquanto teremos que adiar tua tarefa no socorro aos feridos, de vez que a luta foi postergada...

–Não fales deste modo. Haveremos de nos ver ainda...

–Sem dúvida, meu irmão e amigo. Hoje cuidas de pensar as feridas das minhas esperanças, possa eu um dia pagar-te de algum modo...

Conversamos ainda mais algum tempo, e depois, quando o exílio de dez anos nos aproximou em Moçambique, muitas foram as recordações daquele dia.

Quando Marília me avisou das prisões que haviam sido feitas no Rio de Janeiro, através de Valeriano, fiz encaminhar minhas Cartas Chilenas, ao companheiro Saturnino da Veiga, que me fora apresentado pelo Gurgel. Consoante aquilo que me predizia o amigo, o rapaz se houve com muito zelo, levando para a capital do rei meus pergaminhos de denúncia, sendo um dos guardadores do meu “tesouro literário”, para as gerações futuras. Em razão disto, seis apógrafos foram recuperados para a posteridade.

–“Todos voltarão! Todos voltarão! - profetizaria tempos depois o amigo Aleijadinho. Como discutir com ele?”

Em Moçambique, Gurgel visitava-me regularmente. Tentou, após dez anos de exílio, retornar à pátria, mas não o deixaram.

–Voltar a Minas é um sonho impossível. - disse-me ele desiludido com o embargo aos nossos requerimentos.

–Nem me pareces mais o jovem doutor que disse que faríamos tudo quanto havíamos planejado. - respondi a mangar com ele.

–Deus é quem sabe! - falou ele com um sorriso no rosto.

Somente com ele confiava meus sonhos com Marília, minhas cartas ao Ferreira França e ao Porto, no Rio de Janeiro, o amparo do Dr. Tomás Freitas Belo, de Vila Rica. Somente a ele confiava minha tristeza pela venda dos negros, o quanto precisaria lutar para libertar-me daquele tráfico da família de Juliana, meus pesadelos com meu pai...de outras vidas. Somente com ele sedentava-me nas lembranças doloridas, alentava os sonhos, procurava levantar o ânimo abatido. Aquele amigo, que me chegara na última hora, durante os conciliábulos em Ouro Preto, era o companheiro mais moço que me alentava a vida, o ombro onde, às vezes chorava meu desespero, o que ouvia meus poemas, o que partilhava das poucas notícias que me vinham de Portugal e do Brasil, ou das lutas em

Londres, com o Correio Braziliense de Hipólito da Costa*, amigo daquele cadete Vieira Couto, que eu defendera do “Padela”. **(O Correio Braziliense foi transladado para Brasília, na presença da primeira dama Sra Sara Kubistschek, quando da inauguração da mesma.)**

O tempo correu sobre nossas vidas, apagando-as, até que um amigo de nome João Nepomuceno criou a revolucionária Companhia Popular de Diamantina, atendendo o apelo de Rui Barbosa. Lincoln Kubistschek, então se dedicava as letras. Abriram fogo contra a escravidão, labutaram pelo ensino. João suprimiu a palmatória, chegou a senador, assinando a primeira constituição Política Republicana do Estado de Minas Gerais, em 1891. Era a primeira geração de um modesto imigrante, carpinteiro e marceneiro, checo.

Seu filho, Augusto Elias, foi avô de Juscelino Kubitschek de Oliveira. A segunda geração daquele imigrante deu a professora pública, mãe do estadista, e, da terceira geração, como profetizara Dom Bosco, viria aquele que transformaria a capital do Brasil, na Capital da Esperança, Brasília.

Com vinte e oito anos, tal como em Vila Rica, era médico. Trabalhara no telégrafo, para conseguir o diploma. Dois anos depois de formado, com os conselhos de Júlio Soares, estagiou em Paris, Viena e Berlim, Grécia, Egito, Síria, Líbano, Turquia, Áustria e Tchecoslováquia, Bélgica, Inglaterra, Itália, Espanha, Portugal.

No Catete, participa com Getúlio Vargas, e vai ser cirurgião na Polícia Militar Mineira. Com a revolução de 1932, liga-se a Benedito Valadares, que o levaria a secretaria do Governo, quando assumisse, e depois, como deputado. A prefeitura de Minas, com um amplo programa de ação, o governo do Estado, tudo levado por motivações íntimas, que não conhecem nem óbices, nem temor. Os programas concretos surgem de algo indefinido em seu interior, num impulso emocional que atinge a razão em certezas diretas. Sempre o diálogo aberto com o povo, sempre seguro nos temas de suas campanhas, sempre o desenvolvimento como meta. Quando completou seu trajeto no estado, como governador, afirmando sem rebuços e sem vaidade: “Não me arreceio de olhar-vos de frente, de sentir-me de consciência tranquila diante de vós.” Apoiava-se no triângulo do passado, presente, futuro, em ações instintivas e intuitivas.

Foi quando a morte de Getúlio o encontrou para exemplificar a covardia de todos. Foi o único governador a prestar-lhe homenagens.

Infâmias, calúnias, difamação, intimidação por um documento que lhe mostrava que as forças armadas se opunham a sua candidatura à Presidência da República. De emboscada em emboscada, sem medo, correndo riscos, apresenta seu programa de metas. Encontra velha, com 167 anos, a ideia de transferir a capital do Brasil, com a localização já definida. Em Jataí, uma pessoa do povo lhe cobra a construção. Em mais de mil comícios, instado pelo Plano Espiritual, outras pessoas simples do povo, lhe cobravam a ousadia do projeto.

O teimoso marechal Floriano Peixoto, quisera transferir a capital, nem que fosse em barracas, O presidente Epitácio Pessoa, no centenário da comemoração da independência do Brasil, lançara a pedra fundamental, mas ele é quem realizaria o esforço, ele que fora um republicano como Juliano de Médicis, ele que fora amigo e companheiro de Miguelângelo, e amparador de Leonardo da Vinci (que idealizara a primeira cidade com ruas que não se cruzavam, amplas, modernas, prédios com vários andares, na sua concepção urbanística.) Ele, cujo berço conhecera as suntuosidades faraônicas, e a tristeza de Minas, que aportara como terceiro na geração de um imigrante, na época, que sedimentaria um King (Mather Luter), um Kennedy(John Fitzgerald) e amigo de um antigo Koeler (engenheiro militar construtor de Petrópolis). Ele, que sempre soube o que queria. Sempre soube querer, e cuja determinação firme explica Brasília, aponta porque nunca se deixou dobrar ante o FMI, e nem se rendeu ao Parlamentarismo. Ele que aceitou o plano de Lúcio Costa e Niemeyer, que fez a inauguração com uma cruz de pau Brasil e a missa rezada do mesmo dia do descobrimento, em 3 de maio de 1957. Ele, que comprara ao Museu Inconfidente os objetos do alferes Xavier, e que profere o discurso oficial de inauguração, sob o som do sino que tocara na execução de Tiradentes, dizendo: “ NESTE DIA, 21 DE ABRIL CONSAGRO AO ALFERES JOAQUIM JOSE DA SILVA XAVIER, O TIRADENTES, AO CENTÉSIMO TRIGÉSIMO OITAVO ANO DA INDEPENDÊNCIA E SEPTUAGÉSIMO PRIMEIRO DA REPÚBLICA, DECLARO, SOB A PROTEÇÃO DE DEUS, INAUGURADA A CIDADE DE BRASÍLIA, CAPITAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.”

Este homem só pode tomar posse de seu cargo, devido a honradez e alto ideal patriótico de um homem, o general Teixeira Lott.

Voltava Juliano de Médici. Voltava Salvador Gurgel. Voltavam os inconfidentes à luta.

Agora que o desenvolvimento se desacelera, impondo mais elementos de injustiça social, é bom revermos algumas datas de março e abril

- 07.03.1500- Prepara-se a armada com D. Manuel I.
 - 21.04.1500-Cabral aporta na Bahia.
 - 14.03.1789- Suspensão da derrama.
 - 21.04.1792-Morte de Tiradentes.
 - 07.03.1821-D.João VI resolve voltar a Lisboa.
 - 14.03.1821-Noite da Garrafadas.
 - 08.04.1831-Abdicação de D. Pedro I.
 - 14.03.1955-Promessa construção de Brasília.
 - 21.04.1960-Inauguração Brasília.
 - 13.03.1964-Comício da Central do Brasil.
 - 01.04.1964-Golpe militar depõe Jango Goulart.
 - 14.03.1985-Véspera da posse de Tancredo Neves.
 - 21.04.1985-Oficializa-se a morte de Tancredo Neves.
 - 14.03.1990-Sarney/Collor confiscam 142 bilhões dólares.
 - 25.04.1992-Renuncia ministério Collor.
 - 13.03.1998-Morre Geraldão (big) marqueteiro.
 - 19.04.1998-Morre Sergio Motta.
 - 13.03.1999-Normas do FMI.
 - 21.04.2000-Estouram escândalos econômicos.
 - 13.03.2001-Internacionalização da Amazônia.
 - 14.03.2001-Usinas a gás. Compra US-p/manter real.
 - 21.03.2001-Normas FMI para Amazônia.
 - 18.04.2001-Antonio C. Magalhães nega ver lista painel.
 - 21.04.2001-Ameaça apagão.
 - 26.04.2001-ACM viu a lista.
 - 01.04.2002-Lula sobe a rampa.
 - 03.2003-FMI apoia Lula.
 - 21.4.2003-Invasão do Iraque.
 - 03.2003-Escândalos do governo.
 - 21.04.2003-Mais escândalos: Waldomiro, Meirelles, Jucá.
- DE LÁ PARA CÁ SÓ PERDÕES AOS PAISES QUE NOS DEVEM,
AUMENTO DE MINISTERIOS, SECRETARIAS, CORRUPÇÃO, MENSALÃO E

ENRIQUECIMENTO ILÍCITO DAS “AUTORIDADES.”

Estamos a espera de um outro 21 de abril, neste país de tantas misérias e dissensões, desde que o fatídico mês de agosto pôs um ponto final a jornada do companheiro de Diamantina. Era mais um ato daqueles que vivem demonstrando claramente sua intenção de permanecerem dispostos a afastar-nos da senda de desenvolvimento e da democracia.

Melhor lhes seria espelharem-se nas palavras deste mineiro que honrou seus compromissos de antanho, quando grafou:

“Ao aproximar-se o término do seu mandato venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio à luta que travei, para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional.

Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República, não faltei a um só dos compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinquenta anos de progresso, em cinco anos de governo. Pude ainda através da operação Pan Americana, despertar as esperanças e energias dos povos americanos, para o objetivo comum de combate ao subdesenvolvimento. E todo esse esforço culminou no cumprimento da meta democrática, quando o nosso país apresentou ao mundo um admirável espetáculo de educação política, que me permite encerrar o mandato, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a todas as prerrogativas constitucionais.

Sejam quais forem os rumos de minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso posto que me confiou a vontade popular, o firme propósito e de continuar servindo ao Brasil, com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos. (Juscelino Kubitschek- Brasília 1961).

E este século que assistiu tantas transformações, ainda nos emociona ao lembrar o povo em Congonhas, deitado no chão, para impedir o traslado das estátuas do Aleijadinho, para Nova York, e a ausência deliberada de Niemeyer à inauguração da exposição pretensamente apoteótica, “Do Aleijadinho a Niemeyer”, enquanto o resolute amigo de Juscelino, firme em suas posturas nacionais, amparava o velho amigo e professor, massacrado pela lama injuriosa de seu tempo, Dr. Joaquim Cardoso, com o obséquio simples de cuidar-lhe a velhice.

Nestes testemunhos de afeto e candura, silenciam-se todas as vozes ditatoriais que se erguem, de vez em quando, na presunção dos déspotas do poder de todos os tempos.

E, sem perdermos a serenidade, nem nos submetermos à pressão do capitalismo internacional. Confiamos que não se retardarão as reformas sociais verdadeiras que se iniciaram neste país, não o paternalismo dos bolsas-voto.

Observamos sorrindo, que a biblioteca de JK, no Memorial guarda dois livros que se nos interligam: O Tratado do Direito Natural de minha autoria, e as “Cartas Chilenas, fontes textuais” de Tarquínio José Barbosa de Oliveira, meu amigo e confidente “Doroteu.”

FIM.